U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Vila Algarve
Um Monumento na Memória da Cidade

Beatriz da Silva Ferreira

M

2023

U.PORTO

Beatriz da Silva Ferreira. Vila Algarve. Um Monumento na Memória da Cidade

Vila Algarve. Um Monumento na Memória da Cidade
Beatriz da Silva Ferreira

M.FAUP **2023**

FACULDADE DE ARQUITETURA

vila algarve

Um Monumento na Memória da Cidade

Beatriz da Silva Ferreira

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Orientação
Professor Doutor Luís Soares Carneiro

2023

Nota prévia:

A presente dissertação segue um modo de leitura double page, acompanhando quase sempre o texto com ilustrações presentes na página oposta.

As imagens utilizadas foram editadas, apresentando, na sua generalidade, alterações em relação às originais.

As citações transcritas que estejam numa língua que não a língua portuguesa foram traduzidas livremente pela autora de forma a não perturbar a leitura fluída e coerente.

agradecimentos

Ao Professor Doutor Luís Soares Carneiro pelo acompanhamento e disponibilidade e por ter acreditado, neste projeto e em mim.

A todos que ajudaram diretamente na concretização desta dissertação, na partilha de conhecimentos, impressões e material necessário para a elaboração deste trabalho.

À minha família, sem o vosso apoio e amor incondicional não seria possível ter chegado tão longe. Aos meus pais, que sempre deram tudo que estava ao seu alcance para me verem concretizar os meus sonhos. À minha mãe, Sandra, pelo amor e apoio constante e por me fazer sempre rir. Ao meu pai, José, por sempre acreditar em mim e nunca me cortar as asas, estando sempre de braços abertos quando cometo erros. Ao meu pai, Fernando, por me ter acolhido, desde que me conheceu, com amor de pai, por estar sempre presente para acalmar todas as crises e pela incondicional paciência de esperar que o tempo arrume as prateleiras. À minha mãe, Ália, por puxar sempre pelo meu potencial e nunca me permitir contentar com menos. Aos meus irmãos, Pipo e Sofia, por serem o meu maior orgulho e por me inspirarem todos os dias. Aos meus avós, Fernando, Eugénia e Domingos, sei que estarão sempre a olhar por mim aí de cima, espero deixar-vos sempre orgulhosos. Aos meus avós, Cajabo, Avelino e Lucília, por serem uma fonte inesgotável de amor e inspiração. Aos meus tios e primos, por serem sempre a minha maior claque em tudo o que faça.

Aos meus amigos, aqueles que estiveram presentes desde sempre, aqueles que a faculdade me proporcionou e aqueles que fui encontrando pelo caminho. À Teresa, ao Samuel e ao Coelho, por se terem tornado família, pelas conversas intermináveis, pelo apoio e ajuda constante, e pelas “jolas” acompanhadas sempre de risos e cumplicidade.

Por fim, à cidade de Maputo, a minha primeira casa.

O meu muito obrigada

abstract

Maputo is the current capital of Mozambique, one of the largest of the five former Portuguese colonies in Africa. Prior to its independence in 1975, Maputo was called Lourenço Marques, a tribute to the Portuguese explorer. At the time, it quickly developed into an example of a cosmopolitan city.

In a city so rich in Portuguese architectural heritage, there is one building that stands out in a rather dark and obscure way: Vila Algarve, a villa commissioned by businessman José dos Santos Rufino, and later owned by the PIDE-DGS, thus becoming its official headquarters in Lourenço Marques.

The desire to reintegrate this building, with such a dark identity, into the city and its daily flows led to the dissertation topic presented: **"Vila Algarve. A Monument in the Memory of the City"**.

This dissertation aims to help change the negative view of this architectural object. Following an in-depth historical and architectural study, a design proposal is presented with the ultimate aim of highlighting three key points: rehabilitating and transforming the building so that Vila Algarve becomes a Monument open to the community, maintaining its historical reference as an element of living memory for current and future generations and creating a new space in which every experience lived there becomes new memories that become positive, happy references with an impact on the future dynamics of the project.

With this design solution, a monumental space is created that encompasses the various themes of this type of architectural solution, as well as a memorial that portrays the history of the building and the creation of a new cultural space, while also resolving its structural problems, which are damaged due to their degraded state.

This dissertation presents itself as an exercise in observation, understanding and transformation of an architectural object that, despite its notorious dark presence in the city, tells a story, belongs to a community and could be a generational landmark for its future.

resumo

Maputo é a atual capital de Moçambique, uma das maiores das cinco antigas colónias portuguesas em África. Previamente à sua independência, em 1975, Maputo tinha o nome de Lourenço Marques, uma homenagem ao explorador português. Na época, rapidamente se desenvolveu, tornando-se, assim, um exemplo de cidade cosmopolita.

Numa cidade tão rica em património arquitetónico português, existe uma obra que se destaca de uma forma bastante sombria e obscura: a Vila Algarve, uma vivenda mandada construir pelo empresário José dos Santos Rufino, e posteriormente pertencente à PIDE-DGS, tornando-se a sua sede oficial em Lourenço Marques.

O desejo de querer reintegrar este edifício, com uma identidade tão sombria, na cidade e nos seus fluxos quotidianos levou ao tema de dissertação apresentado: **"Vila Algarve. Um Monumento na Memória da Cidade"**.

A presente dissertação pretende contribuir para a mudança da visão negativa associada a este objeto arquitetónico. Na sequência de um profundo estudo histórico e arquitetónico, apresenta-se uma proposta projetual que tem como objetivo final realçar três pontos determinantes: transformar o edifício de forma a que a Vila Algarve se torne num Monumento aberto à comunidade, manter a sua referência histórica como um elemento de memória viva para as atuais e futuras gerações e criar um novo espaço em que cada experiência ali vivida se transforme em novas memórias que se convertam em referências positivas, felizes e com impacto na dinâmica futura do projeto.

Com esta solução projetual é criado um espaço monumental que engloba as diversas temáticas deste tipo de solução arquitetónica, assim como um memorial que retrata a história do edifício e a criação de um novo espaço cultural, resolvendo ainda os seus problemas de estruturas, danificadas devido ao estado degradado em que se encontram.

Esta dissertação apresenta-se como um exercício de observação, de compreensão e de transformação de um objeto arquitetónico que, apesar da notória presença sombria na cidade, contém uma história, pertence a uma comunidade e pode constituir um marco geracional para o seu futuro.

índice de acrónimos

CNN - Cable News Network.

ISCTE-IUL -Instituto Superior de Ciências de Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa.

MFA - Movimento das Forças Armadas.

ONU - Organização das Nações Unidas.

PIDE - Polícia Internacional e de Defesa do Estado.

PIDE-DGS - Polícia Internacional e de Defesa do Estado - Direção Geral de Segurança.

PIP - Polícia Internacional Portuguesa.

PVDE - Polícia de Vigilância e Defesa do Estado.

RTP- Rádio e Televisão de Portugal.

SIPA - Sistema de Informação para Património Arquitetónico.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

sumário

resumo [pág. 007]
índice de acrónimos [pág. 009]

1.introdução
estímulo [pág. 017]
estrutura [pág. 018]
estado da arte [pág. 020]

2.memória
situação colonial [pág. 030]
guerra colonial [pág. 039]
pós-independência [pág. 049]

anexo a

3.vila algarve
dualidade de Maputo [pág. 055]
necessidades da envolvente [pág. 061]
memória descritiva atual [pág. 066]

anexo b

4.monumento
memorial VS monumento [pág. 077]
programa [pág. 087]
estratégia de intervenção [pág. 091]
projeto [pág. 097]

anexo c

5.considerações finais
considerações finais [pág. 115]
referências bibliográficas [pág. 116]
referências iconográficas [pág. 119]



Imagem [001] - Sala de Castigo da PIDE.
Malangatana Ngwenya,
28-6-1965

Alguma vez
um cigarro aceso sentirá o delicioso sabor de te fumar de repente o ombro direito?

Pois
sobre isso eu juro
que tudo é pura mentira.

Juro
que nunca um cigarro LM
apagou sua idiossincrásica boca de lume
no calor escuro da minha omoplata.

E também juro
que nunca plagiei um cinzeiro moçambicano sentado a cheirar o bafo da própria cinza com o subchefe de brigada Acácio um Deus fantasmagórico
envolto na especial nuvem de tabaco mistura de Virgínia
com pele.

E também confesso
que se esta invenção tivesse acontecido muito provavelmente seria em mil novecentos e sessenta e seis à tarde numa certa ***Vila Algarve***
enquanto pela duodécima vez eu abanava a cabeça e dizia: - Não sei!

Por acaso
a mancha desta mentira está. Não sei se é uma medalha. Mas não sai mais.

Não sei se é mentira
José Craveirinha
Cela I
1980

1.introdução

estímulo [pág. 017]
estrutura [pág. 018]
estado da arte [pág. 020]



Imagem [002] - Mãe África,
Malangatana Ngwenya
1992

estímulo

A prática da arquitetura envolve sempre uma componente pessoal intrínseca, quer seja na memória de obras que visitamos e acabamos por usar como referências, quer seja pela análise e descrição da nossa própria prática da arquitetura. O interesse por este tema surgiu exatamente dessa componente pessoal fulcral para a produção desta dissertação, juntando ainda a curiosidade e a ambição de colmatar algumas lacunas do meu percurso académico.

Moçambique é - e sempre será - um lugar bastante estimado por mim. Foi o país que me viu nascer, o primeiro local a que chamei "casa", e teve desde sempre uma grande influência na decisão de seguir arquitetura. Quando me é pedido para descrever o que é ser arquiteto numa palavra, surge sempre a mesma: Transformar. O arquiteto tem em si o poder extraordinário da mudança. A capacidade de transformar a maneira como uma cidade é vivida, os fluxos quotidianos, o próprio espaço pessoal de cada cidadão. Para além de transformar, o arquiteto tem a possibilidade de criar e induzir. Criar novos espaços, criar novas oportunidades, criar novas memórias, induzir novos comportamentos. As coisas podem mudar, mas o seu sucesso traduzir-se-á na medida em que elas possam acrescentar novas formas positivas de comportamentos, atitudes, perceções do quotidiano.

A Vila Algarve, pela sua ligação a referências colonialistas e, sobretudo, ao regime anti-democrático, tem hoje subjacente um cariz negativo no atual contexto social de Moçambique.

Parte então deste desafio de procurar transformar e mudar esta visão negativa, tão inerente na cidade, a concretização desta dissertação, devolvendo a Vila Algarve à cidade de Maputo, abrindo-a à comunidade, transformando-a num instrumento de mudança, tornando-a parte ativa da vida quotidiana no século XXI. Tendo sempre por base não apagar a história deste edifício, mas sim reinventá-la, honrando a sua memória.

estrutura

A presente dissertação pretende contribuir para a resolução das problemáticas acima referidas, mediante uma proposta projetual que tem como objetivo final dois pontos fundamentais: transformar o edifício de forma a que a Vila Algarve se torne num espaço aberto à comunidade e manter a sua referência histórica como um instrumento de memória viva para as atuais e futuras gerações que, afinal, "beberam" do passado duro que o país enfrentou para se transformar no país que é hoje e que continuará a desenvolver-se. É necessário reconhecer o contexto arquitetónico e histórico da obra, de maneira a que o edifício não perca a sua expressão arquitetónica, mas que se transforme e se adapte à sua futura identidade.

Uma vez que se trata de uma obra considerada património arquitetónico, compreendemos ser importante um primeiro momento de investigação extensiva de elementos tanto bibliográficos como iconográficos e arquivísticos que nos permitam perceber o contexto histórico da cidade de Maputo, na época, Lourenço Marques, bem como o edifício e de que modo se deve prosseguir com a sua transformação.

Começamos por estabelecer o conceito de património cultural e de que forma é que este objeto arquitetónico aufere este mérito. Passaremos de seguida a três momentos importantes na história desta obra, sendo o primeiro o da época em que a obra foi construída, num cenário **colonial.** Um segundo momento quando usada pela PIDE-DGS em Lourenço Marques, coincidente com a época da **guerra colonial.** Passaremos, por fim, ao contexto da obra no pós 25 de Abril, com a **independência** de Moçambique. Estabelecemos assim um contexto histórico crucial para a elaboração desta dissertação. Isto poderá permite-nos compreender a sua expressão arquitetónica inicial, de que forma é que esta expressão tão fortemente portuguesa contrastava com a local e como podemos prosseguir no futuro de modo a dissipar a visão infâmia desta obra sem a descaraterizar mas também sem omitir os seus piores momentos.

Após esta fase do trabalho, partimos para o segundo momento desta dissertação, o levantamento atual da obra. Para melhor se perceber em que estado é que a Vila Algarve se encontra (tendo em conta o longo tempo em que foi deixada num deliberado abandono) e simultaneamente perceber como se insere na cidade, é necessário compreender a **dualidade de Maputo**. Após essa compreensão é possível caraterizar quais as **necessidades da envolven-**

te da Vila Algarve, de modo a que a obra se destaque na dinâmica da cidade. Seguidamente, apresentamos não só uma extensa descrição como também uma reportagem fotográfica e ainda desenhos que caraterizam a Vila Algarve tal como apresentamos na **memória descritiva atual**.

Por último, surge então a proposta de intervenção no edifício baseada em alguns dos momentos referidos anteriormente. De modo a escolher a melhor abordagem arquitetónica para a obra, e de modo a cumprir os nossos objetivos para esta dissertação começamos por apresentar uma descrição dos termos **monumento** e **memorial**, explicando como os dois se poderão aplicar ao projeto. Ao analisarmos edifícios da mesma natureza que o que propomos, é possível detetar um "perfil arquitetónico comum" para obras com este tipo de ambiente. De seguida, realçamos a definição do seu **programa** arquitetónico assim como a intenção de manter sempre presente os conceitos de comunidade e de memória. A seguir, apresentamos as diferentes **estratégias de intervenção** usadas para conceber o projeto, identificando as suas principais referências arquitetónicas. Por fim, apresentamos uma extensa memória descritiva da obra. Isto permite, a apresentação da **proposta** através dos desenhos arquitetónicos necessários para melhor compreender o objeto reformulado para a atualidade. Terminamos assim a produção desta dissertação com a apresentação da proposta de requalificação desenvolvida.

A leitura da dissertação complementa-se com pequenos anexos "visuais" ao longo das três fases de trabalho de modo a garantir um melhor entendimento de cada momento abordado ao longo da dissertação.

estado da arte

A Vila Algarve não esteve sempre associada à PIDE-DGS, havendo inclusive divergências em como se tornou a sede da mesma. É possível afirmar com certeza que foi uma casa, mandada construir pelo senhor Santos Rufino no ano 1934. Não se sabe se a Vila Algarve foi efetivamente vendida à PIDE-DGS ou se foi confiscada durante o período da guerra colonial, havendo discordância entre fontes.

Apesar da relevância na historiografia da arquitetura portuguesa e de inclusive ser considerada património arquitetónico[1], a Vila Algarve mantém-se acompanhada por diversas questões não respondidas. Este mistério é um dos motivos do interesse em concretizar este trabalho.

Oitenta e oito anos após a sua construção, ainda surgem iniciativas de diferentes naturezas (artigos, exposições fotográficas, documentários, propaganda televisiva, etc.) com o propósito de construir o enredo da Vila Algarve, ou pelo menos de tentar colmatar as suas lacunas. Contudo, apesar desse esforço, ainda não foi possível alcançar muitos resultados possivelmente devido ao caráter negativo que, ao longo do tempo, o edifício foi adquirindo. De acordo com relatos que ainda hoje ecoam por Maputo, muitos combatentes da resistência e, quiçá, dissidentes do regime colonial, foram duramente torturados nesta casa. Isto levou a que Vila Algarve se tornasse quase como um elemento de superstição na cidade, o que posteriormente levou ao seu abandono. "(…)Depois da independência, varrida a PIDE, a "Vila Algarve" ficou como símbolo da infâmia, uma casa de fantasma(…)"[2]. Este cariz negativo fez com que, pouco a pouco, a população quase involuntariamente tentasse esquecer a existência desta obra, mesmo considerando a sua posição privilegiada na cidade.

Em Fevereiro de 2010, no ISCTE-IUL, iniciou-se um estudo dedicado às estruturas pertencentes aos Ministérios das Colónias (posteriormente Ultramar), tendo Ana Vaz Milheiro como investigadora responsável pelo projeto. Este estudo teve como objetivo o de inventariar e catalogar os projetos pertencentes a gabinetes coloniais, o que permitiu "(…)promover o conhecimento do património intelectual e construído gerado pelos portugueses e disponibilizá-lo ao público em geral por meio de um sistema de consulta online."[3] Este estudo permitiu recolher as informações necessárias e essenciais para a catalogação da Vila Algarve como Monumento de Património Cultural e Arquitetónico[4].

Em Novembro de 2017, estreou um episódio da série televisiva da RTP2 "História a História África" dedicado às atividades da polícia política portuguesa

1. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=31730 (consultado a Março de 2021)
2.https://www.dn.pt/arquivo/2008/ordem-dos-advogados-reabilita-antiga-sede-da-pide-em-maputo-999767.html (Consultado a Agosto de 2022)
3.https://ciencia.iscte-iul.pt/projects/os-gabinetes-coloniais-de-urbanizacao-cultura-e-pratica-arquitectonica/845 (Consultado a Agosto de 2022)
4. IPA.00031730

nas colónias. Nesta série documental, o professor historiador Fernando Rosas começou por realçar a escassez de material de apoio. "A produção historiográfica sobre as atividades da polícia política portuguesa nas colónias, antes e depois do início da guerra colonial, é quase inexistente. À exceção de trabalhos e investigações pontuais, a omissão seria quase total, como se o caso tivesse sido encerrado. Mas no labor contínuo da história não há casos encerrados."[5]

Durante uma visita à Vila Algarve, Rosas explicou a posição de poder que a PIDE possuía nas antigas colónias "(…) tal como na então metrópole, só que de forma mais brutal e impune (…) o recurso à tortura e ao assassinato, tornou-se coisa recorrente e massiva durante a guerra colonial."[6] Ainda no exterior da casa, Rosas aludiu ao facto de existirem atos de tortura durante interrogatórios. Já no interior, Rosas alude ao facto de julgamentos de presos políticos serem um evento pontual, sendo que se guardava essa possibilidade para personagens mais emblemáticas e intelectuais, para servirem de casos de exemplo e regularização do funcionamento da justiça colonial. Estes eventos são descritos pela historiadora Dalila Mateus [7].



Imagem [003] - Colagem das filmagens do arquivo RTP - "Episódio 5 - Os Cárceres do Império" da Série História a História África de Novembro de 2017.

5. Transcrição de um excerto do episódio 5, *Os Cárceres do Império*, da série *História a História África*, disponível no arquivo da RTP, Novembro de 2017. (Consultado a Julho de 2022).

6. Idem

7. Dalila Mateus (N. 1952 - M. 2014) - Professora e Historiadora.

Independentemente de haver pouco material histórico, Dalila Mateus foi das poucas historiadoras capazes de dar a conhecer este lado oculto da história.

Dos livros publicados pela autora, existem dois particularmente importantes para uma melhor compreensão do tema desta dissertação. "A PIDE/DGS na Guerra Colonial, 1961-1974"[8] tornou-se uma obra de referência indispensável para quem apresenta um caso de estudo relacionado com a ação da PIDE das colónias africanas. No livro, a autora descreve em detalhe como é que a PIDE atuava nas antigas colónias, relatando como ocorriam os interrogatórios, as condições em que os presos políticos estavam inseridos e ainda alguns dos massacres ocorridos e como se tentou ocultá-los. O segundo livro da autora "Memórias do Colonialismo e da Guerra" [9] apresenta uma experiência em primeira pessoa dos cidadãos perseguidos pelos seus ideais anti-colonialistas. Quarenta entrevistas, não só africanos, como também a alguns portugueses presos pela PIDE que, durante o regime de António de Oliveira Salazar [10], e posteriormente de Marcelo Caetano [11], foram maltratados e torturados. Estas entrevistas revelaram ser extremamente importantes na criação de uma imagem mais nítida do colonialismo português e do que se passava no interior da Vila Algarve.

Do geral ao particular, estes dois historiadores permitem a obtenção de uma visão geral do que se passou na Vila Algarve. Fernando Rosas presenteou-nos uma breve contextualização da época e de como a PIDE se enquadrava nas colónias, falando do seu papel e do seu poder. Dalila Mateus focou-se mais nos pormenores, dando uma imagem mais clara do que se passava nestes espaços agora tão sombrios. Mateus forneceu-nos testemunhos em primeira mão das consequências dos mesmos.

Relativamente a outras obras escritas, é relevante mencionar o único livro em que a Vila Algarve foi usada como cenário principal do enredo, apesar de este conter uma parte de ficção. "Vila Algarve" [12], de Francisco Duarte Azevedo, conta a história de um homem que regressa a Lourenço Marques, agora Maputo, onde tem de encarar os "fantasmas" do seu passado, sendo que todos eles se encontram num único espaço: a antiga sede da PIDE: A Vila Algarve.

Em 2017, Inadelso Cossa [13] lançou um documentário sobre o testemunho das vozes não ouvidas durante a época colonial. "Uma Memória em Três Atos" [14] tornou-se um manifesto, uma voz contra a injustiça social e pelos direitos humanos esquecidos neste período de tempo. Cossa apoiou-se maioritariamente

8. MATEUS, Dalila Cabrita - *A PIDE/DGS na Guerra Colonial, 1961-1974;*. Lisboa. Terramar, 2004. ISBN 972-710-369-3.
9. MATEUS, Dalila Cabrita - *Memórias do Colonialismo e da Guerra*. Porto. ASA, 2006. ISBN 978-989-231-116-6.
10. António Salazar (N. 1889 - M.1970) - Ditador Nacionalista Português.
11. Marcelo Caetano (N.1906 - M.1980) - Político Português, último Presidente do concelho do Estado Novo.
12. AZEVEDO, Francisco Duarte - *Vila Algarve*. Lisboa. Grupo Planeta, 2014.ISBN 978-989-657-579-3.
13. Inadelso Cossa (N. 1984 -) - Cineasta Moçambicano.
14. *Uma Memória em Três Atos*. Realização de Inaldesso Cossa. Moçambique, 2017. Formato Digital.

em material de arquivo para desenvolver a sua narrativa, começando por referir uma história de uma época não vivida por ele. O documentário foca-se no relato em primeira pessoa de personagens envolvidas, de formas diferentes, com a PIDE e com a Vila Algarve. Em "três atos", com três personagens diferentes, Cossa evoca as memórias desde o início do documentário, deixando o fim em aberto, parecendo existir a possibilidade de uma sequela. Cossa dá a entender que a história da Vila Algarve não está terminada, havendo ainda espaço para um futuro.

Em 2013 o Ministério dos Combatentes, em Moçambique, abriu um concurso público para um projeto de restauro da Vila Algarve, sendo que a empresa vencedora do concurso, uma companhia moçambicana, nunca chegou a ser identificada publicamente.

Contudo, em 2015, o governo moçambicano anunciou publicamente que o projeto de restauro da Vila Algarve seria para transformar o edifício no Museu Nacional da Resistência Colonial sendo que a empresa vencedora do concurso público já teria o projeto concluído, aguardando apenas orçamento para iniciar as obras. Até ao dia em que esta dissertação foi concluída não houve nenhum movimento para começar a obra. Houve, inclusive, uma campanha televisiva em Dezembro de 2020 na RTP a recordar o concurso público realizado, o seu objetivo e a falta de fundos existentes para a sua concretização. Tendo este concurso em mente, é necessário realçar que o objetivo desta dissertação não é sobrepor-se ao concurso mas sim oferecer uma visão nova e diferente para o futuro da Vila Algarve, propondo um novo programa e um novo projeto.

Considerando a fama sombria que esta obra possui, não é de espantar que tenha existido um interesse internacional em relação ao edifício. Este interesse foi demonstrado particularmente em duas reportagens fotográficas publicadas em fontes internacionais. O projeto "Growing Up In Darkness" de Mário Macilau [15] publicado pela CNN [16], demonstrou um lado sombrio da cidade de Maputo na atualidade. Macilau mostrou as crianças de Maputo que, ao mesmo tempo que foram obrigadas a crescer demasiado rápido, mantiveram a sua inocência, demonstrando-a através da imaginação no seu dia a dia. Um dos cenários em que Macilau demonstra este choque de realidades é exatamente a Vila Algarve e como esta foi apropriada pela geração mais jovem. Isto permitiu-nos observar esta obra com outro olhar, um olhar mais jovem e inocente. As crianças sem casa, sem qualquer memória ou conhecimento da história carregada

15. Mário Macilau (N. 1984 -) - Fotógrafo Moçambicano.

16.https://edition.cnn.com/2015/07/07/world/gallery/cnnphotos-mozambique-children-streets/index.html (Consultado a Julho de 2022)

por este edifício, habitaram-no de uma forma diferente, desprovida de qualquer rancor e dor, associados às gerações mais envelhecidas.

Outra reportagem importante é a de Amilton Neves [17] para a PHMUSEUM, denominada "Vila Algarve". Neves, através de fotografias da obra (onde demonstra o seu estado de abandono atual) e fotografias de alguns dos objetos utilizados pela PIDE, focou-se em mostrar o papel deste objeto arquitetónico na luta de Moçambique pela sua independência. Esta reportagem revelou-se particularmente importante para a comparação de como a obra se foi degradando, assim como para a demonstração de vestígios deixados pelos prisioneiros da Vila Algarve. Como já foi mencionado anteriormente, estes testemunhos são raros e importantes para a continuação da história da Vila Algarve.

É importante referir que existem múltiplos artigos online que não possuem fundamentação científica, pelo que, neste estado da arte, se optou por mencionar apenas os que considerarmos mais relevantes e que possuem uma investigação prévia que os fundamenta.

17. Amilton Neves - Fotógrafo Moçambicano

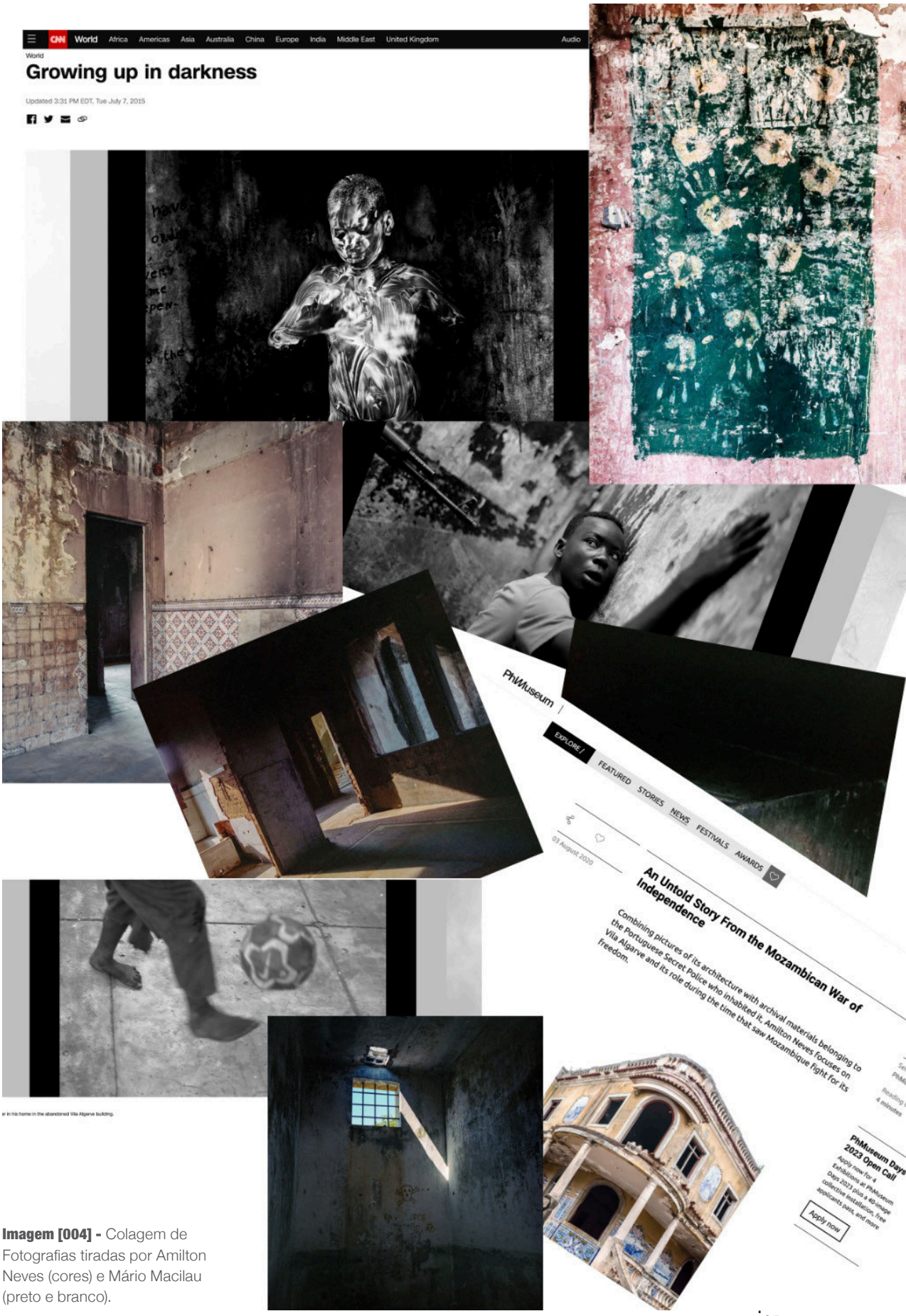


Imagem [004] - Colagem de Fotografias tiradas por Amilton Neves (cores) e Mário Macilau (preto e branco).

2.memória

situação colonial [pág. 030]
guerra colonial [pág. 039]
pós-independência [pág. 049]

anexo a

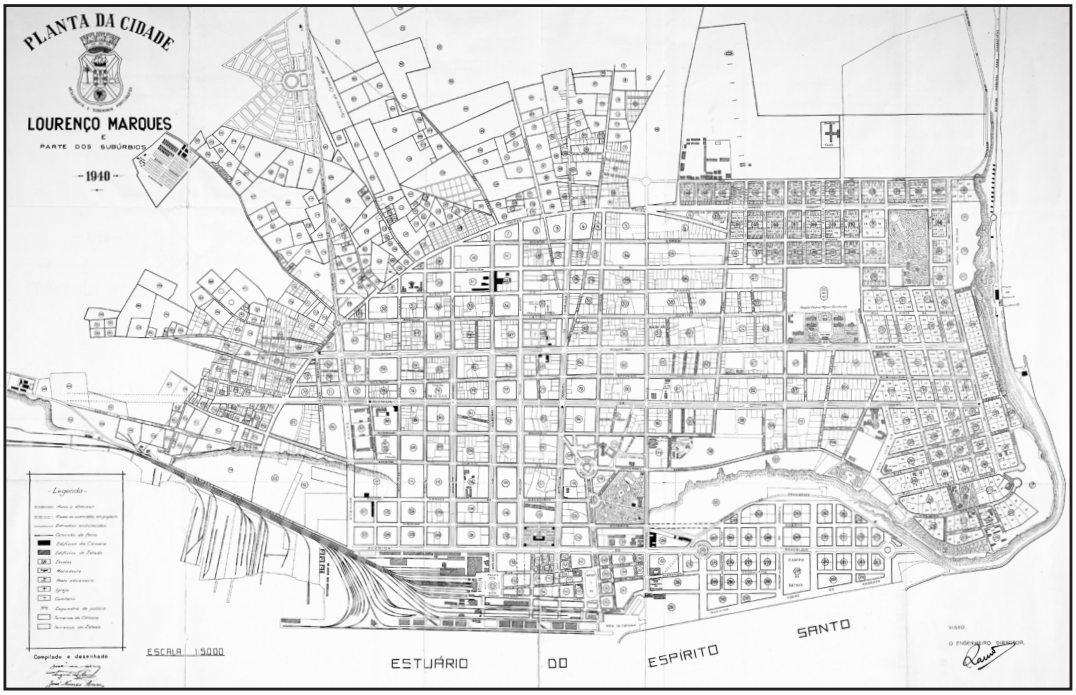


Imagem [005] - Planta de Lourenço Marques de 1940.

A Vila Algarve foi registada como património arquitetónico em 2011, no SIPA, ao abrigo da Direção-Geral de Património Cultural (DGPC). Uma obra, para ser considerada património arquitetónico, requer algumas caraterísticas específicas. "O património arquitetónico, construído e paisagístico, englobando os aspetos do meio ambiente resultantes da interação entre as pessoas e os lugares através do tempo, é um recurso de importância vital para a identidade coletiva e um fator de diferenciação e de valorização territorial que importa preservar e legar para as gerações futuras."[18] Visto tratar-se de uma antiga colónia portuguesa, não é de espantar o facto de Moçambique ter um grande número de obras consideradas património arquitetónico. Existem imensos edifícios carregados de história nacional e internacional. Uma obra é considerada património devido à sua história, como foi apropriada pelas pessoas ao longo do tempo e como foi vivida. Uma obra considerada património requer uma especial atenção à sua conservação e divulgação, de modo a ser devidamente valorizada. Infelizmente, na Vila Algarve, por circunstâncias passadas, não foi possível manter essa conservação, fazendo com que a sua divulgação às novas gerações fosse escassa.

Para prosseguir com um projeto arquitetónico que faça justiça à memória deste edifício, e que não apague a sua história, é necessário conhecê-la e transmiti-la. Uma vez que um dos focos desta dissertação é devolver a Vila Algarve à cidade e àqueles que a habitam, é importante perceber como a visão da obra, seja esta negativa ou positiva, se foi alterando ao longo da sua história e para isso ser possível é crucial tornar claro o contexto urbano onde esta está inserida. Como diz Aldo Rossi, "Concebo a arquitetura em sentido positivo, como uma criação incrível da vida civil e da sociedade em que se manifesta; ela é, por natureza, coletiva."[19]. Ou seja, independentemente de conhecimentos específicos que se tenha de arquitetura, para ter uma análise global de uma cidade, ou, neste caso concreto, de uma obra arquitetónica, é necessário criar um cenário do ambiente em que esta foi vivida ao longo do tempo. É necessário encarar a Vila Algarve como algo que possui uma identidade própria. "Para entender esta identidade é necessário investigar o seu processo de formação, a sua ordem, o contexto em que a mesma surge, os modelos culturais de referência e o quadro histórico e económico-social, que impulsionam a génese e sedimentação da mesma." [20]

18. Definição de património arquitetónico de acordo com a DGPC em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SitePageContents.aspx?id=a879b31d-d807-455f-9b24-831d91e991b6(Consultado a Junho de 2021)

19. ROSSI, Aldo - *A Arquitetura da Cidade*. Lisboa. Edições Cosmos; 2001 (1ª Edição Italiana 1966). ISBN 84-252-0615-4. p. 31.

20. MORAIS, João Sousa; *Maputo - Património da Estrutura e Forma Urbana Topologia do Lugar*. Lisboa. Livros Horizonte, 2001. ISBN 978-972-241-134-9. p.13.

situação colonial

Em 1544, o navegador português Lourenço Marques explorou, pela primeira vez, a zona envolvente da "Baía da Lagoa", onde D. João III ordenou a construção de uma fortaleza, de modo a facilitar as trocas comerciais que ocorriam. À medida que o tempo foi passando e a população crescendo, esta zona da baía ganhou um novo povoado que obteve a designação de Presídio, devido à sua função defensiva em relação aos portugueses que se encontravam localizados em Moçambique.

Em 1781, Vicente Caetano da Maia, governador interino de Moçambique, nomeou este povoado Lourenço Marques, em honra do seu descobridor. O Presídio, devido à sua localização vantajosa para uma base militar, foi sucessivamente destruído e ocupado pelos franceses e reconquistado pelos portugueses. Pouco a pouco começaram a surgir povoados com construções em palhota na sua envolvente e só em 1830 é que aparecem as primeiras construções de casas em alvenaria. A recuperação e evolução do povoado foi bastante lenta, sendo que o primeiro registo cartográfico de Lourenço Marques, a "planta em borrão" [21], foi feito apenas em 1851. Já nesta altura, havia registos de tensão entre os portugueses e os povos indígenas que rodeavam o Presídio.

Apesar de lentamente, o povoado foi crescendo. Em 1876, Lourenço Marques adquiriu o título de Vila, dando uma nova importância ao antigo Presídio. Entre 1875 e 1879, iniciou-se a construção de uma série de equipamentos públicos, nomeadamente uma nova alfândega, um novo cais e uma nova linha de caminho de ferro, que ligou Lourenço Marques ao Transvaal [22].

Com a atividade comercial em crescimento, sucedeu-se uma maior preocupação com a morfologia da Vila, o que originou uma intervenção profunda na malha urbana. Em 1887, Lourenço Marques foi oficialmente elevada a Cidade. A sua localização estratégica aumentou o seu crescimento económico, especialmente devido à proximidade de Joanesburgo, na África do Sul. O Major António José de Araújo, responsável pelo projeto de expansão, propôs um plano bastante ambicioso que envolvia a ocupação de novos terrenos, que outrora teriam sido pântanos.

No final do século XIX, Lourenço Marques atravessou uma série de transformações o que fez com que, gradualmente, recebesse a designação de capital de Moçambique, um título que outrora pertencera à Ilha de Moçambique.

Com a mudança do século, a capital tornou-se cada vez mais cobiçada pela metrópole portuguesa.

21. O desenho, da autoria do Tenente António Baptista, adquiriu esse nome devido ao facto do registo cartográfico estar com escassas condições, sendo apenas possível distinguir a fortaleza;

22. Zona de Mpumalanga onde se encontra a fronteira entre Moçambique e África do Sul.

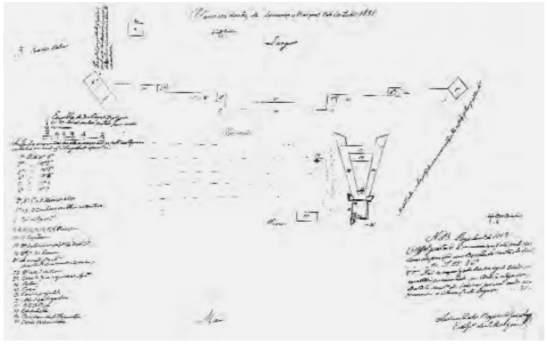


Imagem [006] - Planta em Borrão de Lourenço Marques feita pelo Tenente António Baptista em 1851.

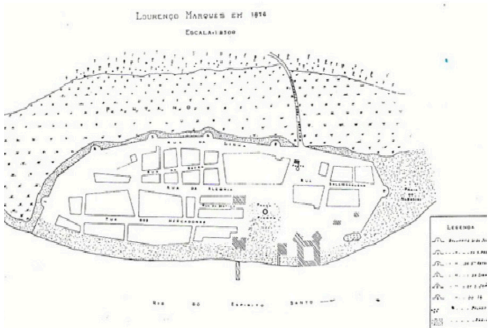


Imagem [007] - Planta de Lourenço Marques feita pelo Richard T. Hall em 1876.



Imagem [008] - Vista de Lourenço Marques em 1878.

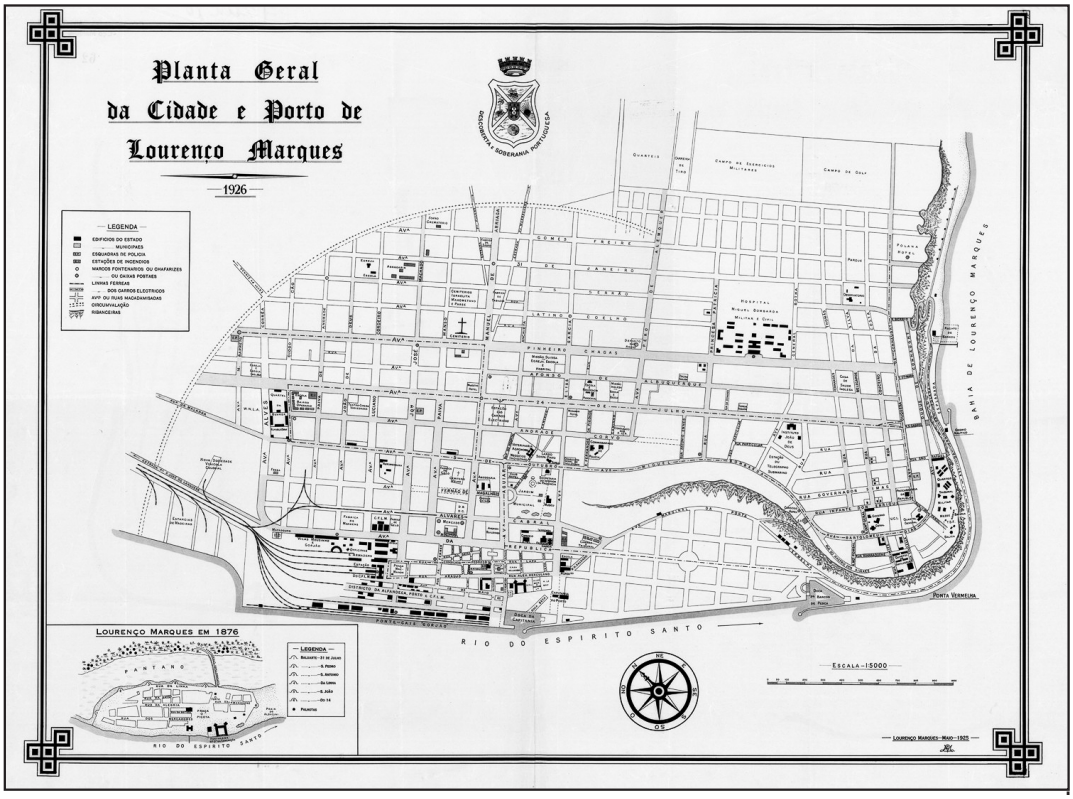


Imagem [009] - Planta de Lourenço Marques em 1926.

Em Dezembro de 1926, a "Secreta de Lisboa" foi formada "para defender o sossego e a tranquilidade dos grandes interesses contra a gente do trabalho, já que de desordem e subversão se qualificaram as suas reivindicações."[23] António de Oliveira Salazar, em 1932, tomou posse do regime autoritário de direita que governou Portugal entre 1933 e 1974. No entanto, já em 1926, se ouvia o ecoar da propaganda que o tornaria o novo "salvador" de Portugal, pois seria ele que resolveria os problemas financeiros que Portugal enfrentava[24].

A ascensão de Salazar ao poder foi motivada pela instabilidade política e pela crise económica que Portugal atravessava no início da década de 1930. Salazar implementou uma série de reformas económicas e políticas com o objetivo de não só estabilizar o país, como também consolidar o seu poder. Sob o Estado Novo, Portugal tornou-se um regime de partido único. Este, mais tarde, veio a estabelecer uma força policial secreta conhecida como PIDE, responsável pela supressão da dissidência e pela manutenção do controlo. Apesar da natureza autoritária, é importante realçar que o Estado Novo gozava de um certo apoio popular, particularmente entre as classes média e alta, ou seja, as que mais beneficiavam das políticas defendidas e praticadas pelo regime. Mais tarde, o Estado Novo enfrentou crescentes críticas da comunidade internacional pelas inúmeras violações dos direitos humanos, incluindo o recurso à tortura e ao encarceramento político, o que, no final, levou à revolução, liderada pelos oficiais militares, que derrubou o regime, a 25 de Abril de 1974, conhecida também como a Revolução dos Cravos. Foi então que se estabeleceu um governo democrático e o fim do império colonial de Portugal.

Muito antes, em 1930 Salazar foi nomeado Ministro das Colónias. Pontualmente, o Estado Novo revia e reformava o seu aparelho de vigilância política e, em Agosto de 1931, lançou um decreto-lei que definiu a PIP (Polícia Internacional Portuguesa). No ano seguinte, Salazar foi nomeado Presidente do Conselho e, em Maio de 1933, institucionalizou a Censura, uma prática já exercida desde 1926. Já em Agosto do mesmo ano, criou a PVDE, uma fusão entre a polícia internacional e a polícia de defesa política e social.

Nesta altura, em Lourenço Marques, José dos Santos Rufino já era um nome bastante conhecido. Pouco se sabe sobre as origens do empresário português, sabe-se apenas que era um homem de negócios, proprietário da papelaria "A Portuguesa, Santos Rufino Ltda." e da Lotaria Provincial e ainda um dos grandes pilares financeiros do jornal "O Africano". Foi nesta mesma editora que

23. SOARES,Fernando Luso - *Pide/DGS Um Estado Dentro do Estado*. Lisboa. Portugália Editora, 1975. CDU 35/354. p. 35.
24. SOARES,Fernando Luso - *Pide/DGS Um Estado Dentro do Estado*. Lisboa. Portugália Editora, 1975. CDU 35/354.

Rufino publicou o conjunto de livros que tornou possível, hoje em dia, entender a história da atual Maputo (antiga Lourenço Marques). Em 1929, publicou dez álbuns com uma detalhada reportagem fotográfica de Moçambique assim como diversas coleções de postais, atualmente acessíveis ao público[25]. Estas mesmas reportagens foram usadas posteriormente, para a divulgação da ideia do "sucesso de Moçambique", um instrumento de propaganda internacional do Estado Português. Estes álbuns "(...) obviamente refletem os pontos de vista políticos e sociais convencionais da época e exacerbam os pontos positivos e escondem os negativos da "civilização" e da administração portuguesa do território"[26]. De facto, acabaram por fazer parte da Exposição Internacional e Colonial de Paris, em 1931, e, além disso, foram distribuídos em consulados portugueses e outros estabelecimentos importantes, por iniciativa do Ministro dos Negócios Estrangeiros [27]. José dos Santos Rufino era um homem de negócios, o que lhe permitiu adquirir os meios necessários para a construção da famosa Vila Algarve, em 1934.



Imagem [010] - Colagem representativa da vida profissional de José dos Santos Rufino.

25. http://memoria-africa.ua.pt/Library/AFDCM.aspx (consultado a Julho de 2021).
26. https://housesofmaputo.blogspot.com/2020/11/pe-sacramento-naylor-rufino-jornal-e_9.html (consultado a Setembro de 2022).
27. Henrique Trindade Coelho(N.1885- M.1934); Ministro dos Negócios Estrangeiros entre 1927 e 1929.

O processo de transformação de Lourenço Marques passou por várias etapas. "(...) constitui, talvez, um caso paradigmático do urbanismo colonial, resultando de um processo de fundação/expansão onde toda a cidade planeada, hoje denominada "de cimento", surge em contraponto à espontaneidade da sua antítese, a cidade do caniço."[28]

No ano de 1914, ocorreu uma ampliação da cidade para Nordeste, quando o estado adquiriu terrenos entre a antiga Rua de Nevala, a praia de Polana e a Rua Bérrio, que hoje correspondem aos bairros da Polana e Sommerschield[29]. Foi nesta ampliação que, mais tarde, o Estado instalou as suas estruturas políticas e militares.

O período de 1922 a 1952 foi caraterizado, em grande parte, pela consolidação urbana. Nesta época, a cidade sofria uma ocupação paralela e marginal da sua área suburbana, uma situação que levou ao seu crescimento, alterando assim os seus próprios limites. Esta expansão, associada à economia ferro-portuária e sul-africana[30], ocorreu maioritariamente para Norte e Este da cidade, seguindo os princípios urbanísticos do plano municipal definido em 1887.

Até à década de 1930, de acordo com o Alto-comissário da República Brito Camacho, havia problemas graves no desenho da cidade[31]. Existia uma distribuição livre de terrenos que eram ocupados de forma desordenada conforme a vontade de cada proprietário. Isto resultou num conjunto de problemas relacionados com a qualidade das obras. Havia um mau aproveitamento da luz natural devido à falta de capacidade de regular o que era feito em cada terreno e não existia nem um sistema de esgotos nem um sistema de abastecimento de águas. Apesar do decréscimo de construção na cidade, durante esta década, houve um grande incentivo ao desenvolvimento urbano, o que proporcionou um aumento da migração portuguesa para Moçambique.

Em 1930, com este incentivo para o desenvolvimento urbano, torna-se possível distinguir as zonas da cidade. Neste período existiu uma forte consolidação de estruturas públicas, de zonas meramente residenciais, da zona portuária e da zona militar. Com esta estabilização, ocorreu também uma maior distinção entre as classes económicas na cidade.

Na década de 1940, evidenciou-se um grande crescimento populacional em Lourenço Marques, sendo que a população considerada indígena foi a que mais cresceu nesta época[32]. Esta, localizava-se maioritariamente nos su-

28. MORAIS, João Sousa; *Maputo - Património da Estrutura e Forma Urbana Topologia do Lugar*. Lisboa. Livros Horizonte, 2001. ISBN 978-972-241-134-9. p.14

29. MENDES, Maria Clara - *Maputo antes da Independência: Geografia de uma Cidade Colonial*. Lisboa. Instituto de Investigação Científica Tropical (Memórias do Instituto de Investigação Científica Tropical, (68), 2.a Série; Dissertação de doutoramento em Geografia Humana. Faculdade de Letras; Universidade de Lisboa; 1985.

30. MELO, Vanessa de Pacheco - *Urbanismo Português na Cidade de Maputo: passado, presente e futuro*. Paraná. Revista Brasileira de Gestão Urbana; Lisboa; 2013.

31. FERNANDES, José Manuel - *Geração Africana: Arquitetura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*. Lisboa. Livros Horizontes, 2009 (1ª Edição 2002). ISBN 978-972-241-220-9.

búrbios, como, por exemplo, a atual zona do Alto Maé. A maior parte da densidade populacional estendia-se até a atual Avenida Emília Dausse. A Norte desta avenida a ocupação era muito mais dispersa, o que para além de evidenciar o edificado militar presente na antiga Rua de Nevela, criou uma separação informal de classes económicas, pois apenas quem tinha um elevado número de posses conseguia estabelecer uma habitação permanente neste bairro. Desde a sua expansão em 1914, esta zona compreendida entre o atual Bairro da Polana e Bairro da Sommerschield, é caraterizada como um bairro nobre. Era neste bairro que viviam os governadores, a classe intelectual da cidade, os militares. O maior hospital da cidade, o Hospital Miguel Bombarda e a Casa de Saúde Inglesa, ou seja os dois principais edifícios de saúde pública, também se localizavam nesta zona. É possível discordar do facto de estes edifícios serem considerados "públicos", uma vez que eram acessíveis apenas a certas classes sociais, nomeadamente as classes média e alta. Este era outro exemplo existente, na cidade, das fronteiras informais que dividiam as classes sociais e económicas.

Nesta década houve também um grande aumento de espaços verdes em Lourenço Marques. Um deles, o mais importante a destacar nesta dissertação, é o Campo 28 de Maio (mandado construir por Soares-Zilhão, comandante militar de Moçambique) que terá surgido na década de 1930, ou seja contemporâneo à construção da Vila Algarve. O Campo 28 de Maio era o único espaço verde na zona poente da cidade, entre as (atuais) Avenidas 24 de Julho, Albert Luthuli, Romão Fernandes e Ahmed Sekou Touré (respetivamente antiga Rua de Nevala, a praia de Polana e a Rua Bérrio). A este espaço verde, estava associada uma vasta mas dispersa área residencial.

Tendo em consideração a caraterização de nobreza associada ao bairro da Polana, podemos assumir que esta terá sido a razão para José dos Santos Rufino escolher esta localização para a construção da sua casa, em 1934. Além do estatuto de nobreza a que a casa ficaria associada, a sua localização era bastante privilegiada pelos equipamentos existentes e pelos movimentos de expansão e modernização planeados para Moçambique nesta época. A obra foi encomendada ao Engenheiro Alfredo F. Soares, tornando-se o lar de José dos Santos Rufino até ao ano de 1944.

32. MORAIS, João Sousa; Maputo - *Património da Estrutura e Forma Urbana Topologia do Lugar.* Lisboa. Livros Horizonte, 2001. ISBN 978-972-241-134-9.

No dia 22 de Outubro de 1945, o Governo de Salazar substituiu a designação de PVDE para PIDE, afirmando que com esta mudança reorganizariam a polícia de acordo com o sistema britânico da Scotland Yard [33]. Com esta reformulação, pretendiam transmitir a mensagem de que os estados democráticos, vencedores da guerra, mantinham polícias com finalidade política, não existindo uma separação entre estas duas entidades de poder.

"O século XX assistiu à consolidação e posterior desaparecimento de uma nova "centralidade" colonial. Foi a ideia da "África Portuguesa", por sua vez assente sobretudo nos vastos territórios de Angola e Moçambique, que durante meio século, nos 2º e 3º quartéis de novecentos, absorveu as atenções, constituindo-se em nova "terra prometida", de migração e desbravamento, de urbanização e de nova arquitetura"[34]

Com o desaparecimento da área brasileira colonial[35], as ilhas do Atlântico serem vistas como "adjacências" da metrópole (Cabo Verde possuía o estatuto de arquipélago - meio África, meio Europa), Guiné e São Tomé e Príncipe serem consideradas "pequenas coisas sem importância"[36] e as "relíquias" do Oriente estarem muito distantes, o governo português focou a reformulação do espaço ultramarino, maioritariamente em Angola e Moçambique. Devido à sua dimensão, estas duas colónias possuíam uma forte capacidade atrativa para o desenvolvimento.

Nas décadas de 1930 e 1940 houve uma nítida preocupação da parte de Portugal em definir um "Espaço Colonial" que desse ênfase à noção de Império. Isto levou a reflexos importantes nas áreas africanas do domínio luso, pois estes eram os espaços mais significativos. Deu-se um arranque ao planeamento de uma rede moderna de transportes e comunicações e da construção de equipamentos de serviços estatais com caráter sistematizador dessa modernização (correios, escolas, hospitais etc.) o que levou a extensos investimentos em territórios africanos.

Foi no fim da década de 1940 que houve o maior investimento (com os planos urbanísticos do Ministério do Ultramar e o plano de expansão das redes rodoviárias). A produção deste novo plano urbanístico veio realçar a disparidade da "habitação para europeus" e a "habitação indígena" o que destacou ainda mais o Bairro da Polana e, por consequência, a Vila Algarve, uma vez que esta se encontrava no centro desta nova zona da cidade, cada vez mais apelativa.

Iniciou-se uma política colonial marcada pelas iniciativas e projetos industriais e agrários. Nesta época, foram também implementadas medidas que

33. MORAIS, João Sousa; *Maputo - Património da Estrutura e Forma Urbana Topologia do Lugar*. Lisboa. Livros Horizonte, 2001. ISBN 978-972-241-134-9.

34. FERNANDES, José Manuel - *Geração Africana: Arquitetura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*. Lisboa. Livros Horizontes, 2009 (1ª Edição 2002). ISBN 978-972-241-220-9. pág. 9.

35. A independência do Brasil ocorreu a 7 de Setembro de 1822.

36. FERNANDES, José Manuel - *Geração Africana: Arquitetura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*. Lisboa. Livros Horizontes, 2009 (1ª Edição 2002). ISBN 978-972-241-220-9.

pudessem atenuar as tensões sociais - como por exemplo a abolição da distinção dos indígenas - que já se vinham a sentir na cidade. Estas tensões derivavam maioritariamente da questão das distinções entre classes sociais, não apenas por causa das diferenças de posses mas também devido a uma componente racial.

A nível urbanístico, a política do Estado Novo era promover a concretização de espaços que reforçassem a imagem de poder do regime. Já se começava a sentir a tensão social e, com isso, veio a necessidade de reforçar a "segurança" e de evidenciar o poder que a polícia do Estado detinha.

No âmbito da estratégia de controlo e monitorização da atividade global que a PIDE desenvolvia, era importante que esta tivesse um espaço nobre adequado à sua missão e que, ao mesmo tempo, mantivesse uma aparência visual descaraterizada, discreta, mas funcional. Nesta perspetiva, é adquirida a moradia designada por "Vila Algarve", situada na zona nobre da cidade.

Existem contradições de como é que a Vila Algarve se veio a tornar a sede da PIDE. O único consenso é que Santos Rufino teria vindo a ser pressionado durante algum tempo para deixar a sua residência e cedê-la ao Estado. Contudo, a maior parte dos documentos relacionados com as antigas colónias (em especial os de Moçambique) foram queimados após o 25 de Abril[37], pelo que não é possível comprovar se a Vila Algarve foi vendida ou confiscada.

É certo, mesmo assim, que com a ideia de guerra iminente na cidade e a localização vantajosa que a Vila Algarve mantinha, este edifício tornou-se o palco de uma história carregada de dor e mágoa que até aos dias de hoje ecoa em Maputo.

37. De acordo com o Diretor-Geral da Torre do Tombo, o Comandante Vítor Crespo, Governador Geral do Território, ordenou que se queimasse todos os documentos logo após o 25 de Abril.

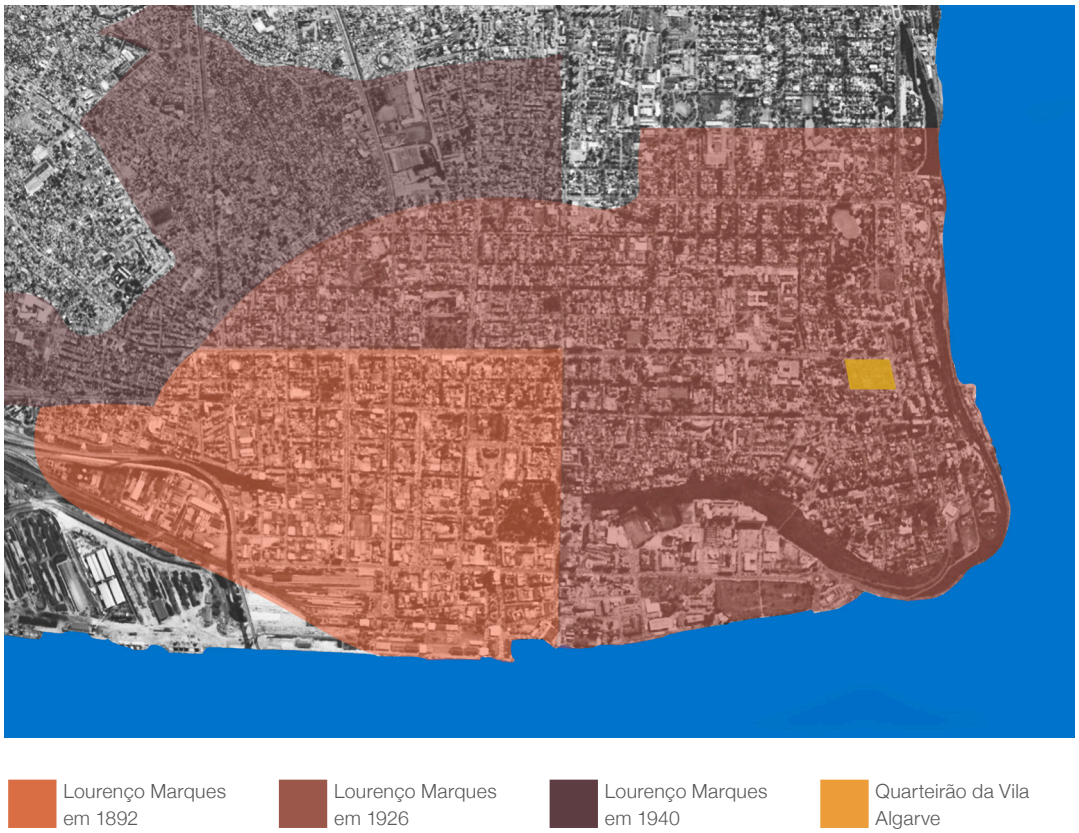


Imagem [011] - Evolução do crescimento da cidade de Lourenço Marques.

guerra colonial

A Guerra Colonial, também conhecida como a Luta Armada de Libertação Nacional[38], instalou-se no país em 1964. A PIDE, sentindo a pressão para estabelecer a sua sede, em 1945, coincidente com o ano em que muda a sua designação[39], torna a Vila Algarve o núcleo oficial da polícia política.

A primeira vez que Portugal enfrentou algum tipo de guerra pela independência em território africano foi em 1961, com a guerra de independência de Angola. Em Moçambique, este conflito começou em 1964 resultante de décadas de frustração e agitação entre os indígenas, como eram referidos na época.

O povo sentia cada vez mais a opressão por parte da administração estrangeira, que defendia sobretudo os interesses económicos dos portugueses, ignorando os da população local. Gradualmente, influenciados por alguns países vizinhos, cada vez mais moçambicanos defendiam ideias nacionalistas, acreditando que o estado devia ser composto pelo seu povo, a sua população nativa, a quem deviam ser entregues os destinos da sua própria nação. O seu principal objetivo era o de conquistar e manter a soberania sobre a sua pátria, criando assim um Estado-nação. No entanto, houve uma pequena percentagem de população que reagiu de forma negativa à vontade crescente da independência do país. Este grupo era maioritariamente constituído por moçambicanos que se inseriam no sistema social português e viviam, sobretudo, nos centros urbanos.

Ainda antes do início da guerra colonial, houve tentativas de apaziguamento deste clima tenso entre o povo moçambicano e o Estado Novo. Num esforço para controlar o crescimento informal urbano que aparecia exponencialmente na cidade, foram projetados dois novos bairros suburbanos, marcados por um traçado regular, que transmitia a ideia de ordem a quem observasse de fora. Posteriormente, em 1952, foi proposta a implementação do "Plano Geral da Urbanização de Lourenço Marques", de João Aguiar. Este novo plano para a cidade ignorava completamente a existência da então conhecida "cidade de caniço", criando uma segregação social cada vez mais marcante. Esta situação contribuiu para o agravamento da tensão entre as populações portuguesa e indígena, que iria, mais tarde, culminar com o início da Guerra Colonial.

A inadequação deste projeto não foi indiferente a nenhuma cidade, aliás, o famoso arquiteto Amâncio Pancho Guedes, criticou fortemente este plano, em 1963: "(...)o caniço representava já outra cidade, com uma dinâmica própria e um número de habitantes desconhecido, com notória ausência de infraestruturas e

38. Preâmbulo da Constituição da República de Moçambique
39. De PVDE para PIDE

equipamentos, de organização espacial irregular, baseada num esquema funcional de vias, caminhos e atalhos, que se transformavam geralmente em ruas cul-de-sac, onde se formava um grande pátio irregular."[40]

Cinco anos após a aquisição da Vila Algarve, a PIDE deu início a uma forte intervenção construtiva na mesma. O arquiteto Martins Rocha projetou o segundo andar da casa, seguindo a linguagem do projeto inicial. Esta ampliação realçou a imposição da obra no desenho da cidade. O que antes era uma acolhedora casa, pela qual se passava numa excursão pelo bairro, passou a ser interpretado como algo "monstruoso", visto que as construções ao seu lado eram mais baixas, realçando a sua autoridade no contexto urbano.

A função da casa foi alterada drasticamente. Assim, a Vila Algarve enquanto sede da PIDE pode ser interpretada por ter três tipos de percursos existentes. Existiam espaços apenas acessíveis por membros da PIDE, um conjunto de espaços reservados para os reclusos denominados de "normais" e por fim, um conjunto de zonas reservadas estritamente para os "reclusos perigosos" também conhecidos como os Líderes de Grupos de Guerrilha Urbana.

No primeiro piso, onde se situava a entrada principal, já existia uma separação de percursos para os diferentes grupos de reclusos. Os reclusos considerados "normais" tinham acesso à sala de recolha de impressões digitais (situada na entrada da casa), a quatro salas de interrogatório e a sanitários. A área reservada a líderes de guerrilha urbana, também denominados de reclusos "extremamente perigosos", encontrava-se dividida entre os dois pisos da sede. A sua entrada localizava-se nas traseiras do edifício, junto a uma atalaia, uma sala de espera e a sanitários. Por fim, com acesso apenas a membros da PIDE, existia o gabinete do Inspetor de Fronteiras, uma sala de arquivo de documentos junto à entrada, um segundo gabinete mais pequeno e ainda uma sala de arrumo dos Instrumentos de Tortura.

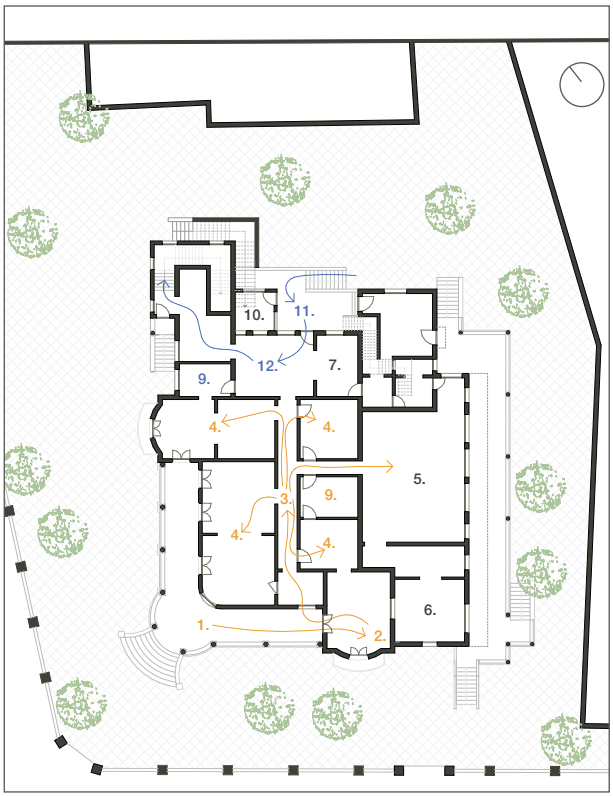
No segundo piso, encontravam-se 3 salas de interrogatório reservadas ao grupo de reclusos considerados "extremamente perigosos", uma segunda sala de espera e ainda um segundo conjunto de sanitários. Quanto aos espaços reservados a membros da PIDE, neste piso encontrávamos três escritórios, dois pequenos arquivos internos e ainda uma grande sala de reuniões que ocupava a maior área do segundo piso.

A cave, o coração obscuro deste edifício, cujos acontecimentos de que foi palco, foram mantidos em segredo durante muito tempo. Os episódios de

40. MELO, Vanessa de Pacheco - *Urbanismo Português na Cidade de Maputo: passado, presente e futuro*. Paraná. Revista Brasileira de Gestão Urbana; 2013.

tortura eram reservados às salas existentes neste piso. Relativamente à sua organização, existia novamente uma distinção nos percursos, dependendo do "nível de perigo" que cada recluso representava. Contudo, o dormitório, localizado na zona central da cave, era o único espaço partilhado por todos os reclusos, existindo dois corredores de acesso ao mesmo.

A sala de tortura via eletrocussão era partilhada pelos dois tipos de presos. Existia ainda uma segunda sala de tortura denominada de "Execução por Tesoura". Esta sala continha um acesso direto para a rede de esgotos, para onde eram atirados os corpos dos prisioneiros que faleciam. O resto do piso era composto por autos de apoio (5 salas diferentes), onde se supõe que fossem guardados não só os instrumentos de tortura, como também todo o tipo de arquivos relacionados com a atividade da Vila Algarve, do Campo de Concentração de Mabalane[41] e da cadeia da Machava[42].



Espaços destinados a Prisioneiros Comuns:

1. Corredor de Entrada
2. Sala de Recolha de Impressões Digitais
3. Corredor
4. Salas de Interrogação

Espaços exclusivos de Funcionários da PIDE:

5. Gabinete do Inspetor das Fronteiras
6. Arquivo de Documentos
7. Gabinete
8. Arrumo de Instrumentos de Tortura
9. Lavatório

Espaços destinados a Prisioneiros pertencentes a Guerrilhas:

10. Atalaia
11. Espaço de Entrada
12. Corredor de Acesso

Planta à escala 1:500

Imagem [012] - Planta do Piso Térreo da Vila Algarve enquanto Sede da PIDE.

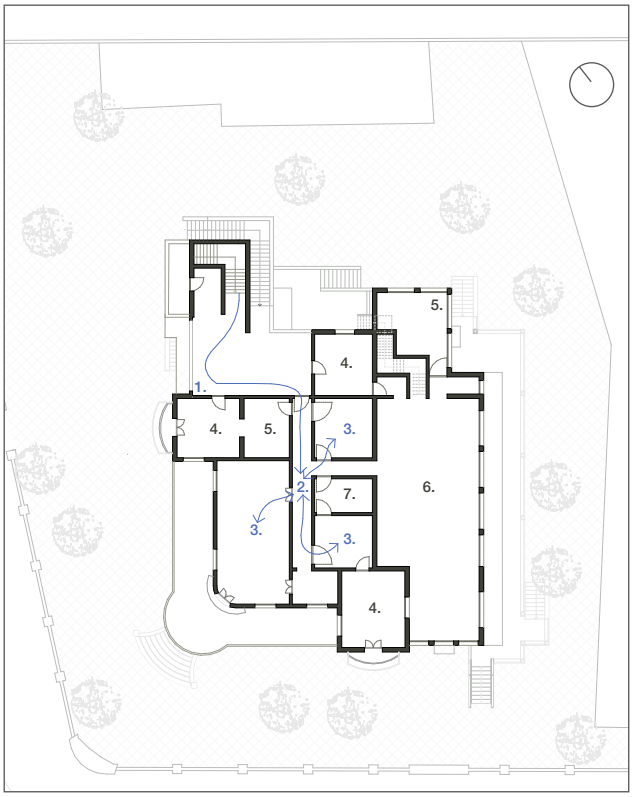
41. Campo de concentração localizado no distrito de Gaza, no norte do país.
42. Complexo prisional localizado na periferia de Lourenço Marques, na Machava.

Espaços destinados a Prisioneiros pertencentes a Guerrilhas:

1. Espaço de Espera
2. Corredor
3. Salas de Interrogatório

Espaços exclusivos de Funcionários da PIDE:

4. Gabinetes
5. Arquivo
6. Sala de Reunião
7. Lavatório



Planta à escala 1:500

Imagem [013] - Planta do 1º Piso da Vila Algarve enquanto Sede da PIDE.

Espaços destinados a Prisioneiros pertencentes a Guerrilhas:

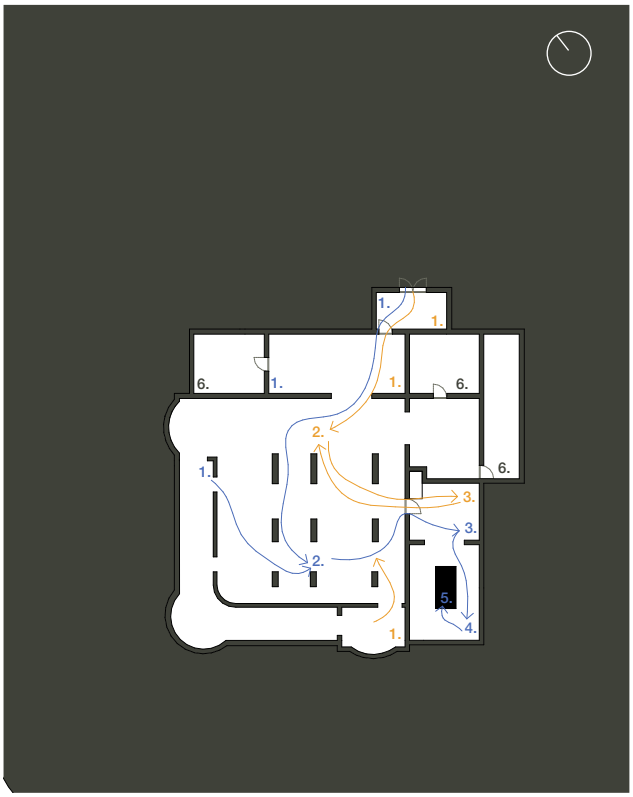
1. Corredor
2. Dormitório
3. Sala de Electrocussão
4. Sala de Execução
5. Túnel com acesso direto à rede de esgoto.

Espaços destinados a Prisioneiros Comuns:

1. Corredor
2. Dormitório
3. Sala de Electrocussão

Espaços exclusivos de Funcionários da PIDE:

6. Arrumo de Instrumentos



Planta à escala 1:500

Imagem [014] - Planta do piso cave da Vila Algarve enquanto Sede da PIDE.

A guerra colonial começou oficialmente a 25 de Setembro de 1964, quando a Frelimo[43] lançou uma campanha de guerrilha contra as forças policiais portuguesas, na região de Mueda[44]. O conflito rapidamente se espalhou pelo país, com a Frelimo a conquistar o controlo da maior parte das zonas rurais enquanto as forças policiais portuguesas mantinham o controlo da maioria das grandes cidades.

Nas décadas de 1960 e 1970, em paralelo com a guerra colonial, ocorria uma tentativa tardia de "Nação Plurirracial". Nesta altura, ocorreu uma "explosão urbana" nos subúrbios das cidades (com uma renovação dos equipamentos e serviços e da construção privada), interpretando-se esta dinâmica como uma tática de tentativa de apaziguamento das tensões raciais. Posteriormente, entre 1974 e 1975, com o súbito processo de descolonização, todos estes avanços urbanísticos e arquitetónicos sofreram uma abrupta estagnação, que até hoje se reflete nas cidades.

A guerra foi caraterizada por vários combates e atrocidades cometidas por ambos os lados. As forças policiais portuguesas usaram táticas de supressão muito duras contra a Frelimo, incluindo tortura, massacres e realojamentos forçados de populações rurais. Por sua vez, a Frelimo respondeu com tácitas de guerrilha, como emboscadas, ataques e sabotagens às forças policiais portuguesas. Com a crescente vontade de tornar Moçambique num estado soberano, e por consequência um número cada vez maior de moçambicanos com uma agenda nacionalista, a perseguição efetuada pela PIDE foi se intensificando cada vez mais.

Em 1960, a PIDE começa a sua "caça" mais intensa aos dissidentes e rebeldes. Qualquer pessoa que demonstrasse algum tipo de apoio à Frelimo era preso e interrogado na Vila Algarve. Houve inclusive uma perseguição às igrejas protestantes, pois estas não estavam de acordo com o lema "Deus, Pátria e Família"[45] defendido pelo Estado Novo. Além disso, muitos dos seus missionários pronunciavam os abusos e alguns dos massacres cometidos pela polícia colonial. Em 1972, 200 líderes de igrejas protestantes foram intensamente interrogados tendo dois deles morrido no próprio interrogatório.

Existia também uma grande falta de confiança entre os cidadãos, devido a esta perseguição. Aliás, o Inspetor Pereira de Carvalho, responsável pelos serviços de informação da polícia, acreditava que existiam informadores em todo lado, pois o "informador era todo o indivíduo ligado ou com acesso a qualquer setor

43. *Frente de Libertação de Moçambique*, mais conhecido pelo seu acrónimo FRELIMO, movimento fundado a 25 de Junho de 1962, que ganhou força e dimensão, e que passou a ser a referência da luta armada contra o "colonialismo".
44. Vila situada na província de Cabo Delgado, a norte do país.
45. Designação comum da Segunda República Portuguesa, de carácter autoritário, vigente nos anos 1933 a 1974.

de atividade política, que se identificava com o pseudónimo e recebia uma quantia mensal como pagamento do seu trabalho."[46]

Os Serviços de Informação funcionavam de forma tão secreta que, após o 25 de Abril de 1974 foi muito difícil reconstruir grande parte das incidências da sua atuação, dado que a maioria das provas foram destruídas. Contudo, "a PIDE não gostava de falar de si própria e do que fazia." [47]

Apesar de não ser o objeto deste estudo, existem alguns nomes relevantes que devem ser mencionados.

António Vaz, chefe da PIDE em Moçambique, teve uma carreira produtiva em Lourenço Marques recebendo vários louvores, inclusive do governador-geral. Contudo, após o 25 de Abril, vários inspetores da PIDE [48] o acusaram de ter ordenado Casimiro Monteiro a matar Eduardo Mondlane[49].

Francisco Lontrão deixou a sua marca pela violência cometida nos seus interrogatórios. "Não se assemelhava à ideia que todos temos de um interrogador da polícia secreta, mas a sua aparência dizia das coisas que ele fazia, direta ou indiretamente"[50]. A própria Cruz Vermelha Internacional, após uma visita às cadeias em Moçambique, sentiu a necessidade de falar dos "excessos patrióticos do Inspetor"[51]. Aliás, na sequência desta queixa, Francisco Lontrão foi forçado a pedir exoneração do cargo. Um dos prisioneiros interrogados pelo inspetor foi o poeta José Craveirinha [52], que, mais tarde, relatou nos seus poemas a sua experiência na Vila Algarve.

A PIDE, quando emitia um processo contra alguém, seguia uma lista de métodos bastante eficazes. Começava pela vigilância dos suspeitos, a violação das suas correspondências e a identificação do seu círculo social. Após esta análise inicial, passava à própria busca e revista das mesmas e por fim partia para rusgas e tortura. Quanto aos julgamentos políticos, a que teoricamente todos os cidadãos teriam direito, não ocorreram com tanta frequência nas antigas colónias. Os "problemas" eram resolvidos nas salas de interrogação.

Em 1964, intelectuais moçambicanos como José Craveirinha, Luís Bernardo Honwana[53], Rui Nógar[54] e Malangatana Ngwenya[55] foram detidos. Mais tarde, após um longo período presos na Vila Algarve a ser "interrogados" diariamente, foram absolvidos. As suas histórias foram, mais tarde, contadas através das suas artes.

46. MATEUS, Dalila Cabrita - A PIDE/DGS na Guerra Colonial, 1961-1974;. Lisboa. Terramar, 2004. ISBN 972-710-369-3. pág. 58.

47. idem, pág. 70.

48. CASTANHEIRA, João Pedro - *Rosa Casaco, Voltaria à PIDE*. Lisboa. Expresso, Revista nº 1321. 02.02.1998.

49. Eduardo Mondlane (N. 1920 - M. 1969) Um dos fundadores e o primeiro Presidente da Frelimo.

50. MATEUS, Dalila Cabrita; *A PIDE/DGS na Guerra Colonial 1961-1974*; Terramar; 2004, pág. 76

51. IAN//TT, Arquivos da PIDE , Processo 3390 SR, PT4, *Missões filantrópicas da Cruz Vermelha Internacional*.

52. José Craveirinha (N. 1922 - M. 2003) - Jornalista, escritor e considerado um dos maiores poetas moçambicanos, galardoado com o Prémio Camões em 1991, pertenceu a uma célula da 4ª Região Politico-Militar da Frelimo.

53. Luís Bernardo Honwana (N. 1942 -) - Escritor Moçambicano

54. Rui Nogar era o pseudónimo do escritor moçambicano Francisco Rui Moniz Marques (N. 1932 - M. 1993)

55. Malangatana Ngwenya (N. 1936 - M. 2011) - Artista plástico e poeta, considerado um dos maiores artistas de Moçambique.

Apesar das objeções em fóruns internacionais, Portugal mantinha as colónias, considerando-as partes integrantes do país e defendia-as militarmente. Muitos portugueses viam, como necessária, a existência de um império colonial para que o país tivesse poder e influência internacional, mas o peso da guerra e o facto do contexto político global estar a evoluir noutra direção, a noção de império colonial era cada vez mais obsoleta. A guerra tornara-se extremamente dispendiosa para Portugal e cada vez mais era debatida a situação relativa à quantidade de fundos gastos nela sem sentido, especialmente quando as outras nações evoluíam para contextos sócio-políticos mais democráticos.



Imagem [015] - Propaganda durante a Guerra Colonial.

No início da década de 1970, mesmo após a morte de António de Oliveira Salazar, o ideal Salazarista mantinha-se vivo. Marcelo Caetano, que assumira então o poder, defendia o mesmo que o governante anterior, agindo, na essência, da mesma forma. Qualquer tipo de reforma política em Portugal era impedida pela PIDE e, nesta altura, era cada vez mais evidente o isolamento de Portugal em relação aos restantes países vizinhos. Nos países do Ocidente, sentia-se uma grande evolução científica, social e intelectual, enquanto que em Portugal, os ideais seguidos, eram a defesa do Império através da força das armas. Ou seja, o contexto internacional, era cada vez mais desfavorável para o regime do Estado Novo.

No auge da Guerra Fria, as nações dos blocos capitalistas e comunistas, numa tentativa de atrair Portugal para a influência americana ou soviética, começaram a financiar as guerrilhas nas colónias portuguesas. Foi o desejo de muitos cidadãos de continuar sob o domínio português que atrasou o processo descolonização. No entanto, após quase uma década de guerra, a revolução do 25 de Abril veio trazer a luz ao fundo do túnel que as colónias necessitavam desesperadamente.

No dia 24 Abril de 1974 às 22h55, foi transmitida na rádio a canção "Depois do Adeus", de Paulo de Carvalho, o primeiro sinal previamente combinado que desencadeou o golpe de estado. O segundo sinal foi dado às 00h20 do dia 25 de Abril, com a canção "Grândola, Vila Morena" de Zeca Afonso. A 25 de Abril, as forças militares ocuparam diversos pontos estratégicos em Lisboa e derrubaram a ditadura do Estado Novo, implementado em 1926. A reação do regime foi bastante lenta e ineficaz, resultando no refúgio de Marcelo Caetano no Quartel do Carmo, de onde acabou por sair sob escolta militar do Capitão Salgueiro Maia em direção ao exílio.

Após a revolução, milhares de cidadãos portugueses deixaram Moçambique, e o novo chefe de governo, o General António de Spínola, anunciou o cessar fogo. Com a mudança do governo em Lisboa, muitos soldados recusaram-se a combater, mesmo com a insistência de reforçar a posição das forças portuguesas nas colónias.

O 25 de Abril não trouxe o fim imediato da PIDE-DGS nas colónias, ao contrário do que aconteceu em Portugal. Várias personalidades mantiveram-se nas antigas colónias, mas não tiveram muita sorte, acabando muitos por serem mortos pela população. Em Moçambique, foram fixadas nos edifícios públicos

listas com nomes e fotografias dos informadores africanos, assim como de outros membros negros e mestiços que apoiavam o Estado Novo e a PIDE. Todos eles foram convocados e julgados no antigo Liceu de Salazar, pela Comissão Política da Frelimo.

As primeiras tentativas de negociação de paz são datadas entre seis meses antes do 25 Abril e Setembro de 1973, quando Jorge Jardim, empresário estabelecido em Moçambique se reuniu com Kenneth Kaunda [56], líder zambiano, para que se pudesse esboçar um acordo de paz [57].

Novamente a Junho de 1974, depois do 25 de Abril, ocorreu uma nova tentativa de acordo de paz numa reunião organizada em Lusaka onde estiveram presentes o presidente Kaunda, Mário Soares (Ministro dos Negócios Estrangeiros) , Otelo Saraiva de Carvalho [58] (Movimento das Forças Armadas) e Samora Machel [59]. A proposta não foi aceite pela Frelimo.

Continuaram a ser feitas negociações entre a administração portuguesa (através do MFA) e a Frelimo, resultantes na assinatura do acordo de Lusaka, a 7 Setembro 1974 na Tanzânia, que declarava a transferência de soberania de Moçambique à organização moçambicana.

A Independência Moçambique foi finalmente formalizada a 25 de Junho 1975, no 13º aniversário da fundação da Frelimo.



Imagem [016] - Samora Machel e Guerrilheiros da Frelimo.

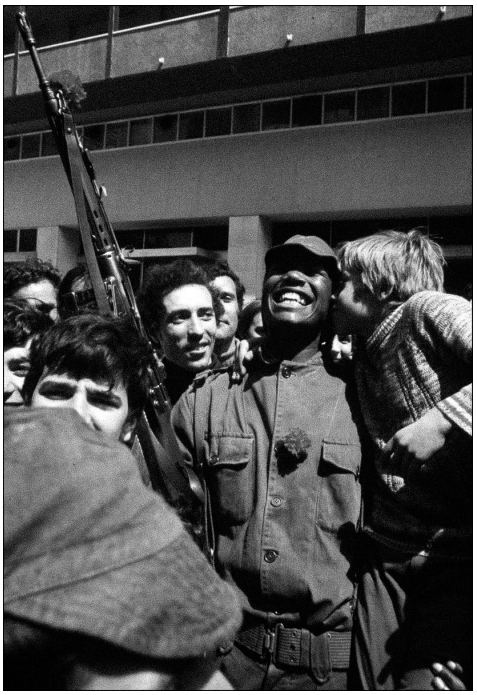


Imagem [017] - Militares no 25 de Abril.

56. Kenneth Kaunda (N. 28-05-1924 - M. 17.06.2021) Primeiro Presidente da Zâmbia após a independência do Reino Unido.

57. Os Acordos de Lusaka foram assinados a 7 de Setembro de 1974

58. Otelo Saraiva de Carvalho (N. 1936 - M. 2021) - Coronel de artilharia portuguesa.

59. Samora Machel (N. 1933 - M. 1986) - Líder da Frelimo.



Imagem [018] -Cartaz do IV Congresso do Partido Frelimo. Autor desconhecido. 1983.

pós-independência

Após a tão esperada independência, a Frelimo foi responsável pela implementação de políticas de desenvolvimento, tais como a centralização do poder político administrativo, uma reformulação do programa de educação e a apropriação de terrenos. É importante relembrar que a Frelimo contava com o apoio da URSS. Samora Machel, o primeiro presidente da República de Moçambique, num comício realizado na capital do país em Março de 1976, anunciou a mudança do nome da capital Lourenço Marques para Maputo, em honra do rio que banha a cidade.

Apesar da ideia inicial da Frelimo ser de apresentar um projeto de uma sociedade sem limitações/estigmas raciais, com a saída abrupta e em grande número de colonos brancos e alguns trabalhadores negros e indianos para o estrangeiro, na maioria dos casos para as suas "metrópoles", este objetivo provou ser difícil de ser atingido. Este êxodo em massa dos colonos brancos deveu-se a um grande número de ataques a propriedades privadas e à transição bastante rápida do poder, com focos de violência que, em determinados momentos, se traduziu em grandes conflitos de rua, o que levou a que os antigos proprietários sentissem mal-estar e falta de segurança no país. Tendo em consciência o passado colonial que o país possuía, e face à tensão social criada, consumava-se o massivo abandono desta população do país, num espaço de tempo extremamente curto. Em contrapartida, foi sentido de imediato um acentuado fluxo de migração interna da população que vivia nas zonas rurais para a "cidade de cimento".

Maputo sofre este "choque demográfico" com um expressivo aumento do número de habitantes nos primeiros anos pós-independência. A primeira consequência, para além dos habituais processos de adaptação a esta nova realidade social, resultou do facto dos residentes da periferia não terem sentido as mesmas oportunidades de trabalho. Estavam criadas as condições para o recrudescimento de conflitos de natureza social que marcaram os anos sequentes da história do "novo país". Este facto induziu comportamentos de grande insegurança nas populações, de que resultaram choques internos que acabariam por culminar em conflitos que vieram a atingir a dimensão de uma verdadeira

guerra civil cuja história a regista como tendo sido iniciada em 1976, cerca de uma ano após a declaração da independência do país.

Todo este fenómeno social materializado com a guerra civil tinha subjacente o confronto político entre forças de poderes antagónicos, designadamente a Frelimo, que se assumiu como a única força com legítima responsabilidade pela libertação do país, e a Renamo[60], que contava com o apoio internacional da Rodésia e da África do Sul (em pleno Apartheid)[61]. Esta guerra durou 16 anos, terminando apenas no fim de 1992. Como em todas as guerras civis, os seus efeitos foram catastróficos para Moçambique, com a consequente desarticulação dos padrões sócio-económicos, e cujas consequências ainda se fazem sentir na atualidade.

A dicotomia urbanística da cidade era cada vez mais evidente, ao contrário do que fora planeado após a independência. A cidade mantinha uma área planeada, infraestruturada e extremamente bem equipada e, ao mesmo tempo, tinha outra face, em que não havia planeamento urbano, equipamentos necessários para o dia a dia, e nenhum tipo de fluxo quotidiano caraterístico de uma cidade. Apesar de terem ocorrido grandes transformações sócio-económicas após a sua independência, sendo que uma delas foi o facto dos residentes da "cidade de cimento" agora serem na sua grande maioria moçambicanos, os contrastes entre urbano e suburbano mantiveram-se e, em muitas situações, tornaram-se ainda mais evidentes e desequilibrados. Embora a sua fragilidade económica, assistiu-se a um crescimento urbano acentuado. Tudo como era expetável, uma vez que as cidades não estavam preparadas para receber um fluxo tão grande de migração vindo das zonas rurais. Assim começou, cada vez mais, a haver uma apropriação informal de todos os espaços disponíveis pela cidade.

Com a saída da polícia política portuguesa do país, a Vila Algarve foi também deixada ao abandono, em linha, aliás, com a da desocupação em massa dos colonos. Pouco a pouco a esta casa veio a transformar-se e tomou o estado de abandono em que se encontra atualmente, com notória degradação do seu aspeto.

Após a independência, a Vila Algarve tornou-se no maior símbolo de infâmia da cidade e, curiosamente, associada a misticismos e "fantasmas"que, no contexto que carateriza a sociedade moçambicana (muito sensível a estes ambientes) assume contornos relevantes. Muitos a viam como uma efetiva "casa

60. Partido pertencente ao lado oposto ao da Frelimo, no espectro idêntico ao da Guerra Fria.
61. Regime de segregação racial implementado na África do Sul em 1948.

de fantasmas". Poucos eram os que se atreviam a entrar na Vila Algarve, pelas superstições que a perseguiam. Contudo, por causa da situação em que a cidade se encontrava após duas guerras (guerra colonial e guerra civil), a população que gradualmente ocupou os espaços informais da capital, ocupou também a Vila Algarve. A casa encheu-se novamente. Destas vez, por refugiados da guerra civil, alguns que possivelmente nunca ouviram as histórias que ecoavam pelas paredes da casa.

"(…) ali encontrei gente fugida da guerra, ocupando todos os centímetros quadrados da casa, incluindo as celas onde sofreram Craveirinha, Knopfli, Malangatana, Nogar e outros. Dei-me conta dos contrastes, o exterior belo na majestade daqueles azulejos algarvios, o interior com as sombras e as manchas de tirania(…)"[62]

Em 1999, a Ordem dos Advogados adquiriu o imóvel com o objetivo de o reabilitar e torná-lo na sua nova sede. Contudo, após inúmeros protestos, alguns inclusive do Núcleo de Artes de Maputo, este projeto não se concretizou. Muitos defendiam que o edifício continha demasiadas memórias dolorosas da história do país e que, torná-lo numa sede, não honraria as vidas perdidas nesta casa em luta pela independência e liberdade. Posteriormente, a Ordem dos Advogados acabou por ceder o edifício ao Ministério da Cultura, por pressão dos protestos gerados após tornarem público os seus planos.

Mais tarde, em 2011, o Ministério da Cultura, cedeu este terreno ao Ministério dos Combatentes para instalar o que seria o Museu Nacional da Resistência Colonial. Contudo, até à data da conclusão da presente dissertação, o projeto não se concretizou.

Apesar de muito ter mudado na cidade, existem ainda muitas semelhanças arquitetónicas com a época colonial. A Vila Algarve, embora o seu estado devoluto, mantém até aos dias de hoje a mesma imagem que tinha desde que foi adquirida pela PIDE. Apesar de beleza exterior evidente, é um edifício sombrio no desenho urbano, talvez pela história que carrega, ou talvez pelo peso das vidas que ali se perderam.

Uma coisa é certa, a Vila Algarve reúne todas as condições para ser um dos principais símbolos da memória das vidas que se perderam ao longo dos tempos mais sombrios da história de Moçambique.

62.BORGES, David - "*Ordem dos Advogados reabilita a antiga sede da PIDE*". Lisboa. Diário de Notícias. Edição online. 18-05-2008.

anexo a

cronologia
enquadramento histórico visual



1930

1926 - Secreta de Lisboa é fundada.

1932 - António Salazar toma posse do regime autoritário de direito.

1933 - Criação da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE).

1934 - Vila Algarve é mandada construir por José dos Santos Rufino.

1940 (década) - Grande crescimento populacional em Lourenço Marques.

1945 - PVDE torna-se Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE).

1945 - Vila Algarve torna-se na Sede oficial da PIDE.

1950 (década) - PIDE ganha um papel enorme na repressão de movimentos nacionalistas nas colónias, especialmente em Angola e em Moçambique.

1950 -PIDE intervém na Vila Algarve acrescentando-lhe um segundo piso.

1975

1960 (década) - Oposição à ditadura do Estado Novo e à guerra colonial cresce em Portugal e no estrangeiro, levando a um aumento da repressão por parte da PIDE.

1964 - Início da Guerra Colonial em Moçambique.

1964 - Responsáveis da 4ª Região Militar da Frelimo são presos e torturados. Personalidades intelectuais como José Craveirinha, Malangatana Ngwenya e Rui Nógar são presos e torturados.

1972 - 200 líderes de igrejas protestantes são intensamente interrogados. Dois morrem no interrogatório.

1973 - Tentativa de negociações de paz entre Jorge Jardim e Kenneth Kaúnda.

1974 - A Revolução dos Cravos põe fim ao regime dictatorial.

1974 - Todos os documentos relacionados com o funcionamento da Vila Algarve são queimados após a Revolução dos Cravos.



1975

1974 - Assinatura dos Acordos de Lusaka a 7 de Setembro.

1974 - Formalização da Independência de Moçambique a 25 de Setembro.

1976 - Início da Guerra Civil em Moçambique.

1980 (década) - Vila Algarve é abandonada.

Ocupação da Vila Algarve por refugiados da Guerra Civil.

1992 - Fim da Guerra Civil em Moçambique.

1999- Aquisição da Vila Algarve pela Ordem dos Advogados.

1999- Protestos ao projeto de transformação da Vila Algarve em Sede da Ordem dos Advogados.

2020

2010 - Estudo das estruturas pertencentes ao antigo Ministério das Colónias.

2010 - Vila Algarve é considerada património arquitectónico.

2013 - Ministério dos Combatentes de Moçambique abre o concurso para o projeto de restauração da Vila Algarve.

2015 - Governo Moçambicano anuncia projeto de restauração da Vila Algarve para a transformar no Museu Nacional da Resistência Colonial.

2020 - Campanha televisiva sobre o projeto da restauração da Vila Algarve, que até hoje não se concretizou.


Lourenço Marques.
Gare dos Caminhos de ferro – R'way Station.
LOURENÇO MARQUES. C
PHILIPS
Coca-Cola
GRANDE
ORIENTAIS




POLICIA










make a dive
to
lourenço
marques








Shell








VOLENTE






KODAK




OFERECE-LHE MAIS
LAURENTINA
A MUNDIAL































3.vila algarve

dualidade de Maputo [pág. 055]
necessidades da envolvente [pág. 061]
memória descritiva atual [pág. 066]

anexo b

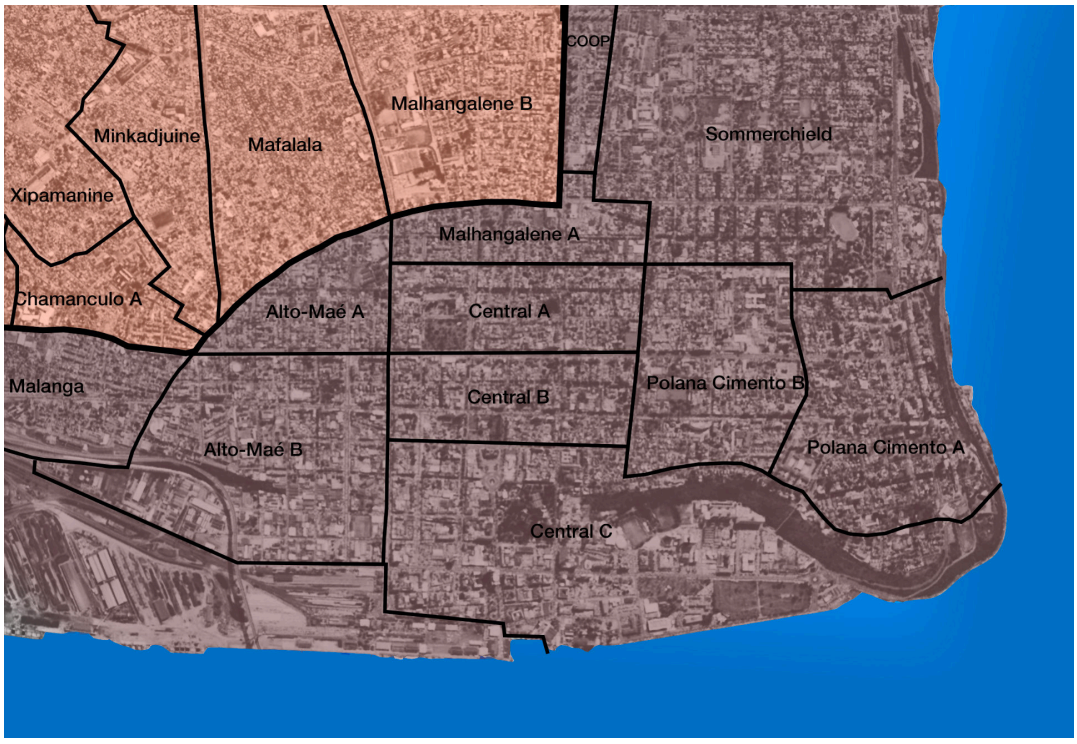


Imagem [019] - Planta dos bairros da cidade de Maputo.

dualidade de Maputo

Após quarenta e sete anos de independência, Moçambique encontra-se bastante diferente, expandindo-se rapidamente. Entre 1975 e 2022, a população de Moçambique duplicou (10 305 347, em 1975, para 32 560 330)[63], sendo que foi na cidade de Maputo, a sua capital, que se notou o maior crescimento populacional, atingindo mais de 1,1 milhão de habitantes. Maputo é hoje considerado o centro político, comercial e financeiro do país. Por este motivo, tornou-se palco de vários processos complexos de crescimento e de segregação espacial, que foram intensificados nas décadas seguintes à sua independência. Esta expansão rápida, algo anárquica, descontrolada e espontânea ocorreu ao mesmo tempo que se assistia a um fenómeno novo na cidade, a sua gentrificação.

A região central, informalmente denominada "cidade de cimento", é onde existe o maior número de infraestruturas modernas, extremamente diversificadas. A construção de habitação de luxo, de complexos empresariais, centros comerciais modernos e de hotéis, construídos com padrões internacionais, dão à cidade uma ideia paisagística de evolução a favor de uma pequena elite com poder financeiro acima da média. Contudo, cerca de 92% da população de Maputo vive na periferia, na "cidade de caniço", em que a realidade não podia ser mais distinta da que é apresentada pelos restantes 8%, na "cidade de cimento".

A "cidade de caniço" é marcada por um tipo de habitação muito precária e informal (sem qualquer tipo de ordem ou planeamento urbano) e pela ausência total de infraestruturas e serviços públicos. O facto dos residentes recorrerem a medidas informais, nomeadamente a auto-construção individual, sem projeto estruturado e sem qualquer preocupação ambiental, ocupando espaços pouco usuais para habitação, deu à "cidade de caniço" uma individualidade que não se encontra normalmente nos subúrbios de cidades neoliberais. Aliás, os subúrbios não possuíam propriamente dinâmicas rurais, mas estas também não poderiam ser consideradas dinâmicas totalmente citadinas, como as existentes nos bairros centrais. Criavam-se, deste modo, "(...) novas conceções urbanísticas e estilos arquitetónicos próprios, formas de socialização, exercícios de solidariedade característicos e, também, uma verdadeira cultura urbana" [64].

Apesar das suas dinâmicas próprias, os subúrbios continuam dependentes do centro. Em contrapartida, o centro mantém em si alguns vestígios de informalidades, provenientes da periferia. Existe um fluxo diário de população entre a "cidade de caniço" e a "cidade de cimento" através dos transportes

63. https://countrymeters.info/pt/Mozambique

64.LAGE, Luís; CARRILHO, Júlio (coord.) - *Inventário do Património Edificado da Cidade de Maputo: Catálogo de Edifícios e Conjuntos Urbanos Propostos para Classificação*. Maputo. Edições FAPF - 2010. p.9.

públicos existentes, nomeadamente os “machimbombos” e os “chapas”. Pela “cidade de cimento” existem pontos em que se concentram as paragens dos transportes públicos. Um desses pontos é bastante próximo da Vila Algarve, existindo portanto, um fluxo de movimento diário originado nos subúrbios com destino final na Avenida Ahmed Sekou Touré, em que a passagem por este edifício tingido de memórias sombrias é obrigatória.

Na “cidade de cimento”, o fenómeno de gentrificação começou lentamente a dominar. Todos os terrenos disponíveis nas zonas mais cobiçadas da cidade foram cedidos e usados para a construção de condomínios privados, destinados apenas a um grupo limitado da população, que efetivamente possuí o poder de compra para este tipo de luxo. Esta pressão imobiliária levou a que cada vez mais se procurasse habitação nos subúrbios, em terrenos disponibilizados pelo Estado com o objetivo de serem alugados ou cedidos numa lógica de “trespasse”, uma vez que, nos termos legais, “a terra é propriedade do Estado” [65]. Com esta urgência de afirmação de cidade neoliberal, em que o centro da cidade acaba por se tornar quase inabitável, devido à falta de poder de compra da maior parte da população, Maputo começa a reaproximar-se novamente da dinâmica do tempo colonial, em que a população mais pobre era “empurrada” para as periferias. O centro urbano volta a ameaçar transformar-se num local para elites.

Esta necessidade de afirmação através da construção moderna impactante destaca ainda mais os terrenos com construções coloniais. A zona envolvente da Vila Algarve é um bom exemplo. Apesar do estado degradado e de abandono em que a antiga sede da PIDE se encontra, ela acaba por se destacar, devido ao choque de tipologias de construção entre a envolvente e o terreno da moradia. Sempre que se percorre aquela rua, é inevitável olhar para a Vila Algarve que, pela sua configuração arquitetónica traz à memória o seu contexto histórico. Observar a Vila Algarve é o mesmo que olhar para o passado, motivando de imediato uma reflexão sobre ele e os erros cometidos, projetando uma nova visão para construir um futuro diferente.

Maputo hoje, um pouco à imagem do restante país, evidencia assimetrias sociais, económicas e estruturais, sendo claras as diferenças entre o tecido urbano central (cimento), com afinidades a uma classe local dominante pelo seu poder financeiro, e uma grande fatia maioritária de baixos recursos, alojada na periferia (caniço) em condições muito distantes daquela.

65. “Na República de Moçambique a terra é propriedade do Estado e não pode ser vendida, ou por qualquer outra forma, alienada, hipotecada ou penhorada.” - Regime da propriedade da terra do Governo Moçambicano. https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Cidadao/Informacao/Direito-do-Uso-e-Aproveitamento-de-Terra (consultado a Setembro de 2023)

Esta dicotomia pode assumir riscos de algum potencial futuro, caso não se invertam políticas estratégicas na definição do modelo sócio-económico que permita, a longo prazo, equilibrar e nivelar as assimetrias. Em suma, a modernidade que espelha o novo tecido urbanístico do centro da cidade, deverá a longo prazo refletir a matriz para o restante país. É a visão estratégica que se recomenda, sem prejuízo de se continuar a manter a dicotomia pedagógica entre a centralidade e a periferia. Esta dinâmica de centro e subúrbio tenderá a ficar mais dispersa, com a aparição de novos centros.

Podemos concluir, em relação à cidade pós-colonial, que é possível caraterizá-la através de dois momentos cruciais "(...) 10 anos de transição visando à criação de uma cidade socialista africana e 25 anos de construção de uma cidade neoliberal que se consolida no novo milénio."[66]

Porém, apesar desta insistência na criação de uma cidade aberta/neoliberal, ainda é possível observar por toda a parte, vestígios e monumentos que honram a memória e a história deste país. Um deles é precisamente a Vila Algarve, que contém apenas a força de um vestígio, mas que possui o potencial para ser transformada num Monumento de Memória.

66. MENDONÇA, Lisandra de Franco. *Conservação da Arquitectura e do Ambiente Urbano Modernos: a Baixa de Maputo*. Coimbra. Faculdade de Arquitectura e Urbanismo Universidade de Coimbra, 2015. Tese de Doutoramento.

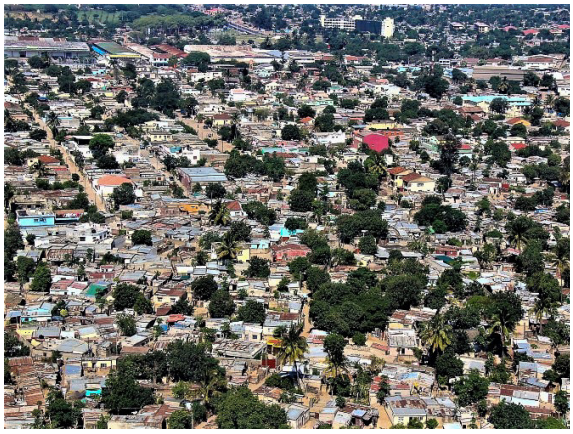












Imagem [020, 021, 022, 023, 024, 025] - "Cidade de Caniço" do geral ao particular.





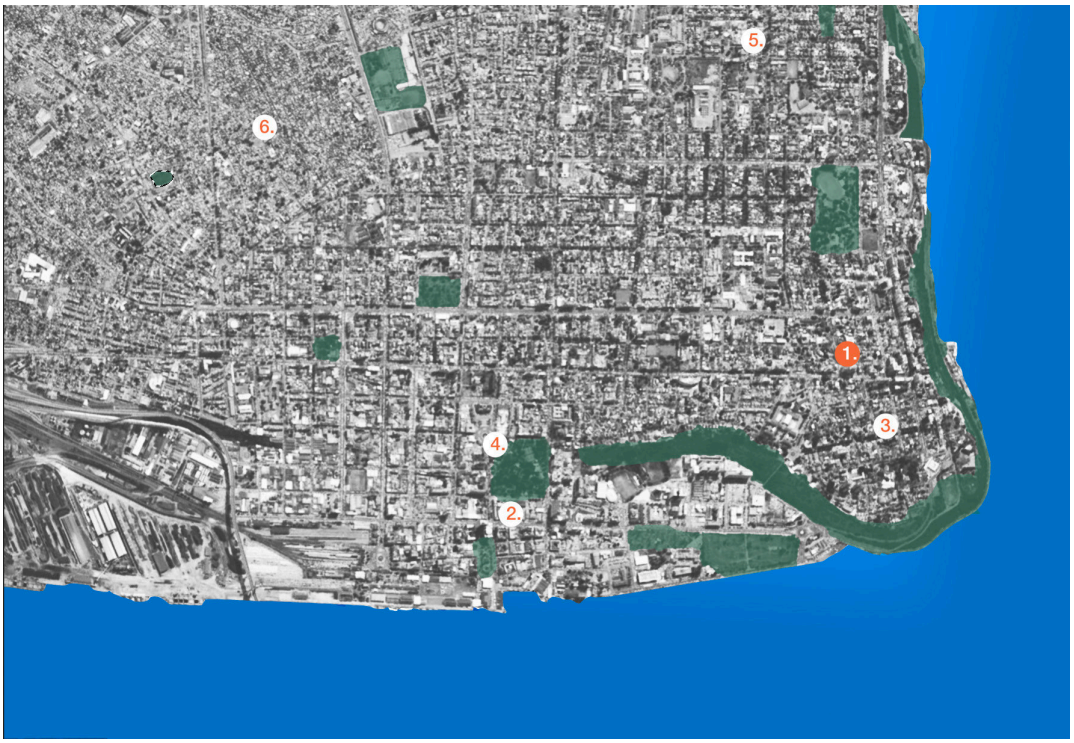








Imagem [026, 027, 028, 029, 030, 031] - "Cidade de Cimento" do geral ao particular.



1. Vila Algarve
2. Biblioteca Nacional de Moçambique
3. Centro Social e Cultural do Núcleo de Arte
4. Centro Cultural Fraco-Americano
5. Fundação Fernando Leite Couto
6. Museu de Mafalala

Espaços Verdes

Imagem [032] - Planta da localização de pontos importantes na cidade de Maputo.

necessidades da envolvente

De forma a conceber um projeto que fosse ao encontro das caraterísticas consideradas importantes para a realização deste trabalho, nomeadamente a ideia de reintegrar a Vila Algarve na cidade de Maputo e de a abrir a toda a sua comunidade, bem como transformá-la num monumento, foi importante compreender a sua envolvente, não apenas o que efetivamente já existe mas também o que carece, de modo a que a Vila Algarve integre o desenho da cidade, colmatando algumas das lacunas das suas dinâmicas.

Moçambique é ainda considerado um país em desenvolvimento, com carências de recursos e equipamentos por todo o país e, apesar de Maputo ser a cidade mais desenvolvida, ainda necessita de vários espaços importantes para o bem estar da sua população. A Vila Algarve é uma obra de área vasta, e o facto da sua estrutura estar maioritariamente focada na fachada, permite que o edifício se torne bastante versátil. Isso é comprovado pelos diversos projetos já elaborados para este terreno, que abrangem programas totalmente diferentes.[67]

Outro fator importante para a conceção do programa do projeto foi a sua história. Era pertinente que o edifício não perdesse as suas memórias, sendo crucial introduzir um novo olhar sobre elas, um olhar que não estivesse carregado de mágoa e de escuridão mas sim de lembrança, de força e perseverança, de modo a honrar a memória de quem passou pela Vila Algarve.

Durante a guerra colonial, ou seja, na época em que a presença da PIDE era mais sentida, ocorreu um processo contra as entidades intelectuais da cidade, mais concretamente contra as entidades que exprimiam a sua opinião através da arte (especialmente as que demonstravam as políticas praticadas pela PIDE e pelo regime em geral). Não sendo um exclusivo de Maputo, é notória a carência de recursos dedicados ao ensino das artes. Além dos benefícios para a saúde mental, a arte é uma excelente forma de expressão pessoal, razão porque fará todo o sentido a existência de um espaço único, onde se possa ensinar e expor arte para a população.

Seguindo esta visão, era importante produzir uma listagem da existência de determinados equipamentos, para que a Vila Algarve para além do monumento que se pretende que seja, possa também complementar-se com que se encontra em falta na cidade. Atentando a essa listagem, há alguns equipamentos que devem ser mencionados.

67. A Vila Algarve já esteve para ser a sede da ordem dos advogados e mais recentemente um Museu.

Na cidade, existe apenas uma biblioteca aberta ao público, a Biblioteca Nacional de Moçambique. O edifício foi construído em 1904 para abrigar a chamada "Repartição da Fazenda", e foi projetado pelo arquiteto Mário Veiga. Em 1961 tornou-se na biblioteca municipal de Lourenço Marques. Atualmente, continua a funcionar como biblioteca e contém o depósito legal de Moçambique. As restantes bibliotecas mantêm-se fechadas à maior parte da população, incluindo as bibliotecas das universidades, que restringem a sua utilização aos estudantes. Devido ao facto de ser a única biblioteca pública em funcionamento, o acesso à Biblioteca Nacional de Moçambique é bastante limitado, pois o espaço não está preparado para receber um elevado número de visitantes.

Adicionalmente importante é o Centro Social e Cultural do Núcleo de Arte, o único espaço da cidade com atelier aberto a qualquer artista, independentemente da sua situação financeira. Acredita-se que tenha sido fundado em 1921. Após o 25 de Abril, como a Vila Algarve, foi deixado ao abandono apesar de inúmeras tentativas para o impedir (inclusive pelo próprio Malangatana). Além do atelier, possui uma pequena galeria para exposições e um restaurante. Apesar de usufruir de fundos ao abrigo do governo, o restaurante é a única fonte de rendimentos do próprio núcleo, que permite manter o atelier aberto gratuitamente para qualquer artista que queira visitar e usufruir do espaço.

O Centro Cultural Fraco-Moçambicano foi uma iniciativa da Embaixada de França em Moçambique, em parceria com o Ministério da Cultura e Turismo, de modo a promover e valorizar a cultura moçambicana contemporânea, assim como desenvolver a difusão da cultura francófona e da língua francesa em Moçambique. O edifício foi construído em 1898 e posteriormente reabilitado em 1995 tornando-se num dos mais antigos da cidade. O CCFM acolhe uma grande sala de espetáculos, um auditório, uma sala de exposições, uma mediática, jardim com palco exterior e ainda um centro de línguas.

A Fundação Fernando Leite Couto, criada em 2015, é um espaço que "promove ações de caráter cultural, educacional, artístico e filantrópico, com destaque para a literatura e o apoio a jovens talentos moçambicanos"[67]. A missão consiste na promoção de eventos literários assim como o apoio adicional a autores moçambicanos, a formação e debates sobre a literatura artes e culturas através de conferências, seminários, colóquios, etc. Outro aspeto importante da Fundação é o facto de esta estar a tentar construir e montar uma biblioteca própria, com acesso público que possa eventualmente apoiar outras bibliotecas localizadas

67. Descrição da missão da fundação no website do mesmo. https://fflc.org.mz/fundacao/ (Consultado a Março de 2023)

em Moçambique. A Fundação foi criada recentemente e, naturalmente, os seus esforços ainda não são visíveis. No entanto, o futuro cultural de Moçambique está a ser gradualmente semeado.

Por fim, outro local importante a mencionar é o Museu de Mafalala, devido à sua visão social. Localizado na periferia, na "cidade de caniço", o museu tornou-se num espaço de curadoria local, sendo um dos primeiros em que artistas desta zona podem expor a sua arte. O espaço funciona através de um processo comunitário e participativo, uma caraterística que também se pretende refletir na "nova" Vila Algarve. O Museu promove o património cultural e a história do bairro de Mafalala tornando-se num ponto de referência na "cidade de caniço". Além do espaço dedicado a exposições, possui um espaço de multiusos, usado pela organização para eventos diversos, que trazem vida ao bairro.

Na cidade de Maputo existem poucos espaços multi-usos. No quotidiano, um cidadão vê-se obrigado a andar por toda a cidade, se pretender visitar diferentes setores. Considera-se necessária a criação de um espaço que possa ser utilizado para diversos programas culturais diferentes, assim como por diferentes faixas etárias, e extratos sociais. Seria fundamental que a "nova" Vila Algarve convidasse toda a população, independentemente da sua idade ou situação financeira. Posto isto, e sempre com a noção da monumentalidade do edifício, é fundamental criar esta diversidade de espaços novos que produzam uma nova atmosfera no lugar e sustentem a memória do edifício.

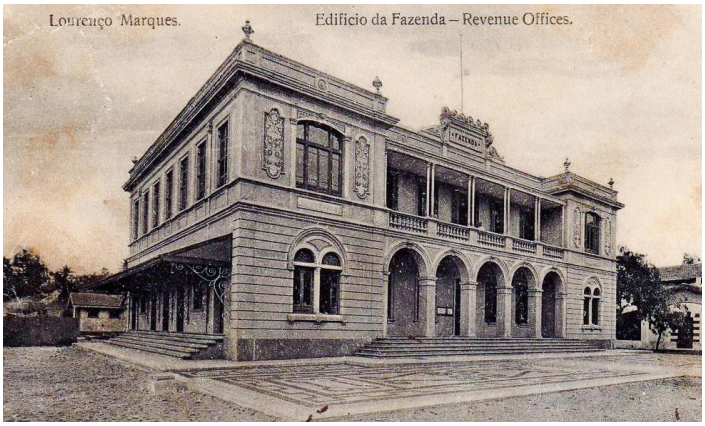








Imagem [033, 034, 035, 036] - Colagem das Necessidades da Envolvente.









Imagem [037, 038, 039, 040] - Colagem das Necessidades da Envolvente.

memória descritiva atual

Situada num gaveto entre a Avenida dos Mártires da Machava e a Avenida Ahmed Sekou Touré, na zona residencial da Polana Maputo, a Vila Algarve passa hoje completamente despercebida, não só por ter o seu acesso restrito, mas também por se encontrar num estado devoluto tão degradado que a obra se camufla da envolvente.

Em 1934, José dos Santos Rufino, encarrega o engenheiro Alfredo F. Soares de construir a sua moradia pessoal[68]. O projeto inicial era constituído por uma cave e um piso térreo. Com a finalidade de se tornar numa casa senhorial, a Vila Algarve era abastada de espaços amplos e luminosos que permitem concluir que estávamos na presença de uma família de elevadas posses.

O projeto consiste numa planta, simétrica mas irregular, recuada de dois flancos virados a Noroeste e Sudoeste e cada um demarcado por uma cimalha balaustrada. O piso térreo é ocupado por um alpendre que delimita as duas fachadas viradas para as ruas, detalhe comum para a época. A casa é orientada em função das ruas, sendo que estas duas fachadas estão muito mais trabalhada que as fachadas tardóz, inclusive tendo as escadas situadas no seu gaveto, apesar da entrada principal ser feita pela lateral. Na época, isto era um pormenor bastante comum. Enquanto a frente da casa era tratada com bastante cuidado (destaque ao detalhe e extremamente adornada), as traseiras possuíam um tratamento relativamente simplificado, de forma a poupar custos na obra, visto não estarem visíveis a quem passasse pela casa.

Em 1936, sofre a sua primeira alteração ainda com José dos Santos Rufino como proprietário. A primeira ampliação consistiu na construção das duas dependências nas traseiras, que teriam servido de armazéns para os diversos negócios de Santos Rufino, e do acrescento das varandas nos dois flancos.

Em 1950, já sob a posse da PIDE-DGS, sofre uma segunda e final alteração. É-lhe acrescentado um segundo piso, seguindo a linguagem do primeiro, delimitado por uma cimalha balaustrada e com pequenos varandins no alinhamento dos existentes no piso térreo. Um projeto do arquiteto Martins Rocha.[69].

68. MANHIÇA, Virgílio; *Reutilização do Património Edificado como Forma de Reintregra-lo à Vida Quotidiana - Refuncionalização do Edifício Vila Algarve*; Dissertação de Licenciatura; Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane; 2019; pág. 35.
69. idem.



Imagem [041] - Planta do Piso Térreo.
Desenho aproximadamente à escala 1:450.

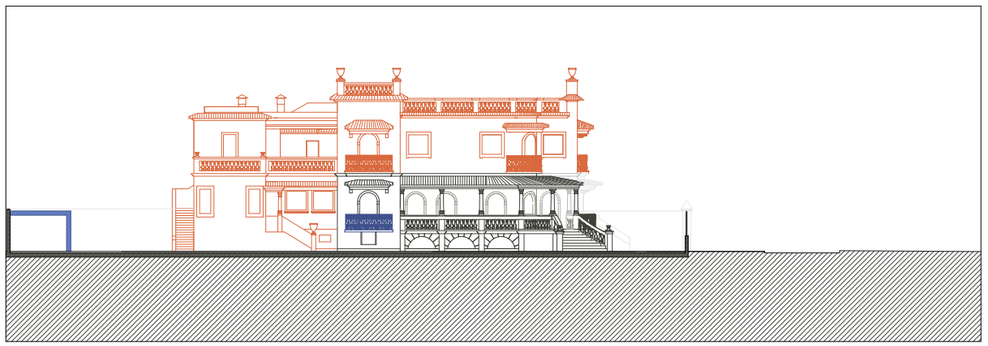


Imagem [042] - Alçado da rua Avenida dos Mártires da Machava.
Desenho aproximadamente à escala 1:450.

Alteração e ampliação de 1936

Alteração de 1950



1961



1980



1995



2007



2013



2022

Imagem [043, 044, 045, 046, 047, 048] - Colagem da evolução da degradação da Vila Algarve

Presentemente, a Vila Algarve encontra-se em total estado devoluto. Os seus vãos apresentam-se absolutamente despidos de qualquer moldura. O seu interior encontra-se em completa ruína, havendo inclusive marcas de humidade através dos seus tetos. Grande parte dos adornos da sua fachada encontram-se destruídos, devido aos anos em que foram deixados ao abandono e também pela ocupação imprópria que obteve nas últimas décadas.

Após a independência, o edifício foi ocupado por sem-abrigos, com comportamentos não recomendados, tornando a casa num espaço pouco seguro para se estar. A própria envolvente tornou-se "perigosa" pela insegurança que transmite. É importante referir que não foi possível visitar o interior da moradia. Devido, por um lado, à falta de segurança existente, e por outro, ao facto de, quando tentava realizar um registo fotográfico, fui impedida pelas forças de segurança de continuar, sem que me tivessem dado qualquer explicação/justificação para o efeito. Resumindo, o que obtive foi um simples, mas veemente autoritário "não pode", impedindo-me de sequer tentar insistir. Este comportamento restritivo da autoridade policial permite concluir que existe ainda hoje um forte "estigma do passado" associado ao contexto histórico tenebroso que a casa possuí. A Vila Algarve é, sem dúvida, um edifício impregnado de história que, na nossa opinião, valia a pena transformar em oportunidade para devolver o edifício à cidade, produzindo valores novos que o prometem para o futuro dinâmico, jovem e culturalmente atrativo.

Não obstante o mau estado total do edifício, um detalhe arquitetónico da sua fachada mantém-se praticamente conservado: os painéis de azulejo azuis e brancos que representam diversas temáticas alusivas a costumes algarvios perduram ainda hoje, apesar de todas as condicionantes desfavoráveis. Curiosamente a erosão do tempo resistiu ao desgaste irreversível destes azulejos, sendo possível ainda hoje distinguir alguns dos títulos dados a estes painéis, como "Farol do Cabo de São Vicente", "Pesca do Atum", "Olhão - Revolta contra a ocupação francesa"[70].

Independentemente da sua degradação, arquitetonicamente é um objeto único na cidade. A sua dimensão impõe respeito, a linguagem num estilo tradicionalmente português é testemunho da história do país e os diversos painéis de azulejos que adornam a sua fachada produzem uma beleza inigualável ao espaço. A Vila Algarve é um excelente exemplo da potencialidade de tornar um edifício não só um Memorial, como também um Monumento arquitetónico.

70. LAGE, Luís; CARRILHO, Júlio (coord.) - *Inventário do Património Edificado da Cidade de Maputo: Catálogo de Edifícios e Conjuntos Urbanos Propostos para Classificação.* Maputo. Edições FAPF - 2010.



Imagem [049] - Alçado da rua Avenida dos Máritres da Machava.
Desenho à escala 1:500.

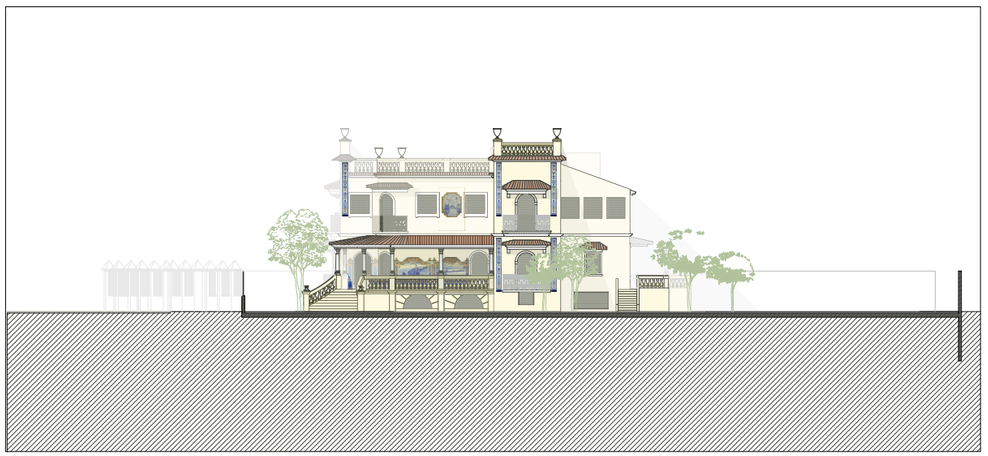


Imagem [050] - Alçados das ruas Ahmed Sekou Touré.
Desenho aproximadamente à escala 1:450.

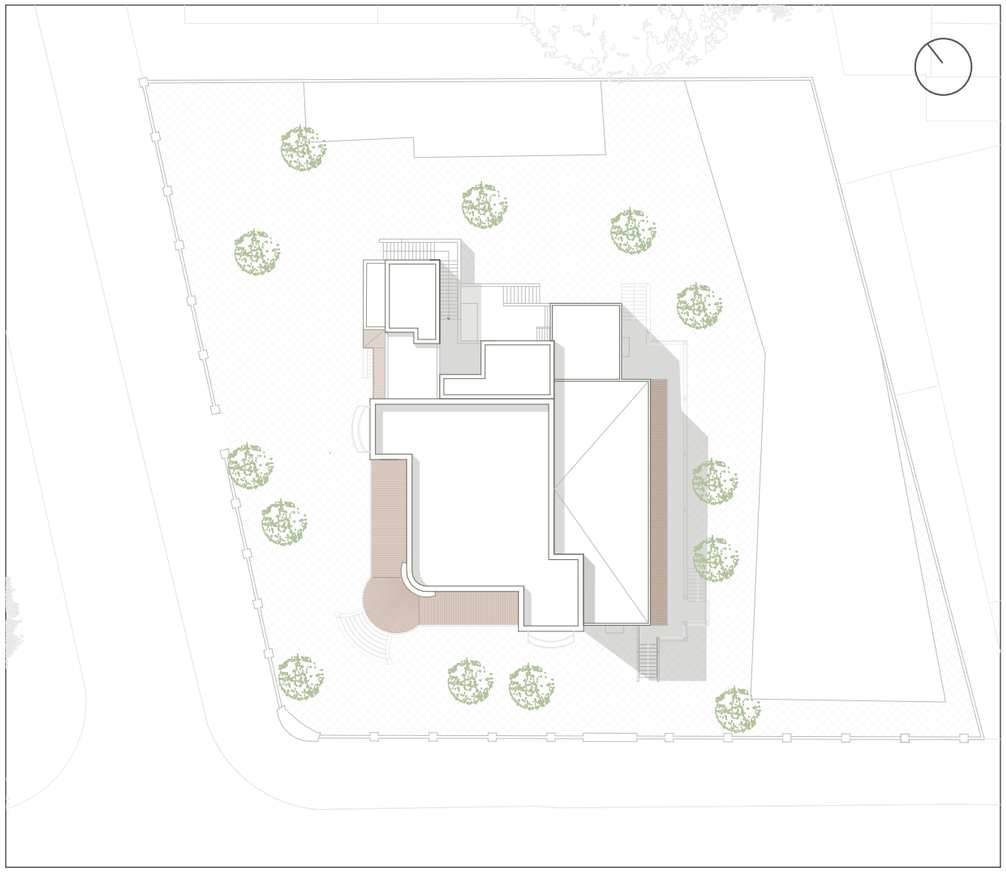


Imagem [051] - Planta da Cobertura.
Desenho aproximadamente à escala 1:450.

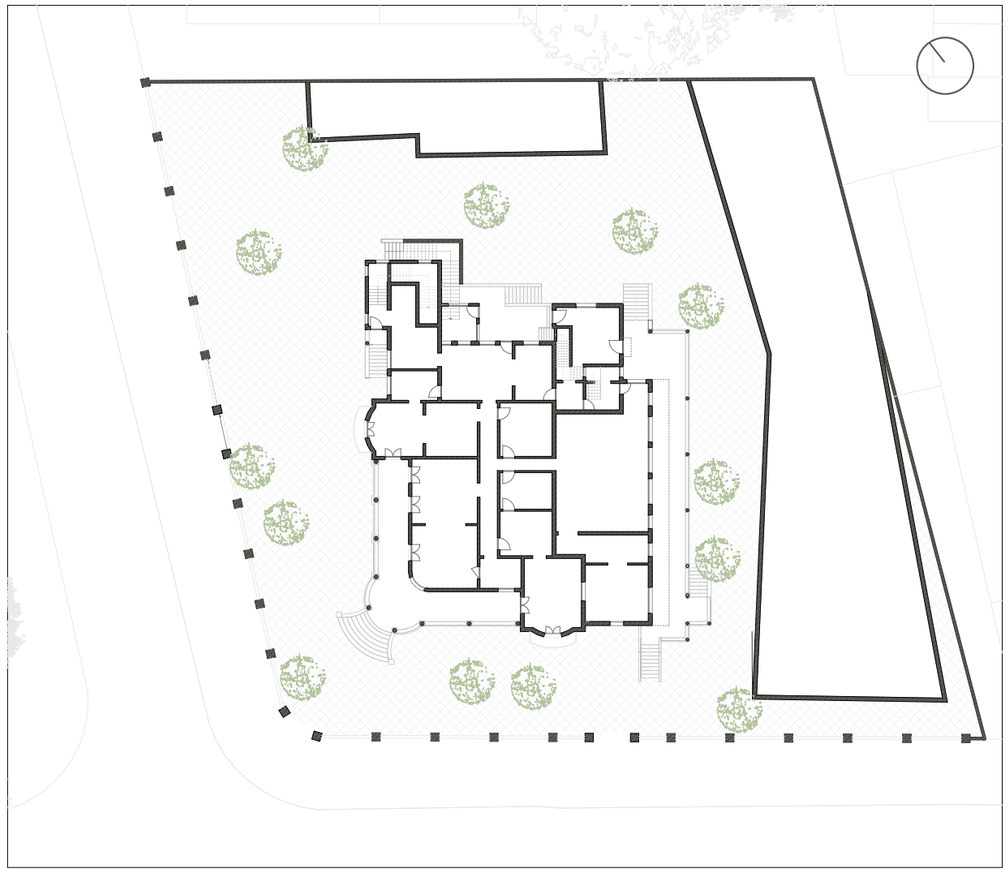


Imagem [052] - Planta do Piso Térreo.
Desenho aproximadamente à escala 1:450.

Imagem [053] - Planta do Piso 1.
Desenho aproximadamente à escala 1:450.

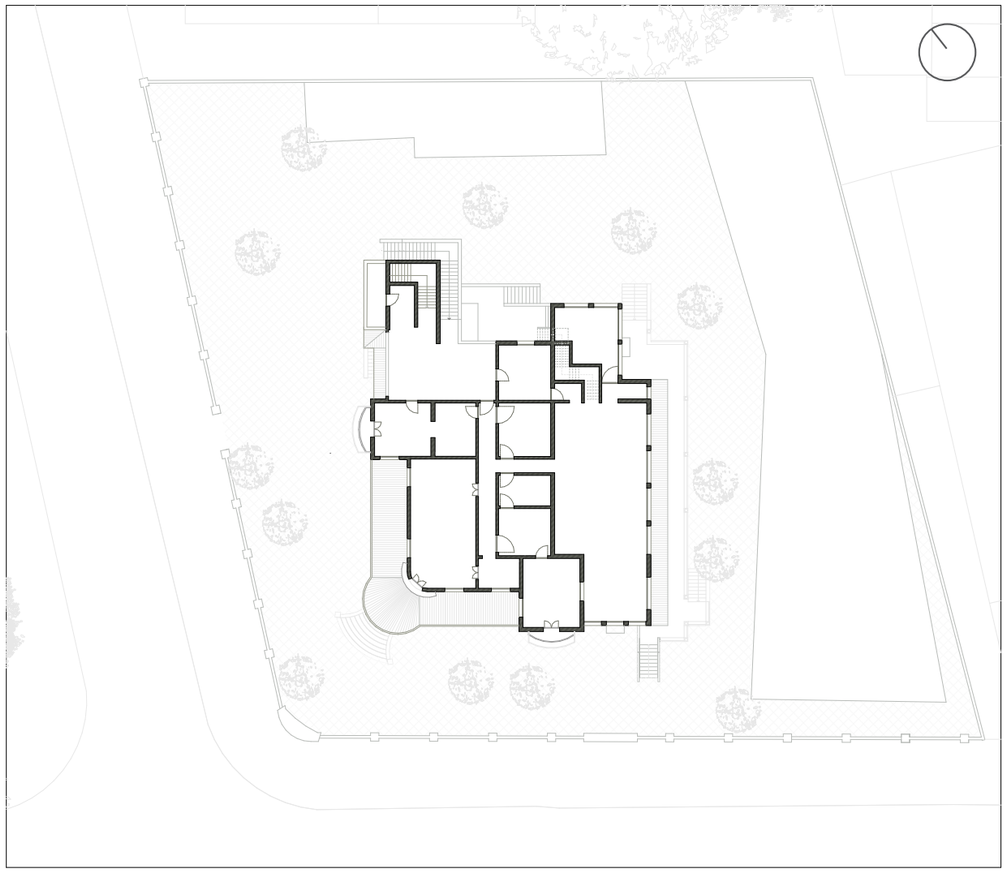




Imagem [054] - Planta do Piso Cave.
Desenho aproximadamente à escala 1:450.





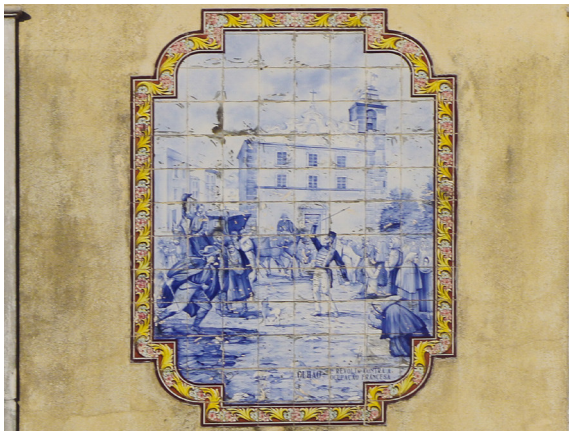



Imagem [055, 056, 057, 058, 059, 060] - Levantamento Fotográfico das Fachadas da Vila Algarve.



Imagem [061] - Fachada da Avenida Ahmed Sekou Touré .





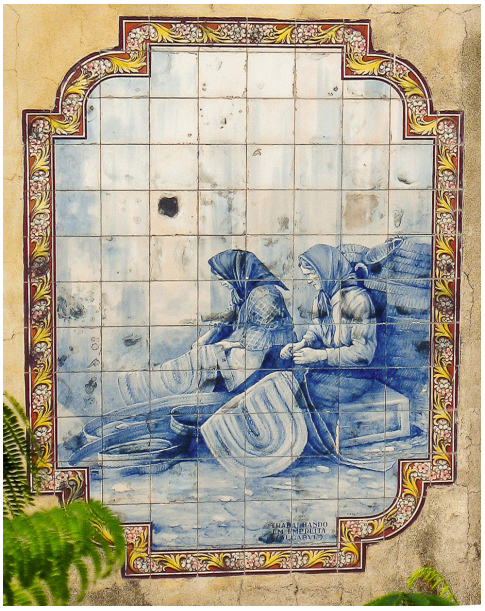


Imagem [062, 063, 064] - Levantamento Fotográfico de alguns dos azulejos da Vila Algarve.



Imagem [065] - Colagem Fotográfica da fachada Avenida Mártires de Machava.











Imagem [066, 067, 068, 069, 070] - Reportagem Fotográfica do Interior da Vila Algarve.

anexo b

recolha fotográfica
desenhos de levantamento


VILA ALGARVE












VILA ALGARVE







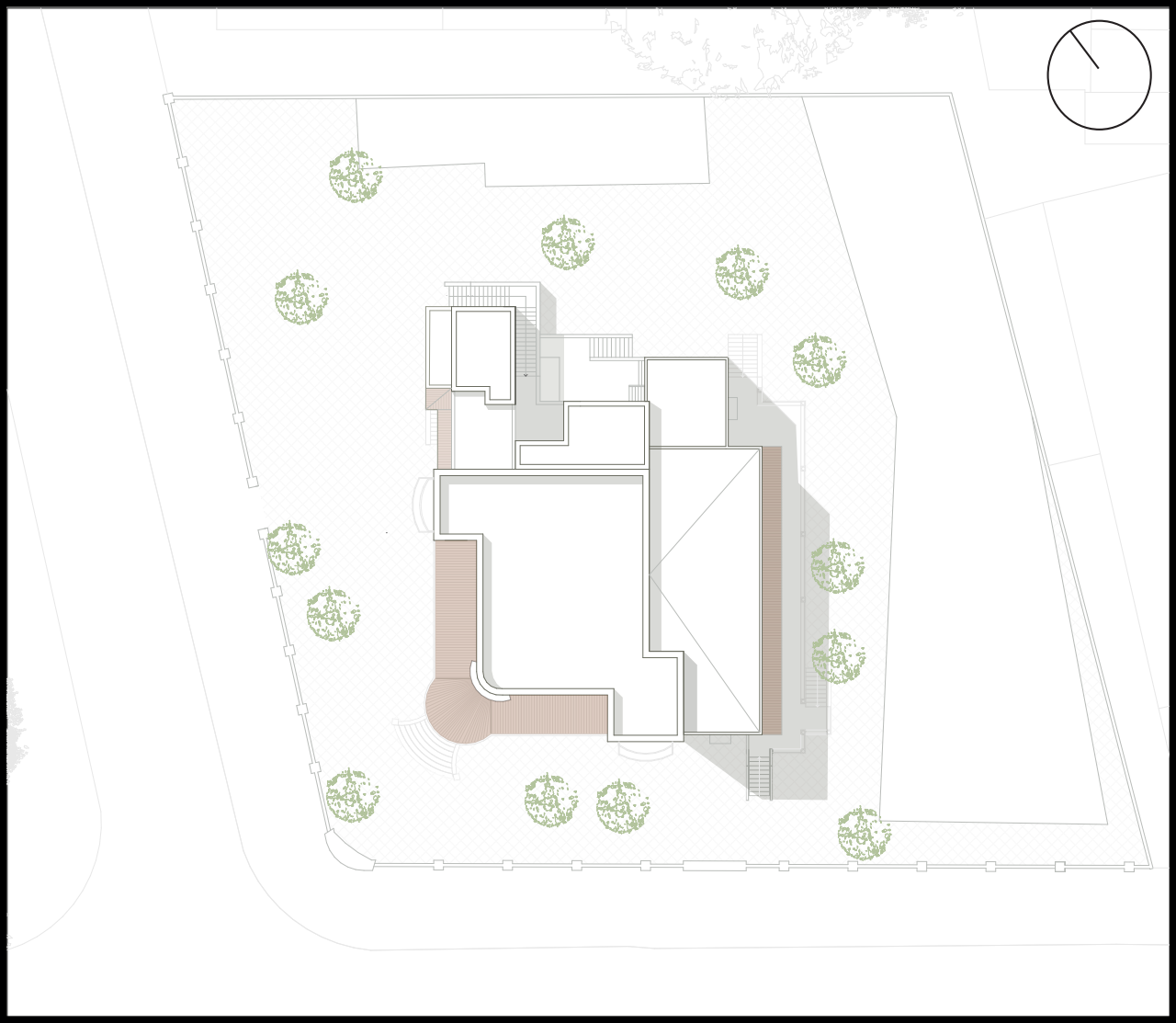












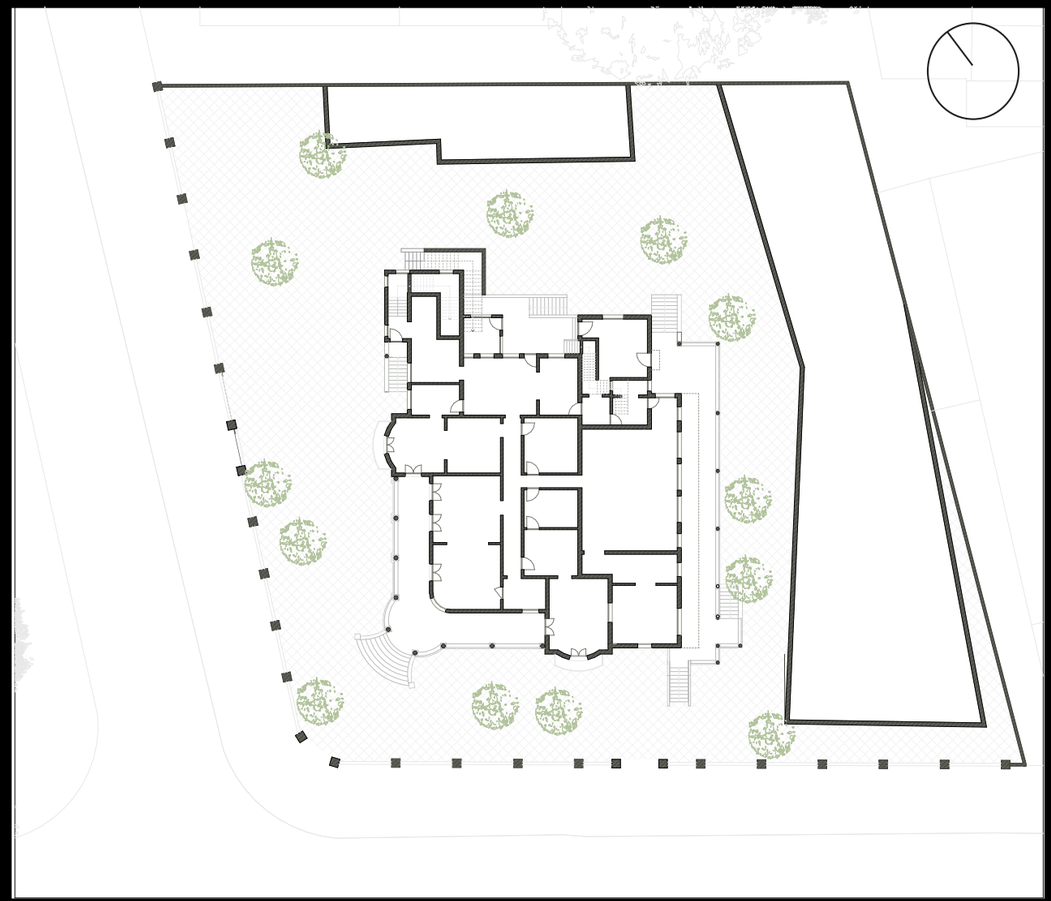
Planta de Cobertura

Desenho à escala aproximadamente 1:450.



Alçado rua Ahmed Sekou Touré

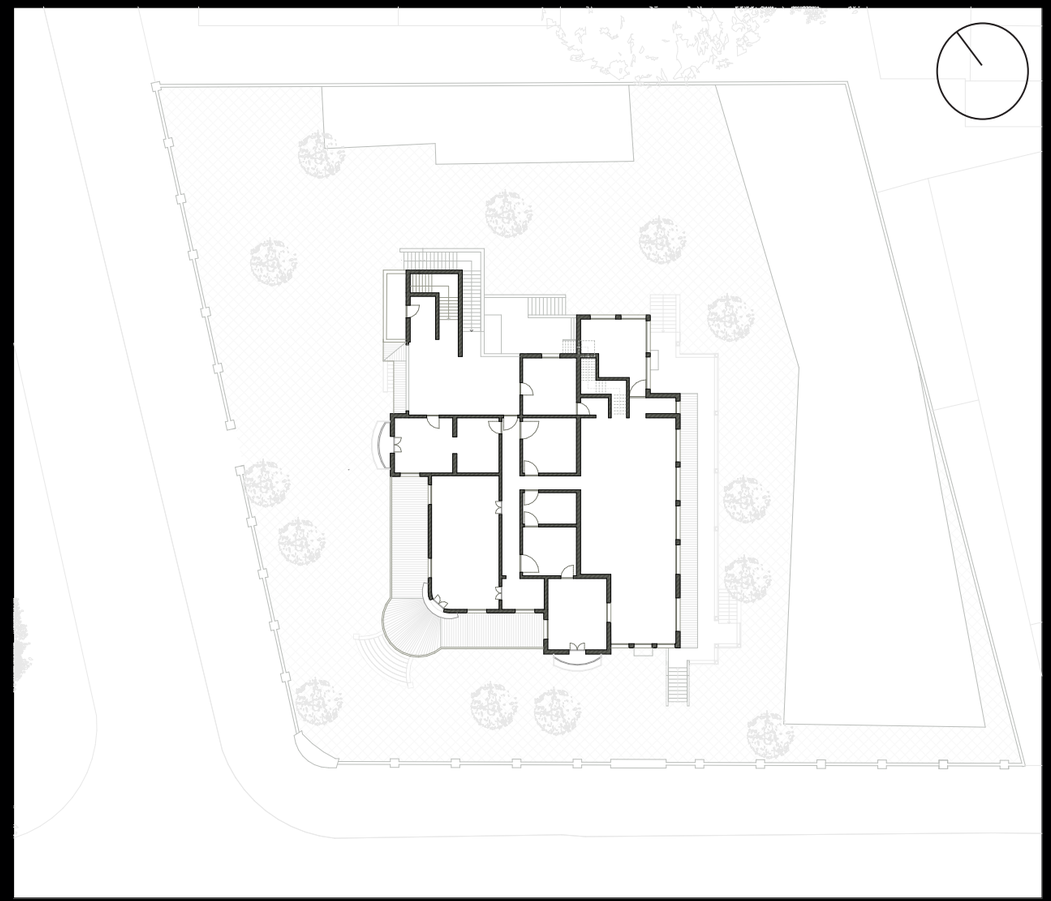
Desenho à escala aproximadamente 1:450.



Planta do Piso Térreo
Desenho à escala aproximadamente 1:450.



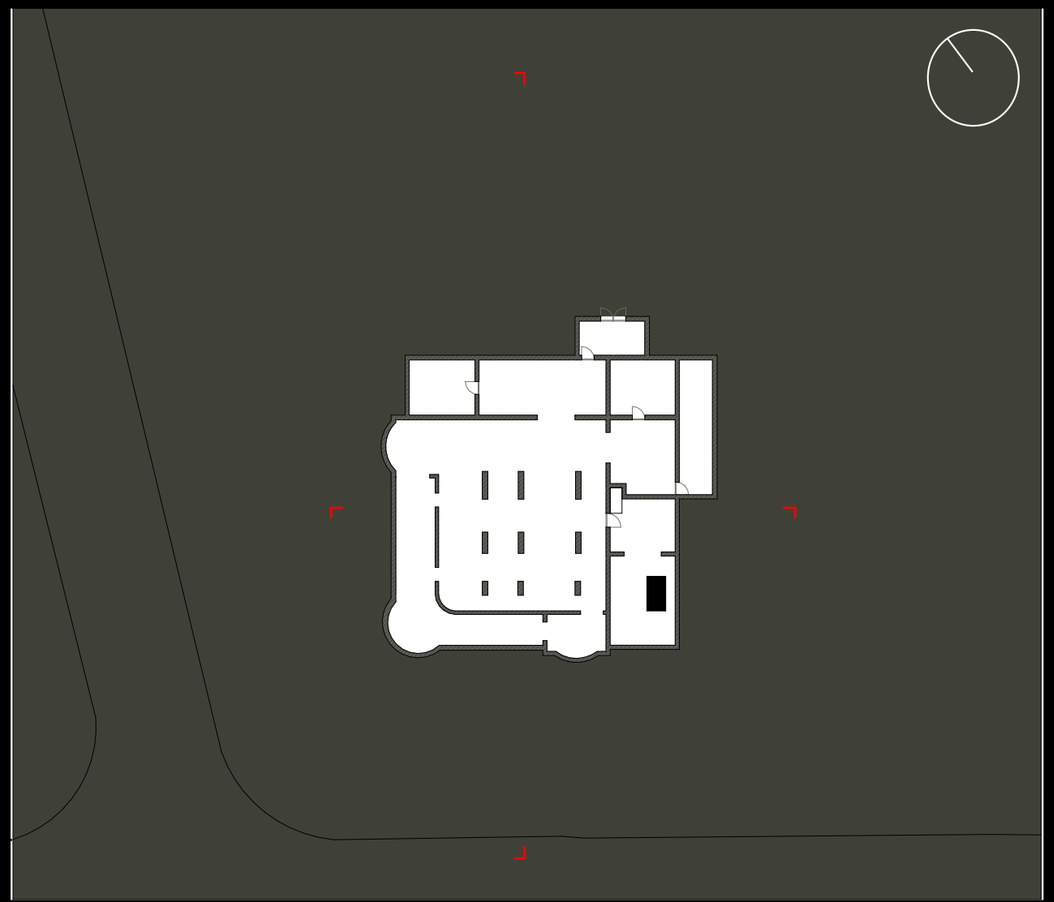
Alçado rua Avenida dos Mártires da Machava
Desenho à escala aproximadamente 1:450.



Planta do Piso 1
Desenho à escala aproximadamente 1:450.



Alçado Tardóz
Desenho à escala aproximadamente 1:450.



Planta do Piso Cave
Desenho à escala aproximadamente 1:450.



Alçado Tardóz
Desenho à escala aproximadamente 1:450.



Corte Trasversal
Desenho à escala aproximadamente 1:450.



Corte Longitudinal
Desenho à escala aproximadamente 1:450.

4.monumento

monumento VS. memorial [pág. 077]
programa [pág. 087]
estratégia de intervenção [pág. 091]
projeto [pág. 097]

anexo c







Imagem [071, 072, 073] - Interior da Casa-Museu do Malangatana.

memorial vs. monumento

"Monumento" e "Memorial" são palavras muitas vezes utilizadas como sinónimos uma da outra. Ambas são expressões da memória pertencente a um indivíduo - ou a um grupo, quando se trata de uma memória coletiva. Apesar da distinção entre estes dois tipos de edifícios ser bastante subtil, existindo inclusive alguns que se consideram tanto um monumento como um memorial, é importante assumi-los como dois objetos arquitetónicos distintos, embora inter-ligados.

"Memorial" é um termo bastante abrangente que engloba qualquer esforço de comemoração de um evento ou de uma pessoa, especialmente associados a uma perda. Pode ser concretizado através de uma estátua, um edifício, da preservação de uma ruína, entre outros tipos de expressão. Qualquer objeto pode ser caraterizado como memorial se este possuir um peso histórico significativo. Estas estruturas têm a função de manter viva, a memória do passado.

Memoriais podem, por vezes, conter importância arquitetónica. No entanto, tendencialmente, a sua arquitetura é restaurada e conservada, não havendo grandes alterações. Isto é, quando o edifício é considerado um memorial é dada prioridade à sua linguagem histórica, ao invés da sua possível pronunciação arquitetónica. O objetivo principal deste tipo de equipamentos é honrar a memória das entidades que lhes estão associadas, pelos seus feitos que se pretendem perpetuar. Tendo em consideração que os memoriais são geralmente acompanhados de nomes de pessoas após a sua morte, poder-se-à dizer que estas construções ou instalações estão conectados com a morte. Assim sendo, é possível caraterizar os memoriais em dois grupos: memoriais em honra de indivíduos e memorias em honra de determinados acontecimentos históricos.

Os memoriais em honra de indivíduos após a sua morte, objetos que, quer sejam arquitetónicos ou não, se tornam no maior símbolo do valor que uma pessoa teve enquanto viva, têm a função de manter a memória desta identidade presente para as gerações seguintes. Como já foi dito anteriormente, um memorial não tem o seu valor arquitetónico como prioridade. O seu princípio é representar algo ou alguém e, por este motivo, tende a escolher-se o símbolo mais marcante da vida ou dos feitos da entidade celebrada.

Em Moçambique existe um grande exemplo deste conceito, a Casa-Museu de Malangatana[71]. Após a morte do artista, o seu lar foi transformado num museu totalmente disponível, que permite ao visitante percorrer o espaço mais íntimo do artista, incluindo o seu atelier pessoal. Hoje, é considerado o marco final deixado pelo artista. O seu memorial é interpretado como o olhar mais íntimo que obtemos do pintor.

71. Localizado na capital, na Cidade de Maputo.

Quanto aos memoriais construídos em honra de determinados acontecimentos históricos, geralmente estes acontecimentos são acompanhados de um número elevado de vítimas. Portanto, estes memoriais servem não só para honrar as vítimas como também para preservar a memória histórica desses eventos. Esta tipologia é geralmente representada por pequenas estruturas simbólicas do acontecimento ou do grupo que se pretende honrar.

Em Portugal existem alguns memoriais deste tipo, como, por exemplo, em Lisboa, o Memorial às Vitimas do Massacre Judaico[72], no Largo de São Domingos. Inaugurado a 19 de Abril de 2008 pela Câmara Municipal de Lisboa, a escultura é um tributo às vítimas do massacre judaico, motivado por extremistas religiosos dominicanos, que incitaram os populares a perseguir e a matar mais de 2000 judeus. Este acontecimento ilustra a falta de tolerância e pensamento coletivo das massas da época. O memorial é constituído por uma escultura simples, executada pela arquiteta Graça Bachmann, a pedido da comunidade Judaica: meia esfera em pedra, inclinada, com uma estrela de David metálica recortada em plano, com a dedicatória do memorial.

72.O Massacre Judaico ocorreu a 19 de Abril de 1506.



Imagem [074] - Escultura do Memorial ás Vítimas do Massacre Judaico.

Os Monumentos, são construídos para comemorar uma pessoa, grupo ou acontecimento histórico. Nestes casos, existe uma maior preocupação arquitetónica, mais atenção aos detalhes, ao próprio programa e ao que faz do edifício um monumento. A palavra "monumento" remete para a monumentalidade, e o objetivo inicial da sua construção é que este se torne imediatamente num marco na cidade, não se tratando de uma obra de restauro ou reabilitação. Ao olhar para um monumento, a pessoa deve sentir a sua magnitude e a grandiosidade da história que o edifício carrega, sem descurar o impacto da sua arquitetura. A construção de um monumento toma a Arquitetura como a maior aliada da História: a junção dos dois fatores permite a recriação ou a transmissão de informação relativa aos acontecimentos no espaço. Através da Arquitetura, seja esta extremamente complexa ou minimalista, ao criar o monumento, o arquiteto tem como missão retratar a importância histórica desse marco.

Existem vários tipos de monumentos: históricos, arquitetónicos, ou uma combinações de ambos. Um edifício pode ser considerado um monumento após a sua construção, ou ser previamente concebido como tal. Aquilo que distingue esta tipologia não é apenas a sua história, mas sim a forma como o próprio edifício é tratado.

Tome-se como exemplo o Mosteiro dos Jerónimos em Lisboa: a sua monumentalidade é inquestionável, o ornamento é trabalhado ao detalhe e a sua posição na cidade é marcante. Foi oficialmente considerado Monumento Nacional em 1907, e inserido na Lista do Património Mundial da UNESCO em 1983[73].

O mesmo acontece com o Palácio da Pena, em Sintra. Tal como sucedeu na Vila Algarve, o Palácio da Pena teve um período de abandono total[74]. Após o tratamento da ruína, foi considerado Monumento Nacional, em 1910, e Património Mundial, em 1995. Desde a sua dimensão ao tratamento da cor, o palácio possui uma série de caraterísticas que o destacam na paisagem da serra de Sintra. É este tratamento da arquitetura que distingue um Monumento dum Memorial.

Contudo, estas definições podem ser simultaneamente atribuídas ao mesmo edifício, nomeadamente quando a sua importância histórica é demonstrada através da sua monumentalidade. É este o conceito que se pretende transmitir na Vila Algarve, através da realização desta dissertação.

73.https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/dgpc/m/mosteiro-dos-jeronimos/
74. https://www.parquesdesintra.pt/pt/parques-monumentos/parque-e-palacio-nacional-da-pena/historia/



Imagem [075] - Mosteiro dos Jerónimos





Imagem [076, 077] - Palácio da Pena

Os Monumentos históricos, que acabam por exercer simultaneamente as funções de memorial, destacam-se pela sua capacidade de causar emoções fortes que remetem à sua história. Quanto ao debate relativo à funcionalidade ou forma, neste tipo de monumentos, a forma ganha mais força devido à necessidade de tornar o edifício impactante.

Em Moçambique, um dos maiores exemplos existentes deste tipo de monumento, é o Monumento na Praça dos Heróis Moçambicanos. O Monumento, é marcado pela construção de um edificado com a forma de uma estrela de cinco pontas utilizado como memorial dos antigos combatentes e por um longo mural, símbolo nacional da opressão sofrida na época colonial, pintado pelo José Craveirinha. Foi a primeira construção de cariz histórico efetuada após a independência de Moçambique, e é um monumento que homenageia a bravura, resistência e compromisso de todos os que não só acreditavam na independência, como deram a sua vida pela tão sonhada libertação do povo moçambicano.

Em contraste, tome-se como exemplo o Monumento aos Combatentes do Ultramar, em Portugal. Caraterizado por uma obra do escultor João Antero de Almeida e por um trabalho de equipa realizado pelos arquitetos Francisco José Ferreira Guedes de Carvalho, Helena Albuquerque e Sidónio Costa Cabral, o monumento pretende homenagear os combatentes da "Guerra do Ultramar". A escultura, alegórica aos combatentes que perderam a vida naquela guerra, é rodeada por um espelho de água que pretende simbolizar uma barreira protetora. Construída com linhas geométricas marcadas, esta obra confere um equilíbrio espacial ao monumento. A condução de luz e sombra, criada pelos arquitetos, pretende transmitir o sentimento de calma e contemplação a todos os que visitam o monumento.

Um outro exemplo que se considera pertinente referir é o caso da Robben Island na África do Sul. Entre o século XVII e o século XX, a ilha era utilizada como uma colónia penal. Com o aparecimento do Apartheid, a ilha manteve-se como uma prisão de segurança máxima para dissidentes políticos. Mesmo com o fim do Apartheid, no início da década de 1990, a ilha manteve a sua função de prisão, até ao ano de 1996. Em 1997, foi declarada monumento nacional e transformada num museu onde, passou a ser, possível explorar e entender melhor o período mais sombrio da história do país através daqueles estímulos visuais. Em 1999, Robben Island foi declarada Património Mundial da UNESCO.



Imagem [078] - Praça dos Heróis Moçambicanos



Imagem [079] - Mural na praça dos Heróis Moçambicanos.



Imagem [080] - Monumento aos Combatentes do Ultramar, Lisboa.



Imagem [081] - Interior do Monumento aos Combatentes do Ultramar, Lisboa.



Imagem [082] - Entrada da Prisão em Robben Island.



Imagem [083] - Interior da Prisão em Robben Island.

Outro grande exemplo de um monumento que funciona também como um memorial, é o Museu Judaico de Berlim. Não há dúvidas em relação à monumentalidade da obra projetada. É um edifício que marca a sua presença no desenho da cidade, especialmente em contraste com o antigo Museu ao seu lado. O conceito do projeto nasce de uma deformação da Estrela de David e encontra-se alinhado em dois eixos diferentes que unem o novo elemento estrutural do edifício à parte antiga de construção barroca. Apesar do novo elemento parecer funcionar de forma independente, não possui uma entrada exterior formal sendo preciso entrar pelo Kollegienhaus, a parte antiga do museu. O contraste do material e da forma entre os dois edifícios criam uma justaposição física entre o antigo e o mais recente.

As caraterísticas destas quatro obras descritas acima, são atributos importantes a refletir no projeto desta dissertação. A Vila Algarve, assim como todas as obras mencionadas, possui um peso histórico suficientemente importante para que a sua presença seja marcante na cidade. Além disso, o edifício possui potencial, ainda não explorado, para se tornar monumental. É com base nesses fatores, que se desenvolve o presente trabalho.



Imagem [084] - Vista Aérea da do Antigo Museu Judaico e do mais recente.



Imagem [085] - Escultural Memorial no Museu Judaico, Berlim.



Imagem [086] - Interior do Museu Judaico, Berlim.

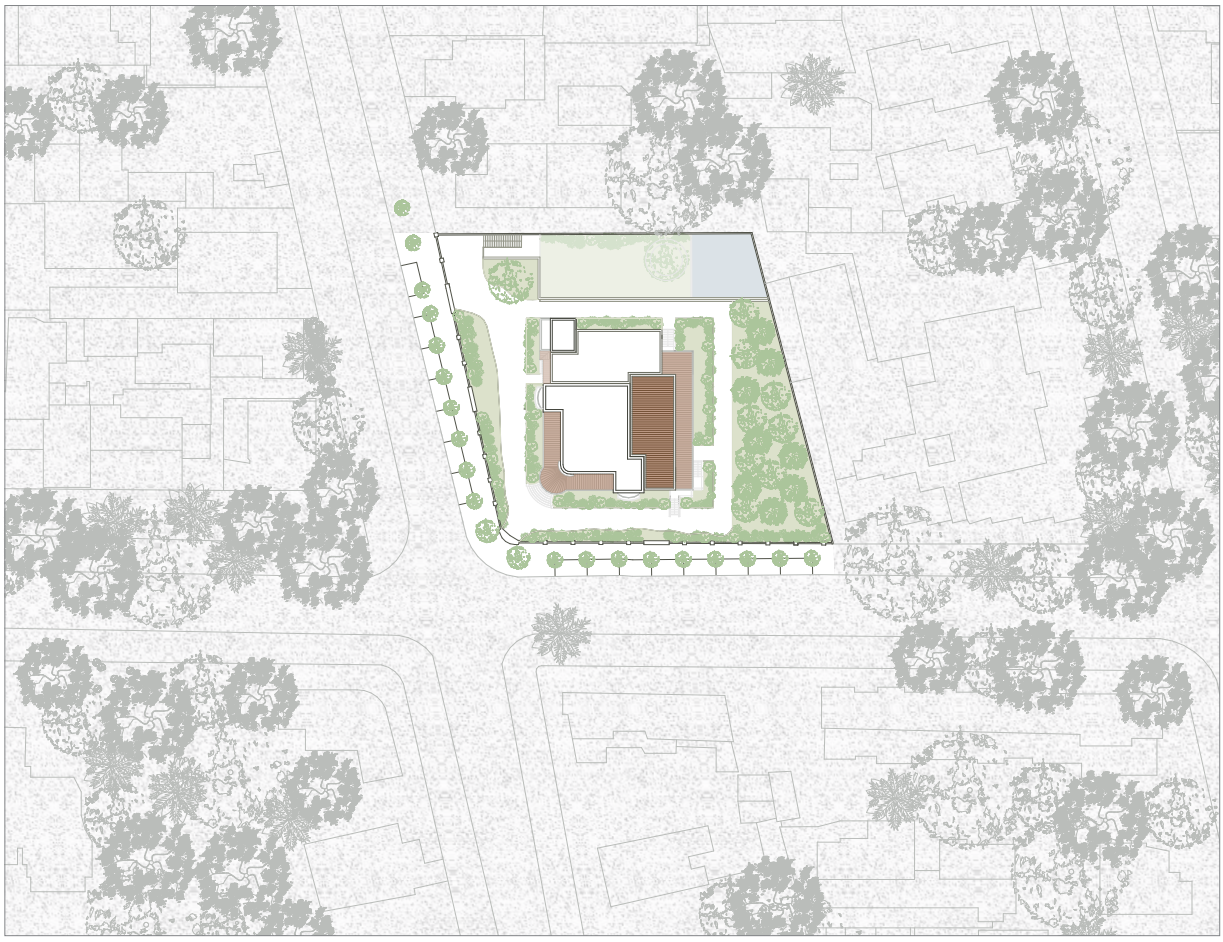


Imagem [087] - Planta de Implantação.

programa

Após a extensa investigação relativa à contextualização histórica da cidade e do edifício refletida na presente dissertação, e atendendo às ideias de monumentalidade e de memorial mencionadas anteriormente, introduz-se o programa que se pretende dar à Vila Algarve.

Numa primeira fase, um dos aspetos mais pertinentes para a resolução do programa, é a obra ser tratada como um Monumento Memorial. Para tal, era importante que, ao formalizar o projeto, se tornasse relevante a sua monumentalidade arquitetónica na cidade. Apesar da conceção inicial deste edifício não ter uma finalidade monumental, é necessário transformá-lo e honrar a memória de todos os que por lá passaram, lutaram, deram a vida, transmitindo às gerações futuras aqueles valores da resistência, perseverança, resiliência e esperança num um pais livre e melhor.

A Vila Algarve é um edifício que já recebeu vários programas, todos eles igualmente importantes na história moçambicana. Não foi apenas uma casa senhorial, não foi apenas a sede da PIDE durante a guerra colonial e certamente não é apenas uma casa em estado devoluto numa das zonas mais nobres da cidade. É um edifício que contém quase 100 anos de história por contar.

O conceito principal do projeto assenta na própria história do edifício e o objetivo é que esta seja contada, sem que nada seja ocultado, procurando ao mesmo tempo, relembrar, através da sua arquitetura exterior, a época em que foi efetivamente uma casa. Destaca-se um pormenor histórico importante que irá ser explorado neste programa: apesar da Vila Algarve ser um edifício com uma história soturna, não foi essa a intenção inicial da obra pelo que se considerou importante que o programa incluísse todos os momentos vividos neste lugar.

Com o novo projeto, a intenção é que os visitantes da Vila Algarve percorram toda a sua história através deste novo espaço-memorial que é proposto. O memorial explora todos os cantos do espaço antigo do edifício e apresenta uma nova arquitetura no seu interior, que vai sendo explorada pelo seu visitante.

Todo este percurso leva ao coração tenebroso da obra, onde encontramos um espaço mais interativo, em que os visitantes podem sentir exatamente como a cave desta casa foi vivida na época em que foi a sede da polícia do Estado. O visitante despede-se do Memorial através de um longo e estreito corredor que lhe concede o acesso à parte nova da Vila Algarve, o Centro Cultural.

Este espaço novo, não visível ao primeiro olhar, desenvolve-se em torno do novo jardim, o Jardim da Libertação. Composto por uma grande Acácia, a árvore nacional, torna-se o centro principal desta nova área, para onde todos os seus espaços estão voltados.

Neste segundo ponto do programa, propõe-se um conjunto de espaços em homenagem às personalidades do mundo artístico que por aqui passaram. De forma a honrar a sua memória designaram-se os espaços com o nome de algumas personalidades intelectuais que viveram a Vila Algarve na sua época mais tenebrosa.

Por fim, nesta extensão da Vila Algarve encontram-se também os serviços administrativos necessários para o funcionamento do monumento, e ainda um conjunto de instalações sanitárias que servem todo o edifício.

A conceção de todo este programa tem em consideração a ideia do reconhecimento da memória de um espaço, e ao mesmo tempo, a de dar uma vida nova a um edifício tão sobrecarregado de memórias angustiantes. O objetivo com este programa é criar a ponte entre o passado e o futuro, proporcionando um novo palco para memórias mais felizes na Vila Algarve.

"Absorver" a história pelo meio de um percurso que possa valorizar cada visita através de sensações sobre um passado duro, que transmita ao mesmo tempo esperança e crença num novo futuro mais brilhante e moderno, "entregando" o edifício à sociedade. Esta é, em síntese, a missão deste projeto.

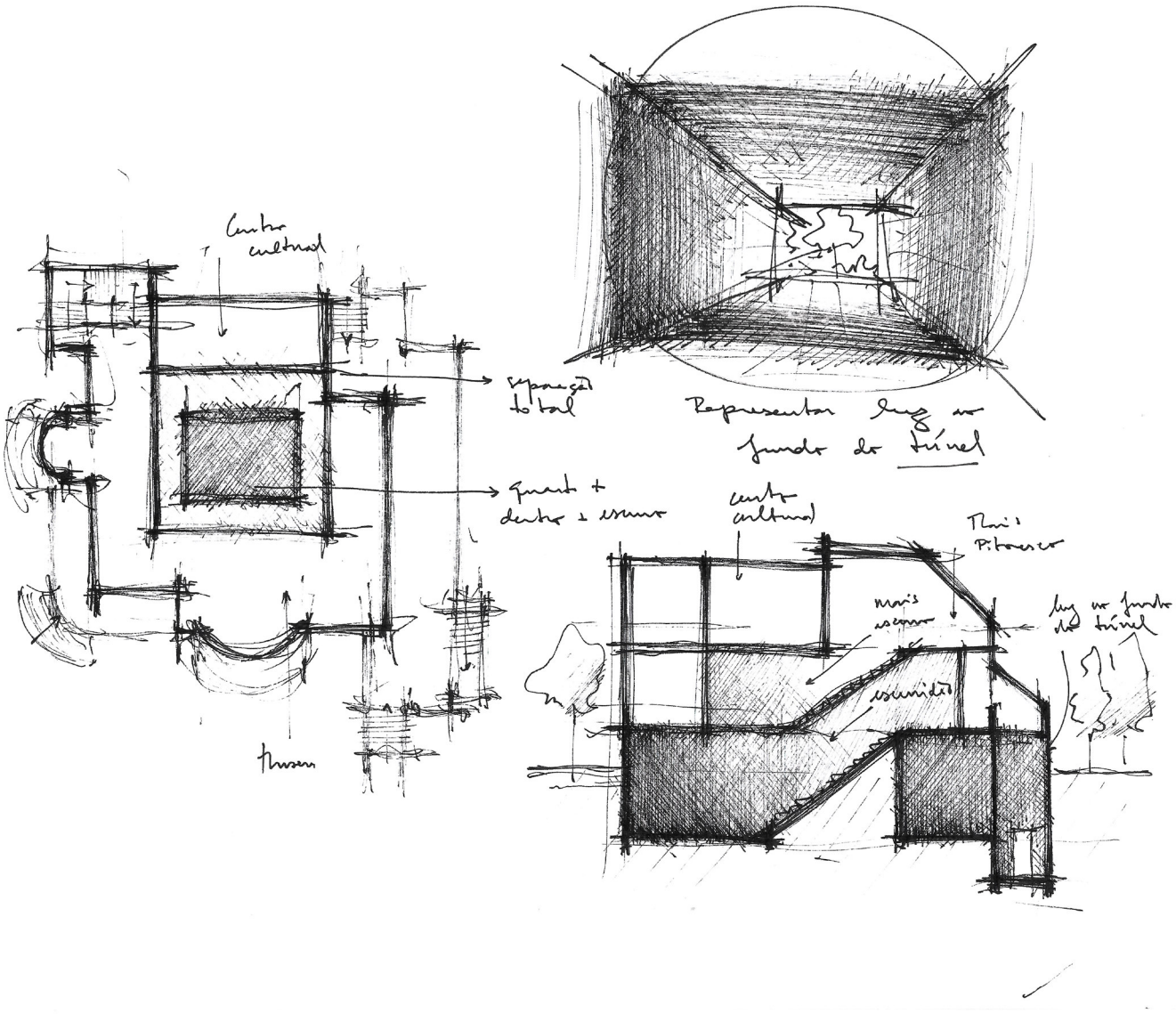


Imagem [088, 089, 090] - Esquissos de Estudo.



Imagem [091] - Vila Algarve antes de entrar em devoluto.

O conceito de valorização de estruturas devolutas enquanto objetos alegóricos à memória de determinadas épocas é algo cada vez mais praticado. Consequentemente, o tratamento de uma reabilitação ou requalificação, ao invés da demolição e nova construção, são igualmente cada vez mais pertinentes.

Posto isto, o primeiro passo da intervenção foi entender o tipo de representação de memória que a Vila Algarve deveria ter. Toda esta pesquisa foi explicada em capítulos anteriores, através da apresentação da sua contextualização histórica. Com este estudo, foi possível definir quais os momentos considerados mais pertinentes na história do edifício, e representá-los adequadamente no projeto. Igualmente crucial, foi entender quais os pormenores estruturais e materiais a manter, de forma a que a obra não perdesse a sua linguagem inicial.

A primeira decisão projetual realizada, foi a de manter, o mais intacto possível, o aspeto exterior da Vila Algarve. Olhando apenas para as fachadas da rua, não seria possível entender o programa novo que se inseriria no seu interior, criando assim o primeiro momento de surpresa ao entrar na nova Vila Algarve.

Devido à condição de ruína em que se encontra, propomos, para as fachadas sul e oeste, um projeto de restauração dos painéis de azulejos existentes, assim como a reconstrução de alguns deles, seguindo a visão do estudo arquivístico e iconográfico apresentado nesta dissertação, permitindo deste modo devolver a imagem inicial que a casa possuía. O mesmo se aplica relativamente aos vãos existentes nestas fachadas. Quanto à fachada este, propomos um projeto que se assemelhe à sua imagem inicial, introduzindo apenas as alterações necessárias para receber o novo programa da Vila Algarve. Por fim, para a fachada virada a norte, propomos uma fachada totalmente nova que engloba o novo programa, visto ser a única que não é visível pela rua. Em relação ao interior do edifício, propomos demolir praticamente todas as paredes, à exceção das existentes no piso da cave, o que remete ao momento histórico mais sombrio da casa.

Com esta decisão projetual, obtemos o que se considera mais pertinente manter para que o edifício represente diferentes épocas da sua história. Ficam também criadas duas abordagens distintas, onde se destaca a oposição entre o detalhe mais pitoresco da Vila Algarve (o seu exterior), e o seu pormenor mais obscuro que durante muitos anos permaneceu oculto (a cave).

A segunda decisão projetual avançou no sentido de tornar o Memorial num único percurso, contendo apenas uma entrada e uma saída, orientando

os seus visitantes a caminharem por todos os pontos do edifício e, consequentemente, todos os momentos históricos vividos na Vila Algarve. Todo este percurso envolvente, em sentido único, tem subjacente o propósito de contrariar o que acontecera anteriormente: consoante a hierarquia social havia determinados percursos para cada pessoa que entrasse na Vila Algarve impondo diversas restrições.

Adicionalmente, uma caraterística importante para transmitir a visão de monumentalidade foi o tratamento da luz na obra. Para tal, usaram-se como referência, obras do arquiteto Tadau Ando, mais concretamente a Koshino House[75]. Nesta obra, o arquiteto japonês retrata a luz quase como um elemento estrutural da obra. Foi esse tratamento que se utilizou para o projeto desta dissertação. A Vila Algarve é um edifício com uma história bastante sombria, estruturado de uma forma completamente oposta. Esta caraterística tornou-se um desafio interessante de representação no novo projeto. Através do novo percurso, à medida que se vai avançando, a sua história é acompanhada por um tratamento meticuloso da luz. Assim, é possível distinguir quatro momentos de luz durante o percurso até à área nova da Vila Algarve.

O primeiro momento do Memorial, é acompanhado de uma enorme mas controlada quantidade de luz. Os espaços são caraterizados pelos grandes vãos que compõem as fachadas do percurso, trazendo uma sensação de conforto e de convite. Num segundo instante, temos a parte do percurso ainda com alguma entrada de luz mas desta vez muito mais controlada, através dos vãos, mais pequenos, e também devido à própria posição das fachadas em relação à exposição solar existente na Vila Algarve. Como terceiro momento, cada vez mais perto do "coração tenebroso" do percurso, deparamo-nos com espaços totalmente desprovidos de luz natural direta, sendo que a única fonte de luminosidade natural é feita através de pequenas frestas nas paredes circundantes ao pátio central. Chegamos ao quarto e último momento do percurso, caraterizado por ser o momento mais escuro e o que mais desconforto causa. Esta sensação é propositada, devido ao facto destes espaços retratarem os momentos mais dolorosos da história do edifício. Apesar do pátio central estar incluído nesta fase do percurso, este torna-se num pequeno espaço de pausa na sensação geral de desconforto que é causada. Contudo, o mesmo não se encontra caraterizado pela entrada de muita luz, visto ter apenas uma pequena abertura no seu topo.

75. Koshino House, projecto de 1984, em Okuikecho, Japão.





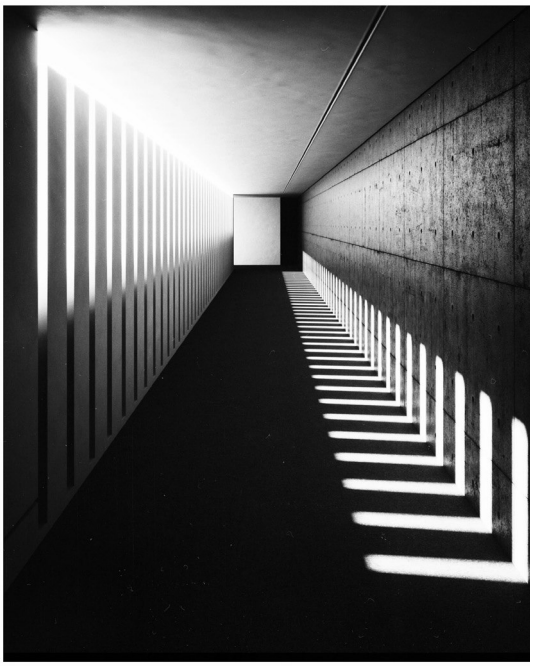


Imagem [092, 093, 094] - Koshino House.

A transição da parte antiga para a nova do Monumento, é feita através de um longo e estreito corredor que procura transmitir a ideia de uma "luz ao fundo do túnel". O corredor marca a conclusão do passado deste edifício, guiando o visitante para o que considerámos ser o futuro da Vila Algarve.

Para o espaço novo do Monumento, o Centro Cultural, optou-se por uma abordagem antagónica à anterior. Este novo espaço é caraterizado pela total abertura de luz e da materialidade bastante leve e com pouco impacto no espaço. Semelhante ao que o grupo Wutopia Labs projetou para o Monologue Art Museum[76], utilizaram-se grandes panos em vidro para as fachadas, permitindo a maior entrada de luz direta possível. Além disso, considerou-se importante que também, houvesse uma forte representação Moçambicana.

Além de se batizarem os espaços com os nomes de personalidades intelectuais moçambicanas, vítimas da opressão sofrida na Vila Algarve, entendeu-se adequado honrar uma caraterística comum nos costumes do país, o uso da cor. A Capulana, tecido tradicional moçambicano, é caraterizada pelos seus desenhos e cores vivas, motivo pelo qual se optou por representar estes momentos da Vila Algarve com imensa cor. Como referência, procurou-se representar uma obra com alusão às do arquiteto Luis Barragán, conhecido pela utilização da cor nas suas obras.

Por fim, em relação aos espaços verdes do projeto, tentou-se que eles se caraterizassem como espaços convidativos à permanência na Vila Algarve. No novo pátio, surge um último acrescento em honra da fauna moçambicana. A adição de uma enorme acácia, um dos símbolos do país. Nos restantes espaços verdes do terreno, houve um tratamento para que estes se tornassem parte do percurso que guiava os seus habitantes à entrada da Vila Algarve.

Em suma, relativamente às estratégias de intervenção, o projeto torna-se numa dicotomia de luz, cor e materialidade, criando uma ponte entre o passado, e o que consideramos ser o futuro da Vila Algarve.

76. Monologue Art Museum, projecto de 2022 em Qinhuangdao, China.



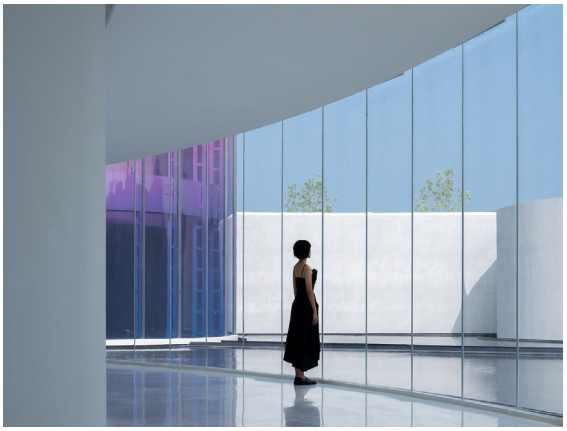




Imagem [095, 096, 097] - Monologue Art Museum.







Imagem [098, 099, 100] - Luis Barragán

O projeto proposto para a intervenção no edifício da Vila Algarve surge como o culminar da contextualização histórica, do processo projetual e da metodologia apresentada nesta dissertação. A inserção do edifício num contexto urbano atual levou também à intervenção nas ruas no qual se encontra inserido. Estas intervenções englobam-se em ações de manutenção e repavimentação do passeio, marcação de lugares de estacionamento e por fim, a plantação de árvores que fornecem as condições necessárias para que o espaço percorrido se torne mais agradável às condições climáticas.

De modo a facilitar a explicação da organização do projeto, divide-se o novo Monumento em dois grandes espaços: o Memorial e a Nova Vila Algarve.

Podemos dividir o **Memorial** da Vila Algarve em três momentos diferentes, representativos de todas as épocas históricas do edifício, que se encontram repartidos pelos três pisos:

A **Vila Algarve como Casa Senhorial**, onde apresentamos três momentos de exposição, nomeadamente a apresentação de Lourenço Marques na época em que a Vila Algarve foi construída, a vida e trabalho de José dos Santos Rufino, proprietário da Vila Algarve e por fim, a apresentação do edifício nessa época com uma especial atenção ao uso dos azulejos que adornavam a casa senhorial.

A Guerra Colonial, onde numa primeira instância se apresenta o contexto urbanístico de Lourenço Marques em 1950, (a década que melhor representa o culminar das tensões sociais que levaram à guerra colonial), concluindo com um espaço dedicado a uma breve explicação do que foi a guerra colonial.

Por fim, a apresentação da **Vila Algarve como sede da PIDE**, aqui temos a explicação detalhada do que foi a PIDE, como esta organização atuou em Moçambique, o impacto que a Vila Algarve teve na cidade quando se tornou na sede oficial da mesma e por fim um conjunto de recriações das salas de interrogatório e de tortura mais marcantes na época.

O espaço **Memorial** da Vila Algarve termina com dois grandes morais em memória das fatalidades ocorridas.

O segundo espaço do monumento é a **Nova Vila Algarve**. Um espaço caraterizado como um Centro Cultural, criado para aprovisionar os apoios necessários ao monumento. O objetivo deste segundo espaço é o de fornecer um olhar novo à Vila Algarve, dando-lhe novamente uma nova função. Uma carac terística recorrente no passado, que considera-se pertinente trazer para o pre-

sente de modo a mudar a visão das futuras gerações.

No centro cultural temos cinco novos espaços: a **Sala José Craveirinha**, uma sala polivalente equipada para receber eventos de diferentes naturezas; a **Administração**; o **Restaurante Malangatana**, que servirá como o principal apoio económico do monumento; o **Centro Arquivístico Rui Nógar**, equipado para se tornar o espaço principal de toda a documentação arquivística e inconográfica existente sobre Lourenço Marques desde 1930 até 1975, com a independência de Moçambique; e por fim, o **Jardim da Libertação**, um espaço verde novo, de lazer para todas as gerações que visitem o Monumento proposto.

Relativamente às fachadas, os alçados apresentam-se distintos entre si, atendendo à pré-existência.

Os dois alçados principais, virados para as ruas Ahmed Sekou Touré e Avenida Mártires da Machava, servem como os maiores testemunhos da Vila Algarve no passado. Posto isso, pretende-se manter a sua totalidade, apenas encerrando um vão, de modo a receber os acessos necessários para um percurso de mobilidade reduzida dentro do Memorial. Quanto aos vãos de janelas, de maneira a permitir uma forte entrada de luz, não se encerrou nenhum, apenas havendo um trabalho de redesenho dos caixilhos para irem de encontro aos originais.

Em relação ao alçado virado a oeste, visto pertencer à ampliação efetuada pela PIDE e não estar tão trabalhado e adornado como os principais, optou-se por fazer as alterações necessárias para receber o programa proposto no seu interior. O desenho dos vãos do piso superior foram redesenhados para criar uma linguagem mais semelhante à do piso térreo e para que o Centro Arquivístico tivesse apenas a sua porta de entrada nesta fachada.

O alçado tardóz é o que não segue nenhuma linguagem histórica, visto não perturbar a visão global da Vila Algarve na sua envolvente. Optou-se por um alçado de linhas simples caraterizado pelos grandes panos de vidro que permite uma entrada total de luz na fachada que mais exposição solar possui, a norte. Visto que o programa no seu interior é um espaço de consulta arquivística e de trabalho, considerou-se benéfico que este recebesse a maior exposição de luz natural possível.

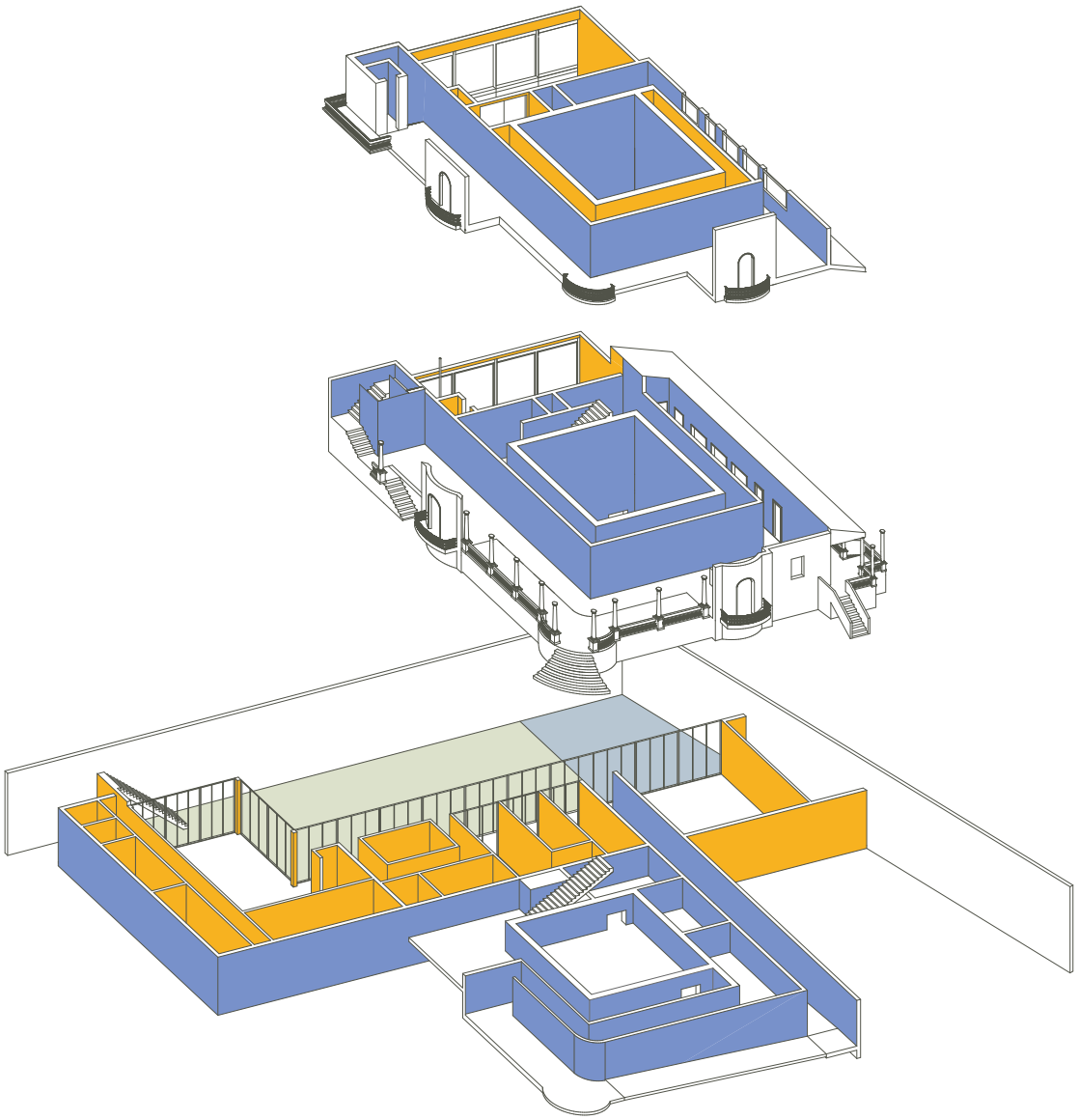


Imagem [101] - Axonometria explodida do projecto

Museu Memorial

A entrada para o memorial localiza-se no mesmo ponto onde se encontrava a entrada da antiga Vila Algarve, pela lateral da casa. Optou-se por manter a entrada no mesmo local, pois era importante que quem observasse a Vila Algarve pelo exterior não conseguisse contemplar o que é proposto para o seu interior.

A **receção** é composta por um balcão de atendimento, o primeiro elemento escultórico indicativo do percurso do memorial. O visitante encontrará aqui as informações necessárias para a visita e ainda uma pequena loja de recordações. Junto ao balcão existe um espaço de apoio à receção, destinado ao arrumo do material necessário para o seu funcionamento.

Como foi dito anteriormente, de modo a melhor entender a monumentalidade deste edifício é necessário conhecer a sua história. É um edifício com uma história bastante sombria, contudo, no início, não era essa a sua intenção. Num primeiro momento, demonstramos o tempo em que a Vila Algarve foi um espaço habitado, convidativo e não restritivo, servindo como um memorial à época em que o edifício foi uma casa repleta de vida, de luz e de boas memórias. Através de elementos arquitetónicos (como a composição da luz, o uso de adornos pitorescos comuns em casas contemporâneas e a própria materialidade) representamos, numa primeira instância, uma Vila Algarve como ela foi inicialmente projetada. Apesar desta se encontrar dividida entre o primeiro e o segundo piso do memorial, possui caraterísticas comuns que tornam possível distingui-lo dos restantes espaços.

Relativamente à luminosidade, nesta primeira etapa, optou-se por beneficiar dos vãos já existentes nas fachadas, como dito anteriormente. Isto permite uma entrada de luz harmoniosa enquanto se percorre a Vila Algarve como casa.

O percurso começa então, pela composição de dois corredores com 1,80m de largura e aproximadamente 16m de comprimento no total. Este primeiro momento do caminho é caraterizado pelos grandes vãos pré-existentes, que permitem que o espaço esteja bastante iluminado naturalmente. É um caminho convidativo, pois transmite a sensação de conforto devido à sua amplitude e luminosidade. Nesta zona é importante também lembrar a cidade, portanto, essa primeira instância em que se percorre o espaço inundado de luz e totalmente aberto é possível observar a cidade enquanto Lourenço Marques. O

objetivo é relembrar a qualidade de "casa" inicial da Vila Algarve, que marca o início da sua história, inserindo-a no contexto da cidade de Lourenço Marques. Portanto, para a primeira instância do percurso, pretende-se que seja luminosa e ampla, com uma entrada bastante grande e luxuosa, no entanto, a intenção de aludir a um espaço limitado, para que seja causado ao visitante algum desconforto inicial. Para tal, optou-se por este percurso labiríntico logo deste o início.

O primeiro momento de exposição é sobre **Lourenço Marques em 1930.** Este espaço contém fotografias e descrições da cidade, de forma a que se compreenda a inserção da casa na mesma. O espaço é extremamente aberto à luz, marcado pelo pavimento e pela ornamentação nas paredes, caraterísticos da época em que a Vila Algarve foi construída. O percurso conduz o visitante ao piso superior, onde se encontra o segundo momento de exposição, que apresenta José dos Santos Rufino e a sua atividade e negócios em vida. O primeiro proprietário da Vila Algarve foi, sem dúvida, um homem de verdadeira importância na documentação histórica moçambicana, por essa razão achou-se importante ter um momento de exposição dedicado ao papel que Rufino teve na história da Vila Algarve, e do país. Na temática da luz, esta começa a ser mais controlada, menos abundante, uma vez que os vãos são menores. Ainda assim, a luz não é escassa, não criando desconforto ou medo em quem percorre a exposição. No entanto, os corredores labirínticos caraterísticos do memorial, vão se tornando cada vez mais longos e restritos.

O percurso conduz-nos ao terceiro e último momento da exposição relativa a esta época, que corresponde à **Vila Algarve enquanto casa senhorial**. Esta é uma análise mais arquitetónica, que documenta a importância dos seus azulejos, a marcação dos balaústres, a forma como a casa foi desenhada para ser vista da rua e os desenhos utilizados para a representação da região do Algarve, que dá o nome ao edifício. Aqui, o espaço começa a tornar-se mais fechado, uma vez que se trata do último momento desta época, e termina com um último corredor iluminado, que nos conduz a umas escadas, nas quais é possível verificar-se a primeira diferença de pavimentação, ilustrando assim o choque entre as duas épocas, marcada pela descida para o piso inferior. Esta descida é também marcada pelas suas escadas propositadamente íngremes, que transparece um certo desconforto ao visitante.

Ao descer novamente para o primeiro piso, o visitante depara-se com a época mais sombria da Vila Algarve. Aqui, a visita inicia-se com um breve momento de exposição de **Lourenço Marques na década de 1950**. Esta fase do memorial mostra as tensões sociais sentidas nesta altura, já antes da **guerra colonial**. Respondendo à questão "Como tentou o Estado Novo minimizar estas tensões?", expõem-se os planos urbanos apresentados anteriormente na presente dissertação, demonstrando também as suas falhas. Segue-se um corredor bastante mais escuro, sem qualquer luz natural direta. A luz natural existente, passa pelas frechas nas suas paredes interiores, que guiam o visitante e dão a entender a existência de um espaço inferior no edifício que ainda não terá sido explorado, sem que o seu propósito seja imediatamente descoberto. O corredor termina com um novo acesso de escadas, mais desconfortável que o primeiro, uma vez que é neste momento que o visitante chega precisamente ao momento mais sombrio da história da casa: a sua ocupação enquanto **sede da PIDE**. A guerra colonial é brevemente explicada, contextualizando o papel da polícia política e da sua sede. Esta foi a época de maior atividade dentro do edifício.

O percurso encontra um momento de pausa num pátio. A sua iluminação, apesar de ligeiramente mais abundante, é controlada e escassa. É neste pátio que é contada a história do edifício enquanto sede da PIDE. A opção da utilização do pátio para este momento da exposição deve-se a uma metáfora sobre a luz do dia. Isto é, apesar dos horrores vividos neste lugar, as histórias contadas por quem as viveu e que se propagaram entre outros, a tortura, a conotação obscura e sombria de todos estes acontecimentos está agora exposta à luz do dia, para que todos possam ver.

O momento final do memorial, é a **recriação**. Neste espaço são recriados três salas de grande importância na atividade da Vila Algarve como sede da PIDE: uma sala de interrogatório, uma sala de tortura e, por fim, uma sala de execução, em que se opta por deixar visível o túnel que era utilizado para o depósito de corpos daqueles que não sobreviviam aos métodos de tortura usados pela PIDE. Aqui é sentido o culminar de todo o desconforto que se veio a retratar ao longo do percurso. A partir daqui, o visitante torna a descer, desta vez através de um percurso de rampas, e encontra, por fim, o **memorial** às vítimas da polícia política do Estado Novo, que dá inclusive a conhecer o nome das mesmas.

A saída do Memorial é efetuada através de um último troço em rampa que conduz a um corredor extenso, com total ausência de luz. A sua única fonte de iluminação é uma luz ao fundo do túnel, uma metáfora para a esperança do fim dos momentos desagradáveis. A luz no fundo do túnel é marcada por uma visão distante do espaço existente no final do corredor: o **Jardim da Libertação**.

Ao chegar ao final do corredor, o visitante depara-se com um espaço antagónico aos anteriores. Aqui encontramo-nos numa zona aberta, ampla e iluminada. Este momento representa novamente o choque entre duas histórias, neste caso o passado e o futuro. A marcação é feita pelo pavimento e pela iluminação, através do contraste entre a completa ausência de luz natural e a sua utilização total. É este o novo espaço da Vila Algarve.

Centro Cultural

O primeiro lugar visualizado nesta "nova" Vila Algarve, é um espaço verde, convidativo e acolhedor. É esta a maior metáfora do projeto apresentado: apesar dos tempos tenebrosos enquanto sede da PIDE, a história desta casa não foi sempre sombria. Existiu sempre, uma luz ao fundo do túnel, uma esperança de que existe vida após a Vila Algarve da PIDE.

A caraterística mais pertinente e contrastante é o corredor que unifica o centro cultural. Manteve-se o conceito do uso de corredores longos para unir os diferentes momentos, à semelhança do que acontece no memorial. Contudo, nesta "nova" Vila Algarve, o corredor é apresentado com uma total existência de luz natural, deliberadamente virada a norte, de modo a receber a maior exposição de luz durante o dia. Adornado de grandes painéis de vidro, o visitante é sempre acompanhado da visão do Jardim da Libertação, proporcionando-lhe um ambiente calmo e a convidar à sua permanência.

O Centro Cultural da Vila Algarve, é precisamente a recuperação da vida do edifício. A extensão é caraterizada por 3 espaços. O primeiro é uma sala polivalente, denominada **Sala José Craveirinha**, em homenagem ao poeta moçambicano. Esta sala, pretende receber vários tipos de eventos adaptando-se a diversas atividades. A sua caraterística mais relevante é a abertura para o jardim, acompanhada por um espelho de água, que transmite paz e calma, tornando-o num espaço de reflexão e inspiração. Apesar do grande pano de vidro que cobre a sua fachada, a sua iluminação é ajustável, permitindo que o ambiente se adapte a diferentes finalidades. Como anexo, existe um espaço de arrumo, que serve de apoio à sala polivalente. Adornada de luz e cor, esta sala polivalente é projetada para acolher as diversas atividades culturais que enriquecem a comunidade.

No Centro Cultural encontram-se também os serviços administrativos, caraterizados por um momento de entrada, onde temos novamente um balcão escultórico. Este espaço servirá de apoio ao Memorial existindo inclusive uma ampla sala de reuniões e um gabinete para o seu responsável principal.

Ao longo do corredor comum, encontram-se também os lavabos completamente equipados com três casas de banho sendo uma para utilizadores de mobilidade reduzida. No primeiro olhar de quem percorre o corredor, os lavabos encontram-se, de certa forma, ocultos do percurso principal. Considerou-se importante que estes espaços, apesar de cruciais, não interrompessem o percurso traçado pelos diferentes espaços do Centro Cultural.

No final do corredor principal, encontra-se o **Restaurante Malangatana**. Destinado a servir refeições leves, é amplo e caraterizado pelo grande mural do artista que acompanha a sala de refeições. É proporcionado um ambiente acolhedor através das suas fachadas envidraçadas, mantendo a mesma linguagem recorrente no Centro Cultural.

Ao entrar, encontra-se o balcão de atendimento que mantém a função escultórica, já recorrente no projeto. Este balcão separa também a sala de atendimento da zona pessoal do restaurante. No espaço de serviço, encontramos uma cozinha totalmente equipada para a segurança e higiene da preparação de refeições. É possível também encontrar uma entrada para o grande corredor que acolhe os restantes compartimentos da zona pessoal. A despensa, posicionada diretamente em frente à cozinha serve de apoio para a mesma. Encontramos ainda balneários para os funcionários do restaurante, que usufruem de uma entrada exterior pessoal, de modo a não ser necessária a passagem pela sala de refeições para o uso do mesmo. Por fim, localizado diretamente em frente à entrada restrita a pessoal, encontramos um depósito de resíduos que mantém as caraterísticas higiénicas necessárias para o bom funcionamento do restaurante.

Regressando ao piso térreo, encontramos o **Centro Arquivístico Rui Nógar**. Marcado por um último balcão escultórico, e por uma escada helicoidal que conduz à mezzanine do piso superior, encontramos uma sala de trabalho equipada para o estudo e consulta de todos os documentos remetentes ao centro arquivístico, e o centro de arquivo. Este espaço foi projetado com a finalidade de fornecer um único local onde se possa encontrar, não só informação sobre a Vila Algarve, mas também sobre a cidade de Lourenço Marques até ao dia da Independência de Moçambique. A importância da criação deste momento revelou-se devido à falta de um espaço semelhante na cidade.

Apesar de haver uma distinção do **Jardim da Libertação**, no piso inferior, é importante referir que o mesmo não se mantém apenas nessa zona da Vila Algarve.

A nova Vila Algarve, o novo Monumento na cidade, encontra-se repleto de diversos espaços verdes de variadas dimensões que permitem os seus diferentes usos. Estes estão preparados para servirem de palcos para eventos (no caso do jardim localizado no piso inferior), de espaços para crianças poderem livremente circular e brincar ou de locais de permanências de pouca duração. Contudo, a caraterística comum nestes espaços verdes é a sensação de calma e paz que estes transmitem aos seus visitantes.



Imagem [102] - Vista do piso 2.



Imagem [103] - Vista do corredor interior do piso 1.

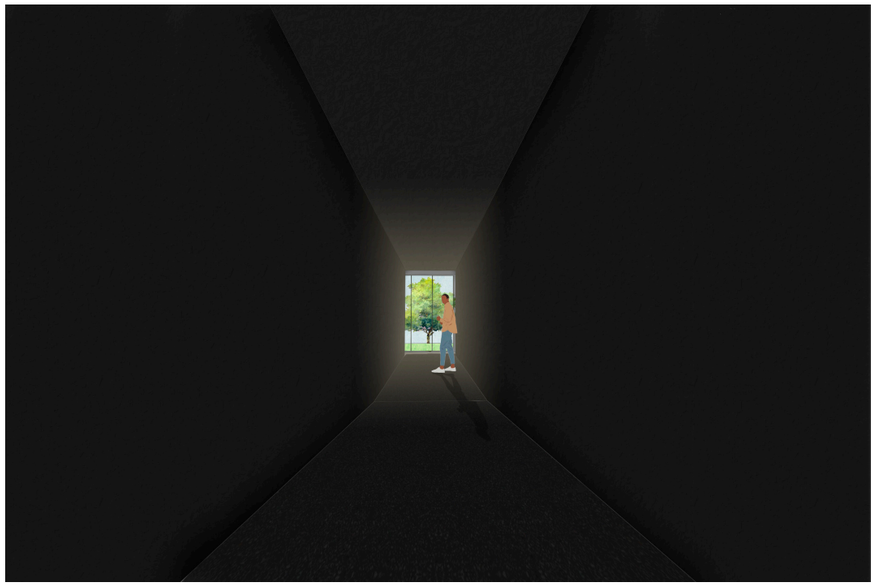


Imagem [104] - Vista do corredor final do Memorial.



Imagem [105] - Vista do Jardim da Libertação.

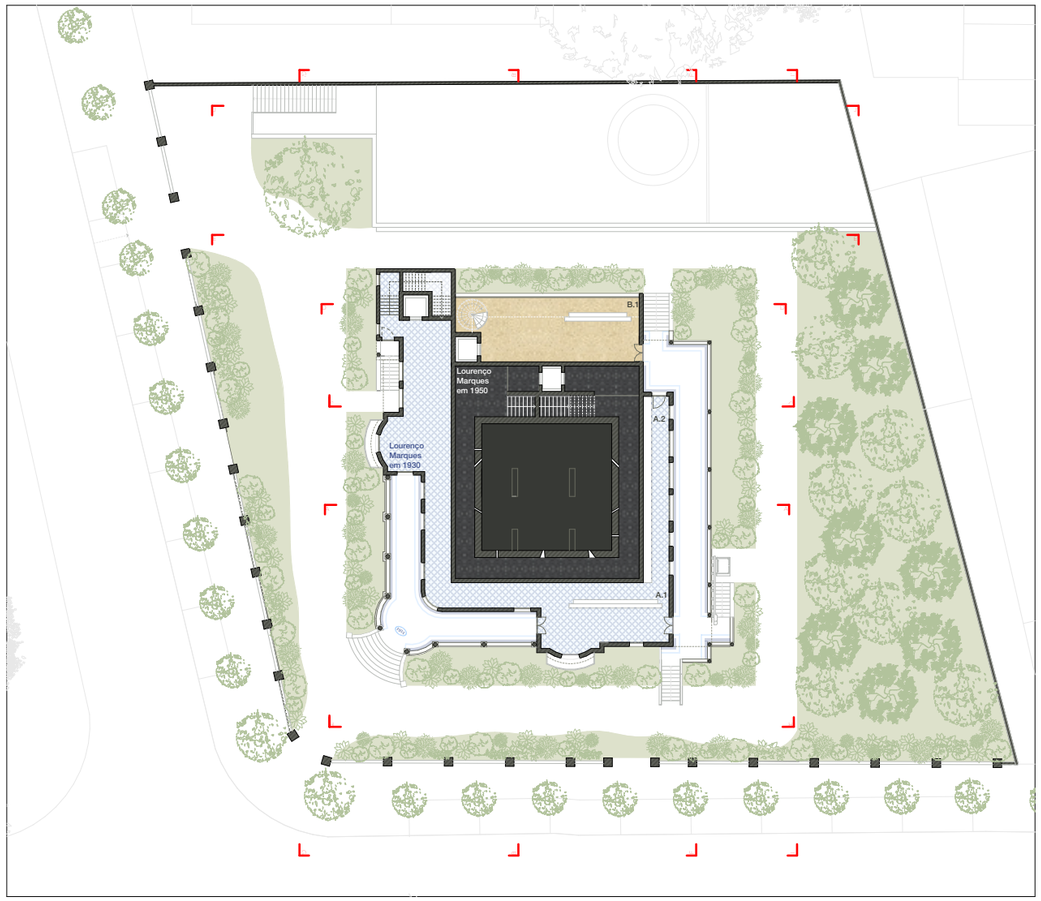


Imagem [106] - Planta do Piso Térreo.

Legenda:

A. Entrada
A.1 Balcão de Atendimento
A.2 Arquivo

B. Centro Arquivístico Rui Nógar
B.1 Entrada
B.2 Sala de Estudo
B.3 Gabinete Arquivístico
B.4 Arquivo

C. Sala José Craveirinha
C.1 Sala Polivalente
C.2 Arrumo

D. Serviços Administrativos
D.1 Recepção/Arquivo
D.2 Sala de Reuniões
D.3 Gabinete de Director

E. Sanitários
E.1 Sanitários Femininos
E.2 Sanitários para Mobilidade Reduzida
E.3 Sanitários Masculinos

F. Restaurante Malangatana
F.1 Balcão de Atendimento
F.2 Cozinha
F.3 Despensa
F.4 Balneários
F.5 Depósito do Lixo

Desenhos aproximadamente à escala 1:400.

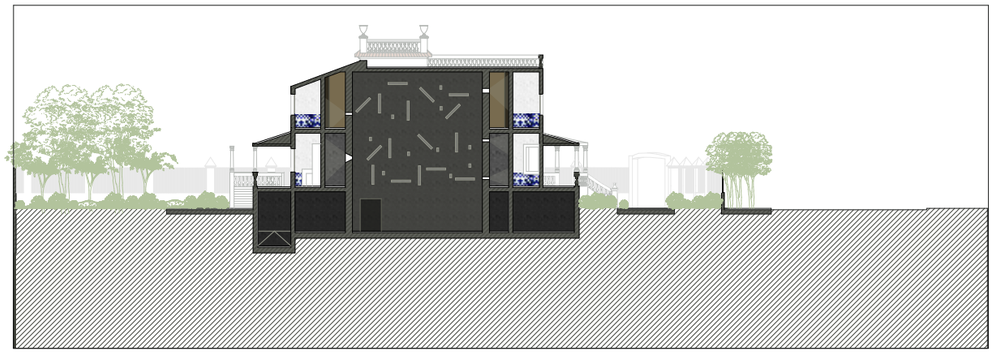


Imagem [107] - Corte AA'.



Imagem [108] - Corte BB'.

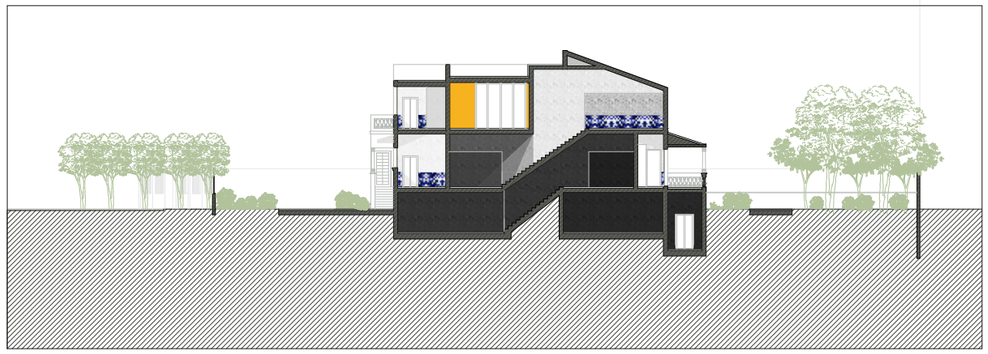


Imagem [109] - Corte CC'.

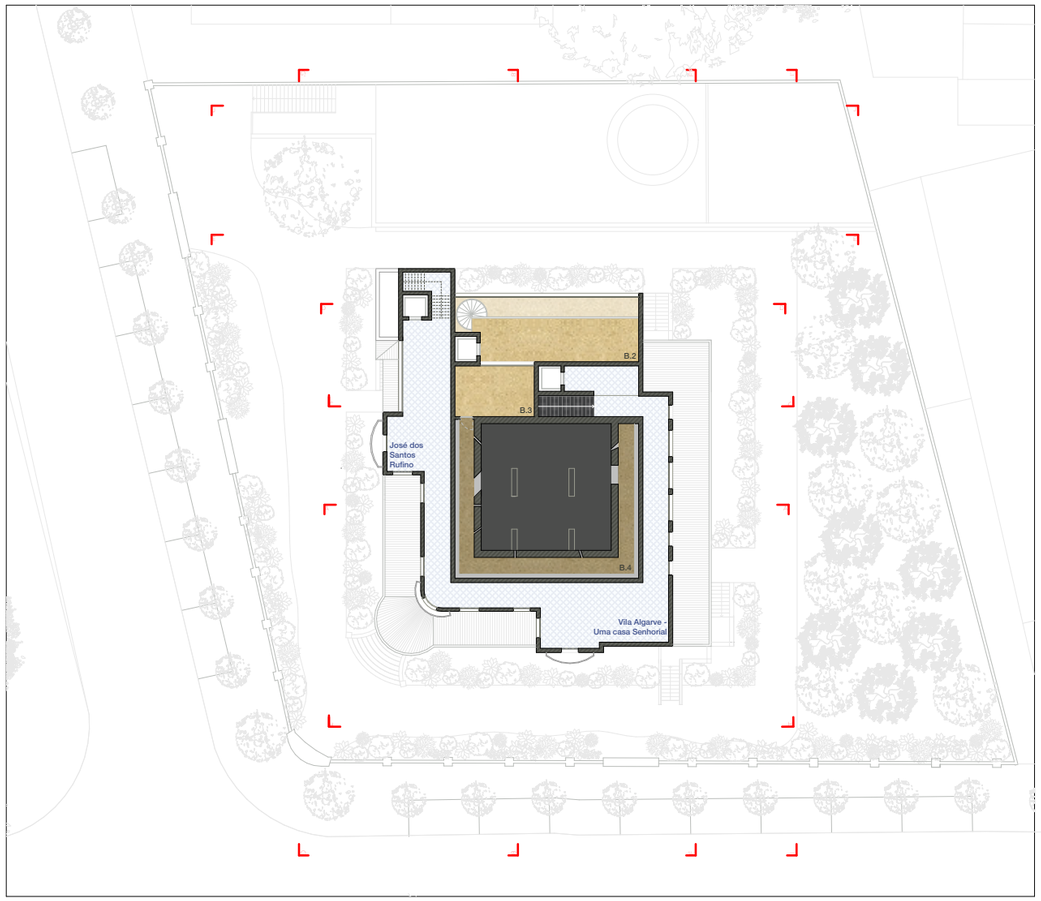


Imagem [110] - Planta do Piso 2.

Legenda:

A. Entrada
A.1 Balcão de Atendimento
A.2 Arquivo

B. Centro Arquivístico Rui Nógar
B.1 Entrada
B.2 Sala de Estudo
B.3 Gabinete Arquivístico
B.4 Arquivo

C. Sala José Craveirinha
C.1 Sala Polivalente
C.2 Arrumo

D. Serviços Administrativos
D.1 Recepção/Arquivo
D.2 Sala de Reuniões
D.3 Gabinete de Director

E. Sanitários
E.1 Sanitários Femininos
E.2 Sanitários para Mobilidade Reduzida
E.3 Sanitários Masculinos

F. Restaurante Malangatana
F.1 Balcão de Atendimento
F.2 Cozinha
F.3 Despensa
F.4 Balneários
F.5 Depósito do Lixo

Desenhos aproximadamente à escala 1:400.



Imagem [111] - Corte DD'.



Imagem [112] - Corte EE'.



Imagem [113] - Corte FF'.

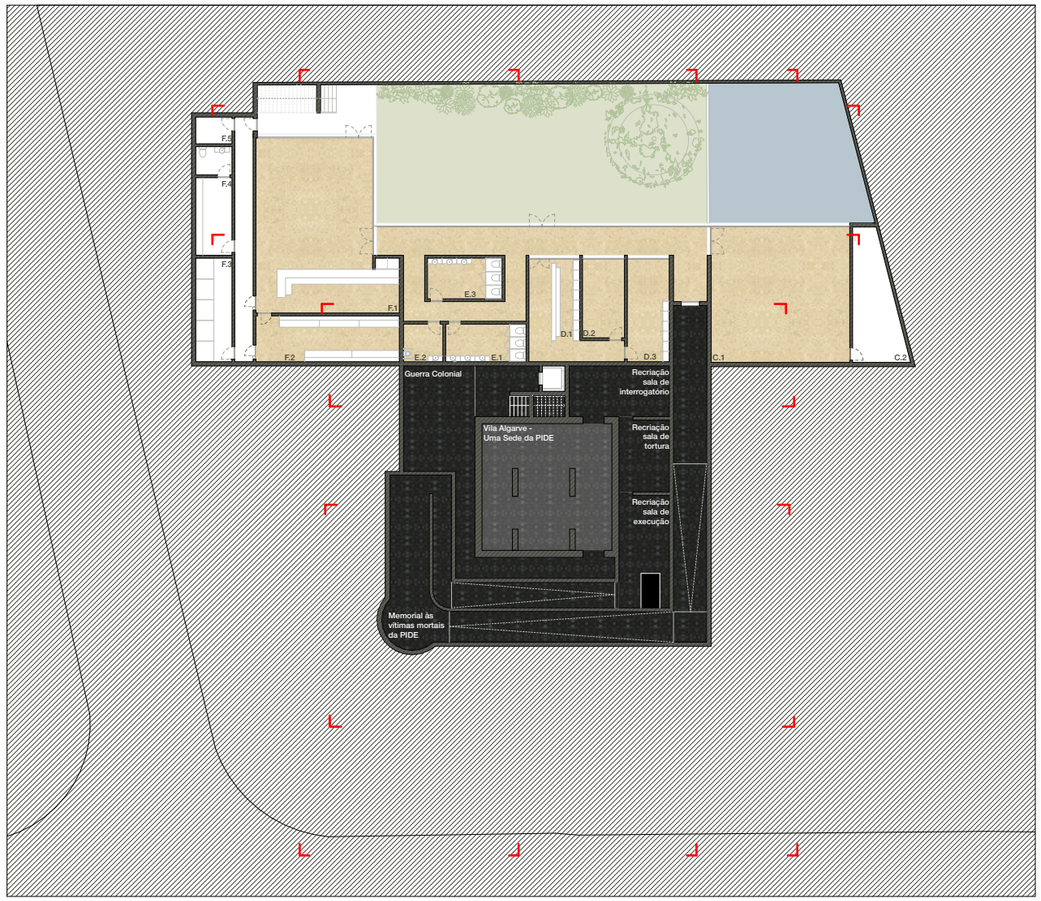


Imagem [114] - Planta do Piso Cave.

Legenda:

A. Entrada
A.1 Balcão de Atendimento
A.2 Arquivo

B. Centro Arquivístico Rui Nógar
B.1 Entrada
B.2 Sala de Estudo
B.3 Gabinete Arquivístico
B.4 Arquivo

C. Sala José Craveirinha
C.1 Sala Polivalente
C.2 Arrumo

D. Serviços Administrativos
D.1 Recepção/Arquivo
D.2 Sala de Reuniões
D.3 Gabinete de Director

E. Sanitários
E.1 Sanitários Femininos
E.2 Sanitários para Mobilidade Reduzida
E.3 Sanitários Masculinos

F. Restaurante Malangatana
F.1 Balcão de Atendimento
F.2 Cozinha
F.3 Despensa
F.4 Balneários
F.5 Depósito do Lixo

Desenhos aproximadamente à escala 1:400

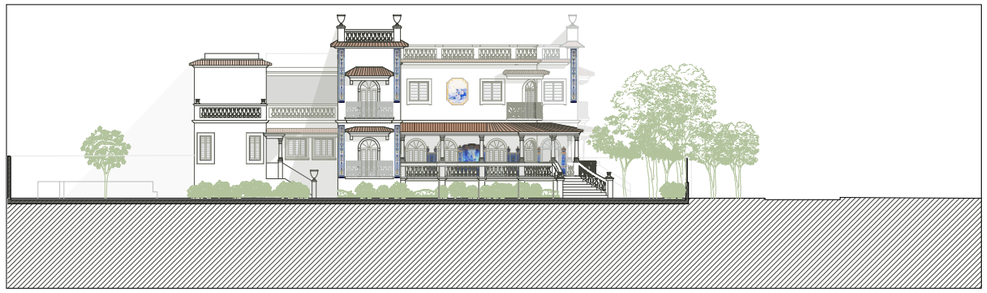


Imagem [115] - Alçado GG'.

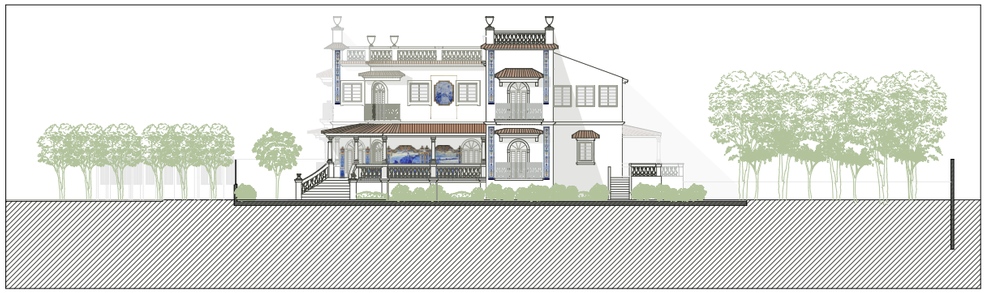


Imagem [116] - Alçado HH'.

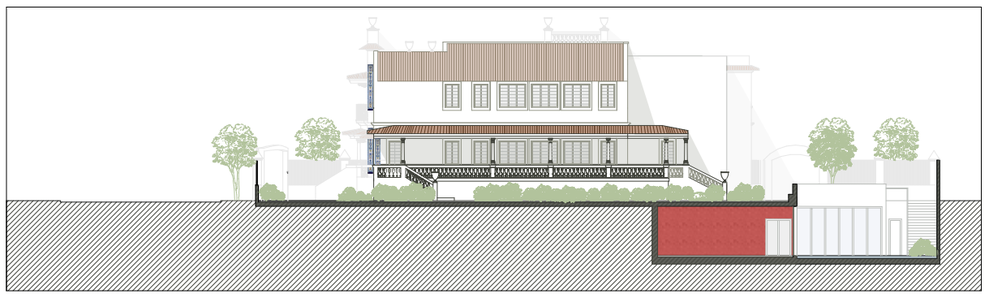


Imagem [117] - Alçado-Corte II'.

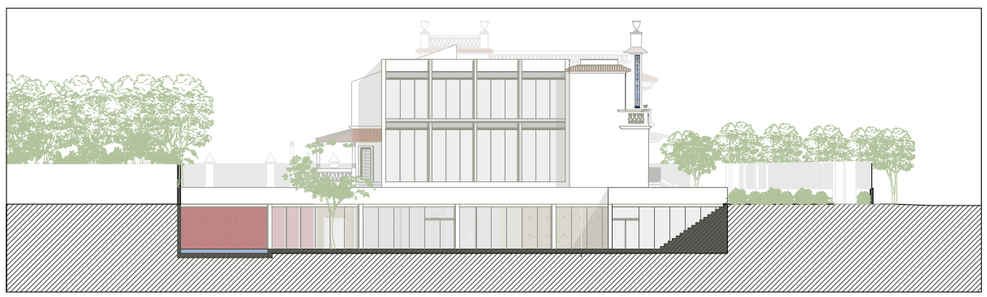


Imagem [118] - Alçado JJ'.

anexo c

desenhos à escala 1:200
vermelhos e amarelos



Implantação

Desenho à escala 1:200

Legenda:

A. Entrada
A.1 Balcão de Atendimento
A.2 Arquivo

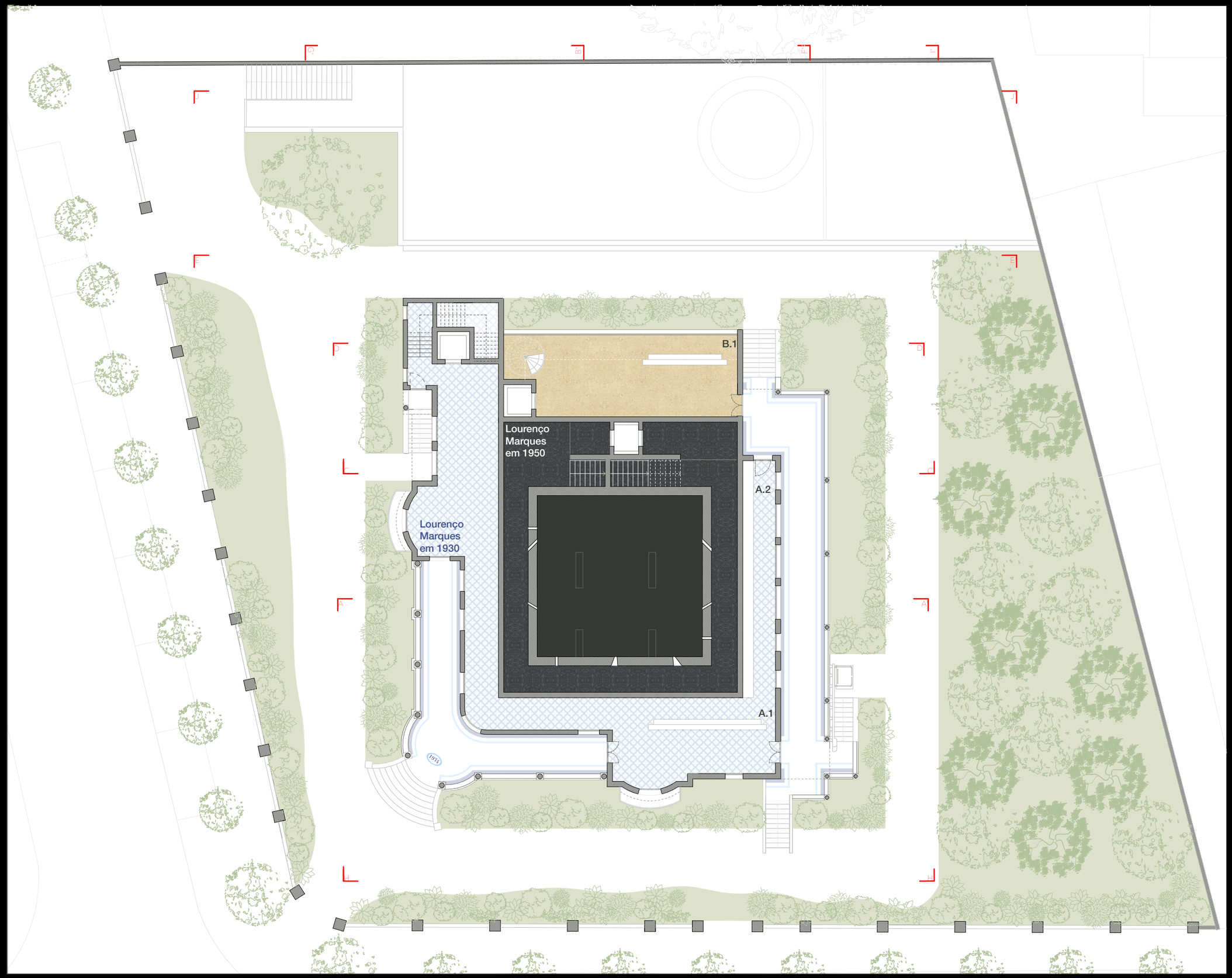
B. Centro Arquivístico Rui Nógar
B.1 Entrada
B.2 Sala de Estudo
B.3 Gabinete Arquivístico
B.4 Arquivo

C. Sala José Craveirinha
C.1 Sala Polivalente
C.2 Arrumo

D. Serviços Administrativos
D.1 Recepção/Arquivo
D.2 Sala de Reuniões
D.3 Gabinete de Director

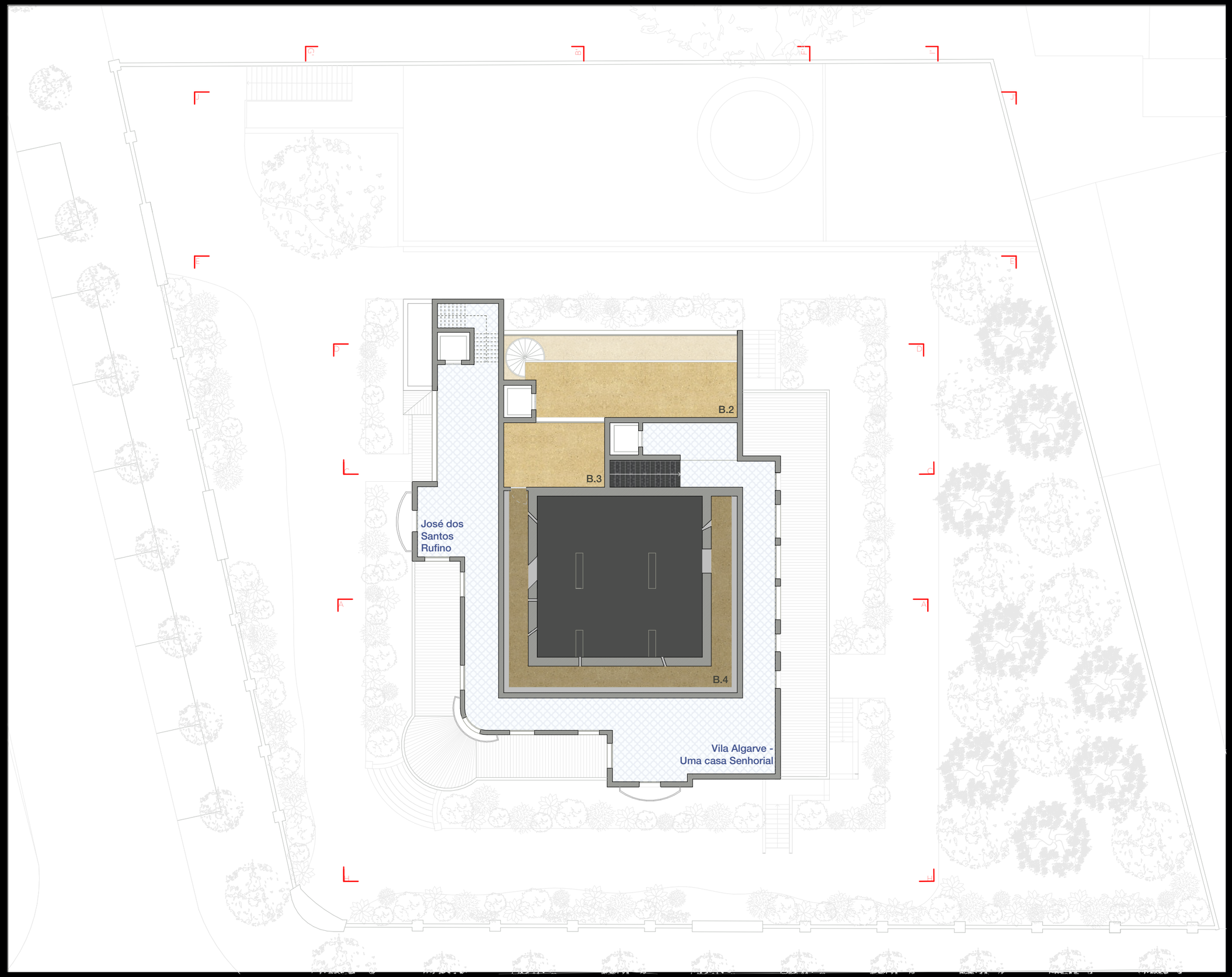
E. Sanitários
E.1 Sanitários Femininos
E.2 Sanitários para Mobilidade Reduzida
E.3 Sanitários Masculinos

F. Restaurante Malangatana
F.1 Balcão de Atendimento
F.2 Cozinha
F.3 Despensa
F.4 Balneários
F.5 Depósito do Lixo



Planta Piso Térreo

Desenho à escala 1:200



Legenda:

A. Entrada
A.1 Balcão de Atendimento
A.2 Arquivo

B. Centro Arquivístico Rui Nógar
B.1 Entrada
B.2 Sala de Estudo
B.3 Gabinete Arquivístico
B.4 Arquivo

C. Sala José Craveirinha
C.1 Sala Polivalente
C.2 Arrumo

D. Serviços Administrativos
D.1 Recepção/Arquivo
D.2 Sala de Reuniões
D.3 Gabinete de Director

E. Sanitários
E.1 Sanitários Femininos
E.2 Sanitários para Mobilidade Reduzida
E.3 Sanitários Masculinos

F. Restaurante Malangatana
F.1 Balcão de Atendimento
F.2 Cozinha
F.3 Despensa
F.4 Balneários
F.5 Depósito do Lixo

Planta Piso 2

Desenho à escala 1:200

Legenda:

A. Entrada
A.1 Balcão de Atendimento
A.2 Arquivo

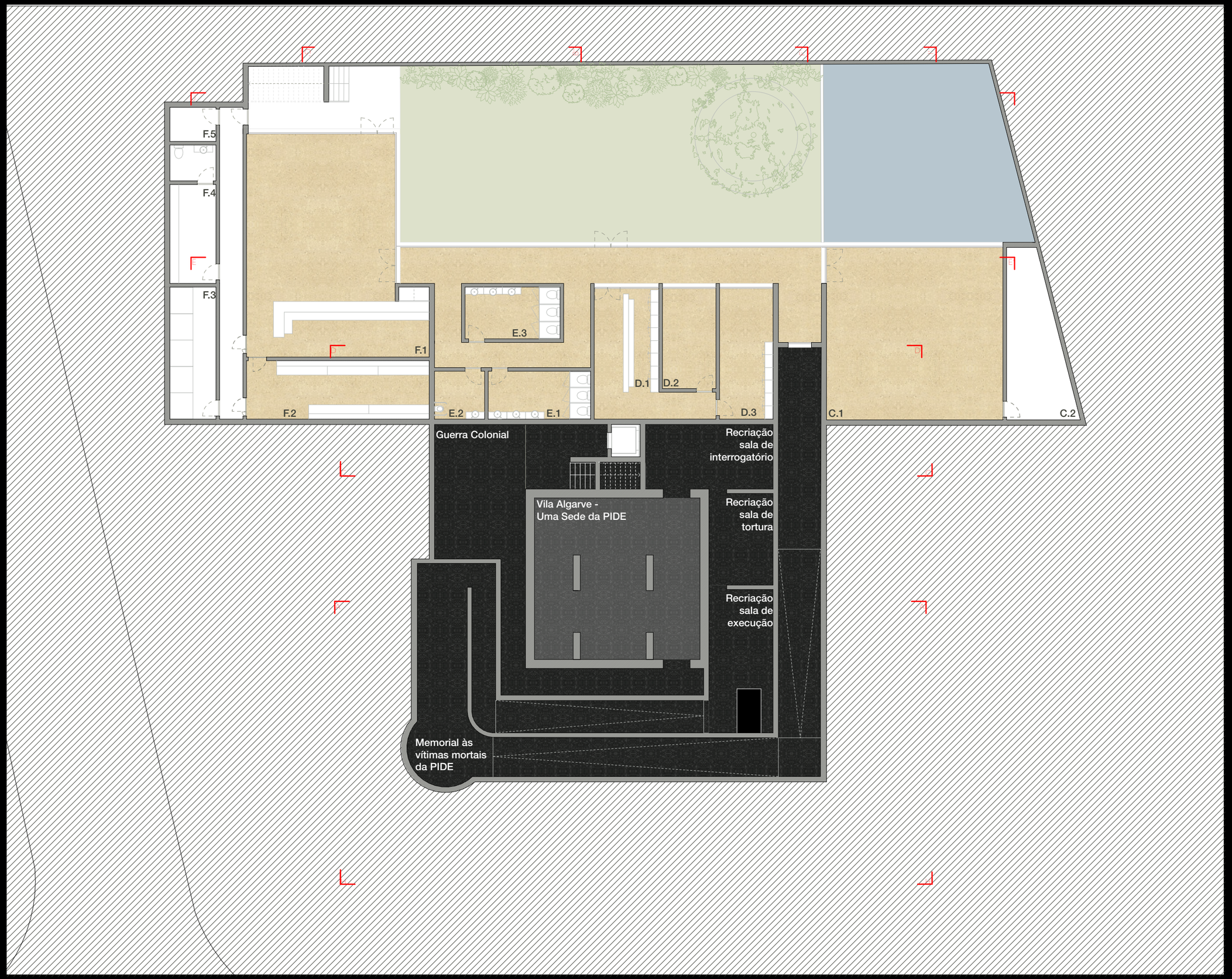
B. Centro Arquivístico Rui Nógar
B.1 Entrada
B.2 Sala de Estudo
B.3 Gabinete Arquivístico
B.4 Arquivo

C. Sala José Craveirinha
C.1 Sala Polivalente
C.2 Arrumo

D. Serviços Administrativos
D.1 Recepção/Arquivo
D.2 Sala de Reuniões
D.3 Gabinete de Director

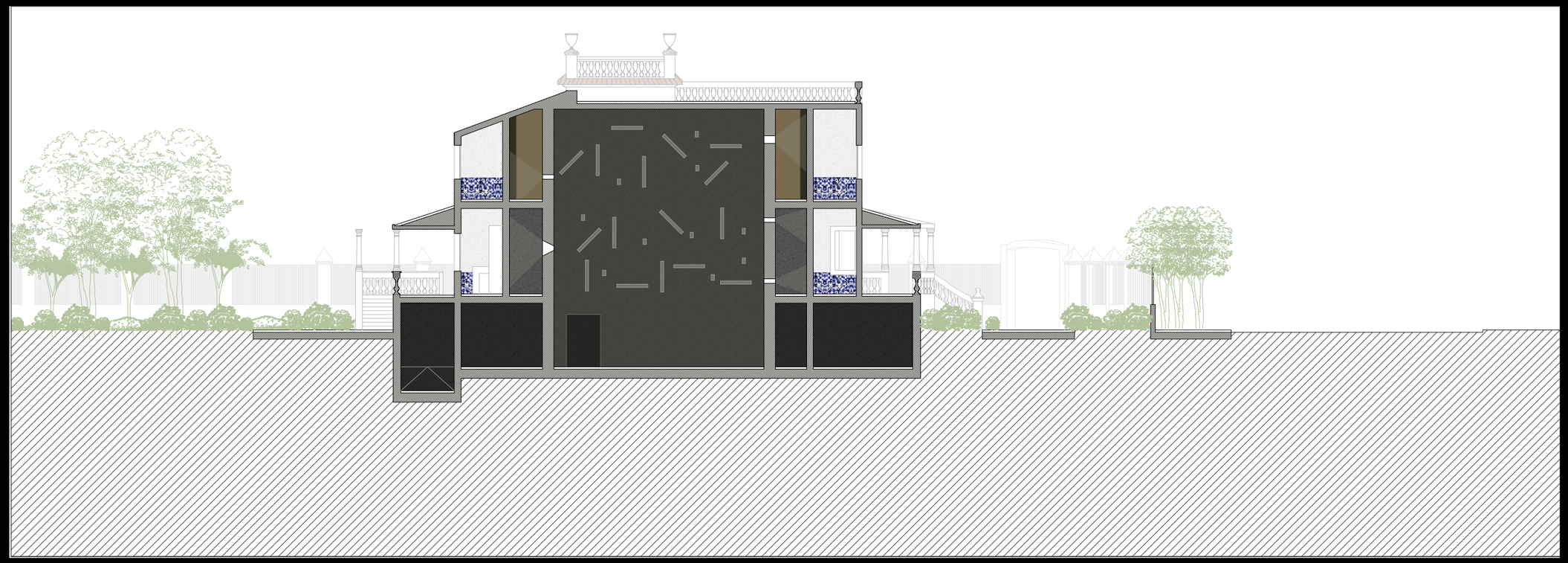
E. Sanitários
E.1 Sanitários Femininos
E.2 Sanitários para Mobilidade Reduzida
E.3 Sanitários Masculinos

F. Restaurante Malangatana
F.1 Balcão de Atendimento
F.2 Cozinha
F.3 Despensa
F.4 Balneários
F.5 Depósito do Lixo



Planta Piso Cave

Desenho à escala 1:200



Corte AA’

Desenho à escala 1:200



Corte BB’

Desenho à escala 1:200



Corte CC'

Desenho à escala 1:200



Corte DD'

Desenho à escala 1:200



Corte EE'

Desenho à escala 1:200



Corte FF'

Desenho à escala 1:200



Alçado GG'

Desenho à escala 1:200



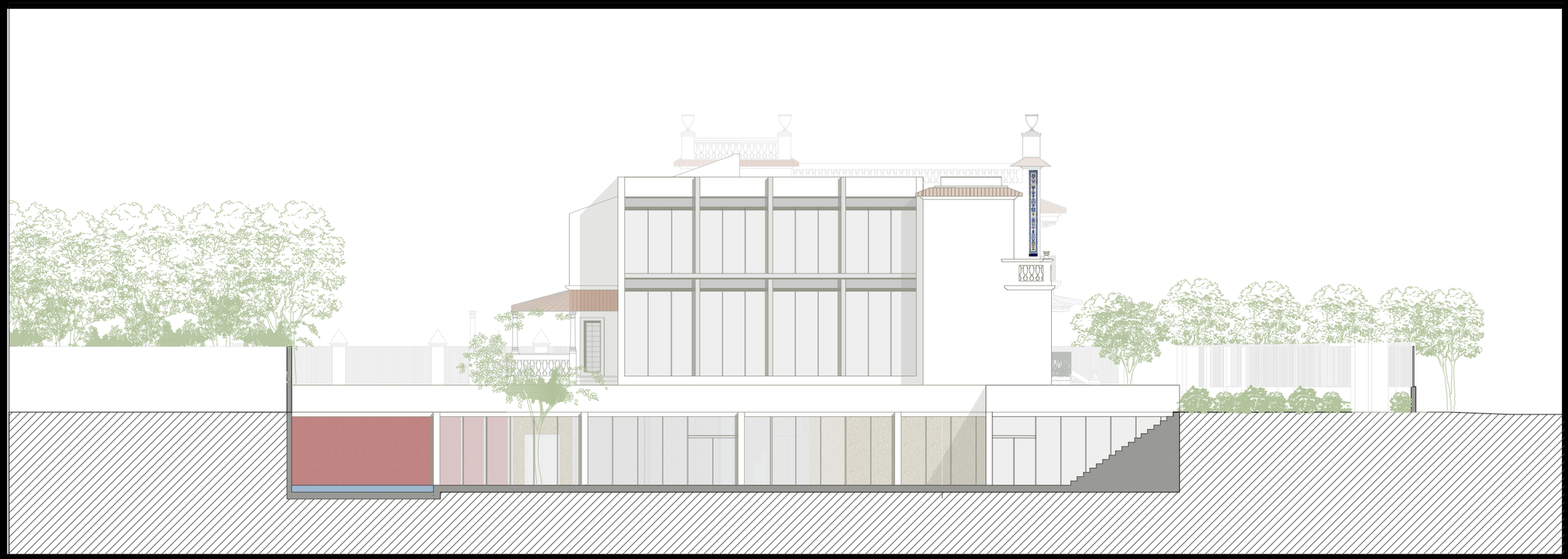
Alçado HH'

Desenho à escala 1:200



Alçado II’

Desenho à escala 1:200



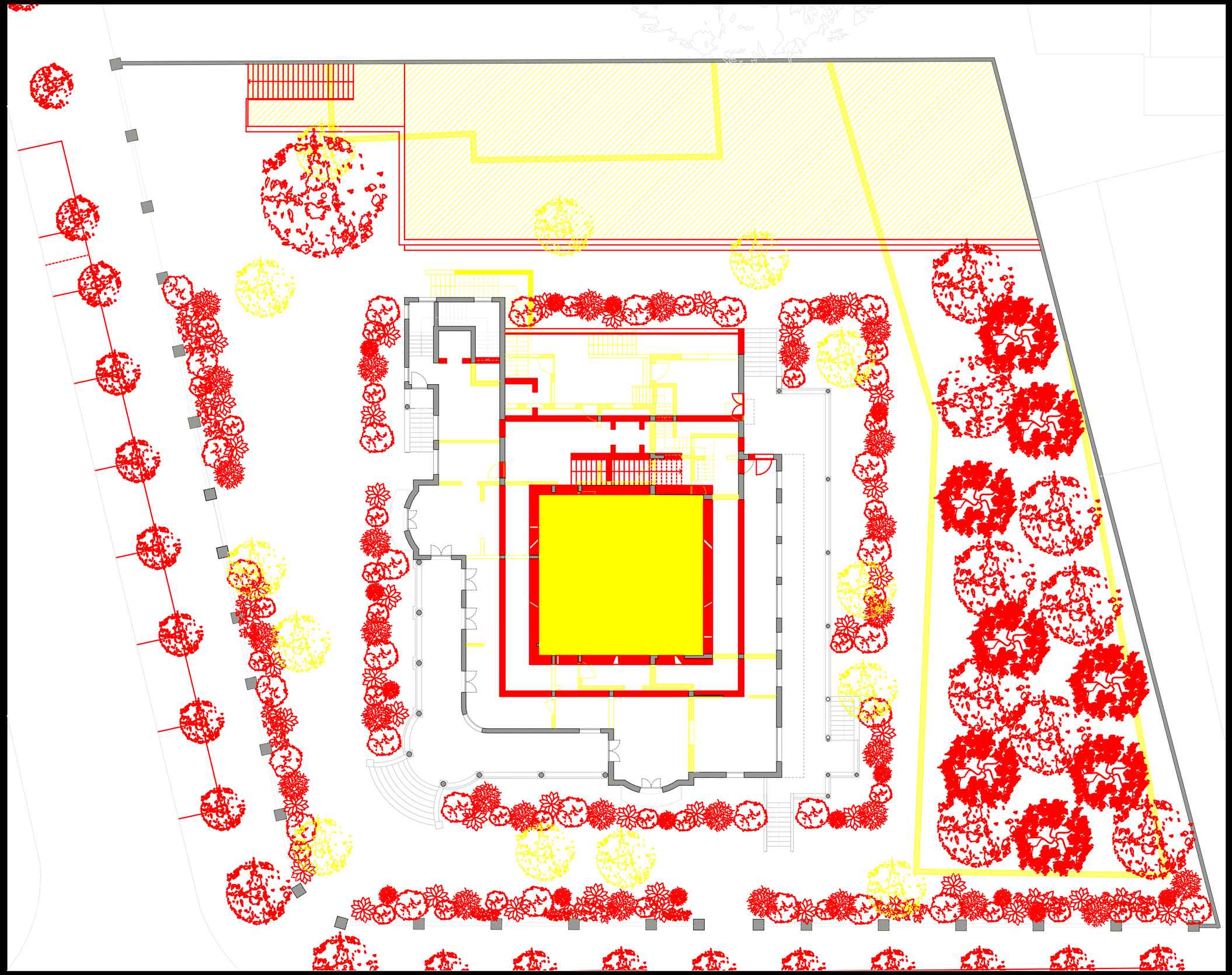
Alçado GG’

Desenho à escala 1:200



Planta de Cobertura
Vermelhos e Amarelos

Desenho à escala 1:200

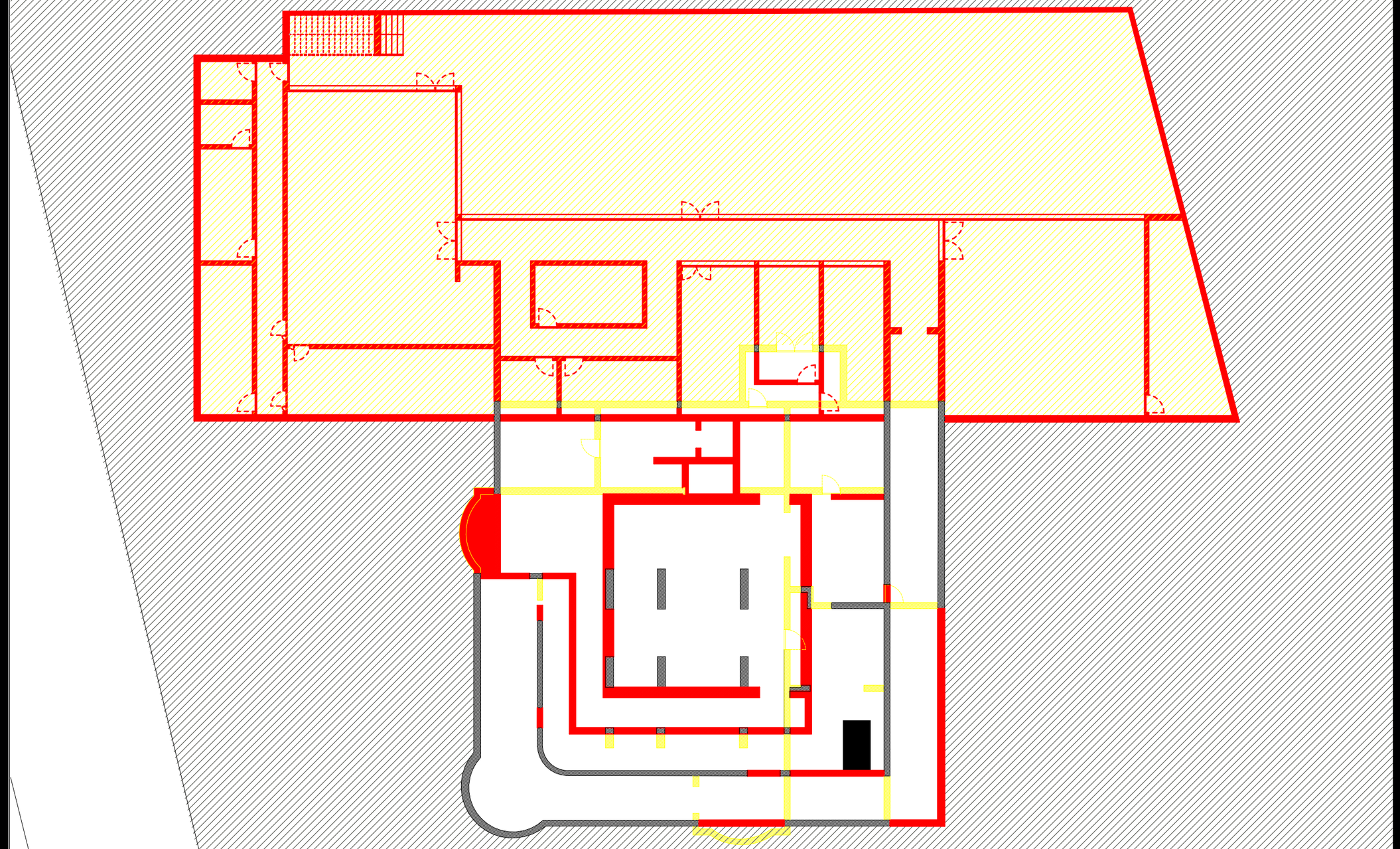


Planta Piso Térreo
Vermelhos e Amarelos

Desenho à escala 1:200

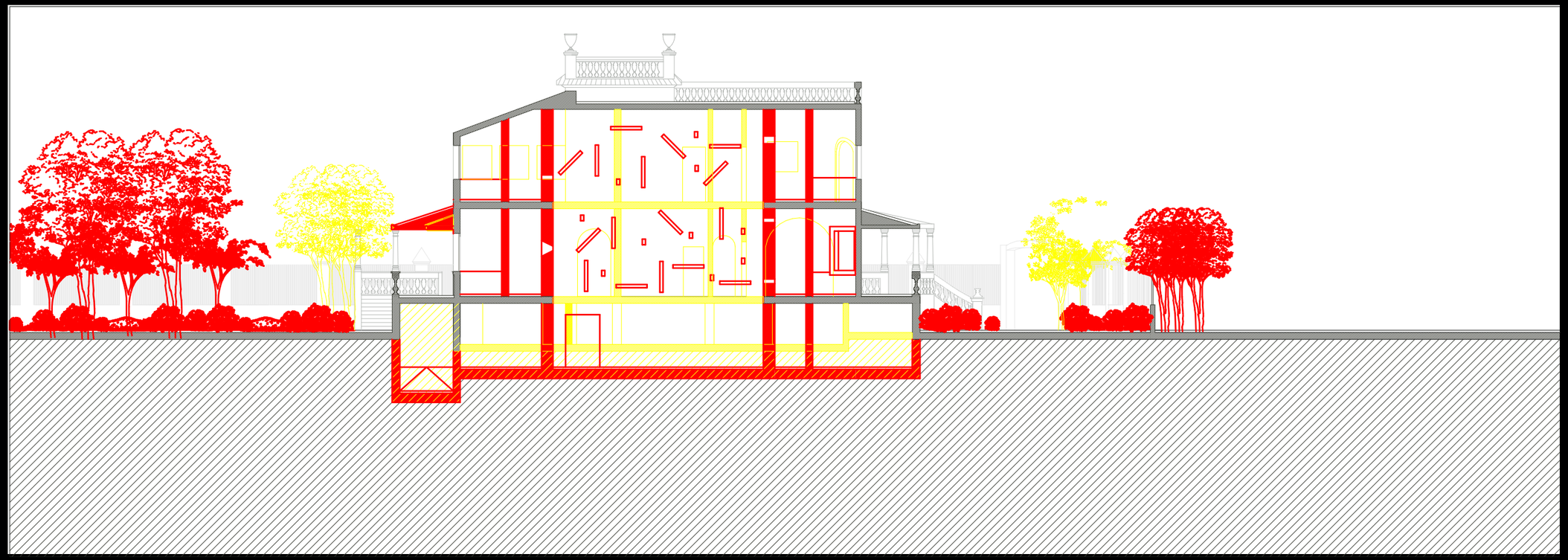


Planta Piso 2
Vermelhos e Amarelos
Desenho à escala 1:200

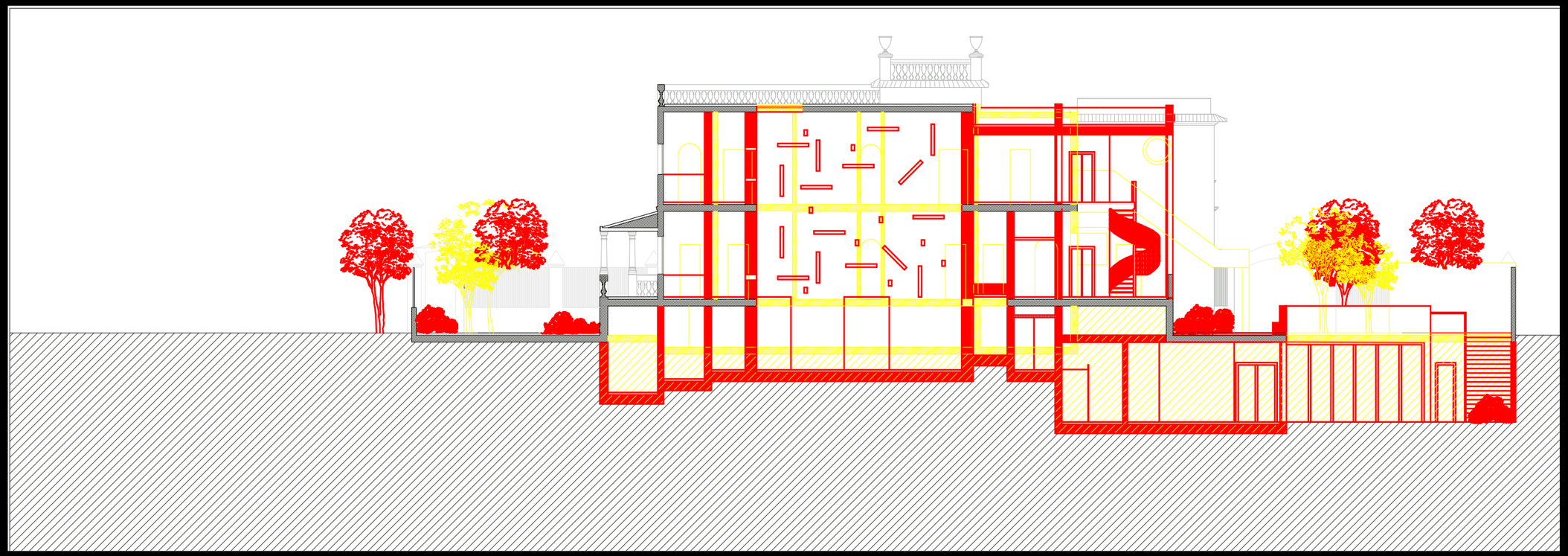


Planta Piso Cave
Vermelhos e Amarelos

Desenho à escala 1:200



Corte Transversal
Vermelhos e Amarelos
Desenho à escala 1:200



Corte Longitudinal
Vermelhos e Amarelos
Desenho à escala 1:200



Alçado rua Ahmed Sekou Touré
Vermelhos e Amarelos

Desenho à escala 1:200



Alçado rua Avenida dos Mártires da Machava
Vermelhos e Amarelos

Desenho à escala 1:200



Alçado Tardóz
Vermelhos e Amarelos
Desenho à escala 1:200



Alçado Tardóz
Vermelhos e Amarelos
Desenho à escala 1:200

5.considerações finais

considerações finais [pág. 115]
referências bibliográficas [pág. 116]
referências iconográficas [pág. 119]

considerações finais

Esta dissertação representa o culminar do percurso académico feito nos últimos seis anos. Começou pelo desejo de honrar a minha terra natal e evoluiu para a determinação de devolver à cidade um espaço que durante muito tempo foi deixado de parte devido à mágoa que representava.

A Vila Algarve é um dos maiores símbolos da repressão sofrida na cidade de Maputo. Contudo, os que desconheçam a sua história, apenas observarão uma belíssima casa, repleta de um trabalho meticuloso de azulejos e deixada num estado total devoluto.

Porém, devido ao peso da história que este edifício carrega é necessário fornecer um novo olhar à Vila Algarve. É preciso fornecer-lhe a representação apropriada para a sua monumentalidade. A Vila Algarve pode e deve ser um Monumento na cidade, pois apesar do símbolo de repressão que possuí, é também uma representação do que o povo moçambicano ultrapassou para conseguir a liberdade.

Era também importante que através da monumentalidade que estaríamos a representar, fosse possível visualizar a Vila Algarve como um Memorial dos seus acontecimentos mais sombrios e também das suas vítimas. Não obstante, era crucial introduzir também um novo olhar sob a Vila Algarve. Um olhar que permitisse a permanência no espaço e despertasse um novo interesse no edifício, convidando assim as futuras gerações a virem conhecer a Vila Algarve e a sua história. Para tal, propusemos uma componente de Centro Cultural. Este Centro Cultural está projetado de modo a receber um grande número de pessoas para diversos tipos de eventos e diferentes tipos de permanência.

Englobando o novo Centro Cultural (com o restaurante, sala polivalente e centro arquivístico) e o Memorial, foi possível concebermos o projeto do novo Monumento Vila Algarve, apresentado nesta dissertação.

O projeto apresentando, representa o culminar da extensa investigação e interpretação deste edifício deixado ao abandono. Com a criação deste novo Monumento na cidade é possível transformar a Vila Algarve pensando no seu futuro e no novo significado que terá, tanto no desenho, como no quotidiano da cidade. Esta intervenção no pré-existente pretende refletir a memória do seu passado e ao mesmo tempo produzir uma nova visão sob o mesmo. Ao propor este novo programa ao equipamento, ainda que através de uma visão com espaço para um maior amadurecimento, devolvemos a Vila Algarve à cidade de Maputo.

Esta dissertação é apresentada como um exercício de observação, de compreensão e de transformação de um objeto arquitetónico que, apesar da sua notória presença sombria, contém uma história, pertence a uma comunidade e pode constituir um marco geracional para o seu futuro.

referências bibliográficas

Livros

AZEVEDO, Francisco Duarte - *Vila Algarve*. Lisboa. Grupo Planeta, 2014. ISBN 978-989-657-579-3.

FERNANDES, José Manuel - *Geração Africana: Arquitetura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*. Lisboa. Livros Horizontes, 2009 (1ª Edição 2002). ISBN 978-972-241-220-9.

FORJAZ, José - *Pensar Arquitetura*. Lisboa. Caleidoscópio, 2018. ISBN 978-989-658-504-4.

KERBY, Martin; BAGULEY, Margaret; GEHRMANN, Richard; BEDFORD, Alison - *A Possession Forever*. Towoomba. University of Southern Queensland, 2021.

LAGE, Luís; CARRILHO, Júlio (coord.) - *Inventário do Património Edificado da Cidade de Maputo: Catálogo de Edifícios e Conjuntos Urbanos Propostos para Classificação*. Maputo. Edições FAPF - 2010.

MATEUS, Dalila Cabrita - *A PIDE/DGS na Guerra Colonial, 1961-1974*;. Lisboa. Terramar, 2004. ISBN 972-710-369-3.

MATEUS, Dalila Cabrita - *Memórias do Colonialismo e da Guerra*. Porto. ASA, 2006. ISBN 978-989-231-116-6.

MENDES, Maria Clara - *Maputo antes da Independência: Geografia de uma Cidade Colonial*. Lisboa. Instituto de Investigação Científica Tropical (Memórias do Instituto de Investigação Científica Tropical, (68), 2.a Série; Dissertação de doutoramento em Geografia Humana. Faculdade de Letras; Universidade de Lisboa; 1985.

MORAIS, João Sousa - *Maputo. Património da Estrutura e Forma Urbana Topologia do Lugar*. Lisboa. Livros Horizonte, 2001. ISBN 978-972-241-134-9.

ROSSI, Aldo - *A Arquitetura da Cidade*. Lisboa. Edições Cosmos; 2001 (1ª Edição Italiana 1966). ISBN 84-252-0615-4.

SOARES,Fernando Luso - *Pide/DGS Um Estado Dentro do Estado*. Lisboa. Portugália Editora, 1975. CDU 35/354.

TOSTÕES, Ana - *Arquitetura Moderna em África: Angola e Moçambique*. Lisboa. Caleidoscópio, 2013. ISBN 978-989-658-240-1.

VELOSO, António Matos; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes - *João José Tinoco. Arquitecturas em África*. Lisboa. Livros Horizonte, 2008. ISBN 978-972-241-622-1.

Artigos

ABUBAKAR, Claida; JOAQUIM, Vicente; LOURO; Daniel; MENEZES, Carlos; SPINA,Maria - *Antigo Bairro Militar de Maputo*. Maputo. Edições FAPF, 2003.

CASTANHEIRA, João Pedro; *Rosa Casaco, Voltaria à PIDE*. Lisboa. Expresso, Revista nº 1321. 02.02.1998.

CORREA, Sílvio Marques de Sousa - *Heterotopia e Vilegiatura em Lourenço Marques (1890-1930)*. São Paulo. Revista de História, 2019.

MILHEIRO, Ana Vaz; FIÚZA, Filipa - *A Arquitectura dos Gabinetes de Urbanização Colonial em Moçambique* (1944-1974). Lisboa. ISCTE, 2012.

Dissertações

AZEVEDO, Helsio; CHAVEIRO, Eguimar; STACCIARINI, João - *Maputo, a Cidade Divida: Fragmentação e (Re)Qualificação*. Brasil. Editora da Universidade Federal da Uberlândia, 2022.

GONZALÉZ, Leandro - *Maputo. O Interior do Quarteirão - Aprender de uma apropriação informal*. Porto. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2021. Dissertação de Mestrado.

MELO, Vanessa de Pacheco - *Urbanismo Português na Cidade de Maputo: passado, presente e futuro*. Paraná. Revista Brasileira de Gestão Urbana; 2013.

MENDONÇA, Lisandra de franco; MENDONÇA, Ricardo - *Culto dos monumentos históricos e projecto imperial na década de 1940: Negociando um passado colonial em Maputo e além*. Paraná. Revista Brasileira de Gestão Urbana, vol. 13; Pontifícia Universidade Católica do Paraná; 2020.

MENDONÇA, Lisandra de Franco. *Conservação da Arquitectura e do Ambiente Urbano Modernos: a Baixa de Maputo*. Coimbra. Faculdade de Arquitectura e Urbanismo Universidade de Coimbra, 2015. Tese de Doutoramento.

MANHIÇA, Virgílio - *Reutilização do Património Edificado como Forma de Reintregra-lo à Vida Quotidiana - Refuncionalização do Edifício Vila Algarve.* Maputo. Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane, 2019. Dissertação de Licenciatura.

SOUSA, Kátia Lemos - *Maputo. Densificação Autoproduzida: O sonho do primeiro andar sobre a casa existente*. Porto. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2018. Dissertação de Mestrado.

Webgrafia

https://www.abrilabril.pt/internacional/antiga-sede-da-pide-em-maputo-sera-museu-da-resistencia-contra-o-colonialismo

https://www.berlinale-talents.de/bt/project/profile/184525

https://www.berlinale-talents.de/bt/talent/inadelso-cossa2/profile

https://www.dn.pt/arquivo/2008/ordem-dos-advogados-reabilita-antiga-sede-da-pide-em-maputo-999767.html

https://www.differencebetween.com/difference-between-monument-and-vs-memorial

https://www.dn.pt/portugal/antiga-sede-da-pide-em-maputo-transformada-em-museu-4460363.html

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=-092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00031730

https://edition.cnn.com/2015/07/07/world/gallery/cnnphotos-mozambique-children-streets/index.html

https://housesofmaputo.blogspot.com

http://memoria-africa.ua.pt/Library/AFDCM.aspx

https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Cidadao/Informacao/Direito-do-Uso-e-Aproveitamento-de-Terra

https://phmuseum.com/news/an-untold-story-from-mozambican-war-of-independence

https://revistavista.pt/index.php/vista/article/view/3153/3365

https://www.rtp.pt/play/p3951/e315404/historia-a-historia-africa

https://www.rtp.pt/programa/tv/p34875/e5

Filmografia

Uma Memória em Três Actos. Realização de Inaldesso Cossa. Moçambique, 2017. Formato Digital.

História a História África. Realização de Fernado Rosas. Lisboa. RTP, 2017. Formato Digital.

referências iconográficas

[001] - https://www.artic.edu/digital-publications/34/malangatana-mozambique--modern/8/malangatanas-anticolonial-aesthetic.
[002] - https://delagoabayworld.wordpress.com/2012/06/06/obra-de-malangata-na-em-leilao-2012/.
[003] - Colagem da Autora. https://www.rtp.pt/play/p3951/e315404/historia-a--historia-africa.
[004] - Colagem da Autora.
[005] - Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.
[006] - Tenente António Baptista, BRUSCHI, Sandro, LAGE Luis, 2005; O Desenho das Cidades, Moçambique até ao séc. XXI, Edições FAPF, Maputo.
[007] - Richard T. Hall, CORVAJA, Luigi; Desenho e Arquitectura, FAPF, Maputo
[008] - CORVAJA, Luigi; Desenho e Arquitectura, FAPF, Maputo.
[009] - Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.
[010] - Colagem da Autora. Fonte: www.houseofmaputo.blogspot.com.
[011] - Desenho da Autora.
[012] - Desenho da Autora.
[013] - Desenho da Autora.
[014] - Desenho da Autora.
[015] - Colagem da Autora. Fontes:
https://rr.sapo.pt/especial/vida/2016/05/28/na-guerra-em-mocambique-portugal-fez-dos-papeis-armas/53717/.
https://www.newsmuseum.pt/pt/na-frente/guerra-que-derruba-o-estado-novo.
[016] - https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_da_Independ%C3%AAncia_de_Mo%C3%A7ambique.
[017] - https://aefreixo.pt/comunica/celebracao-do-48o-aniversario-da-revolucao-do-25-de-abril-de-1974/.
[018] - Autor desconhecido. 1983 Fonte: GONZALÉZ, Leandro - *Maputo. O Interior do Quarteirão - Aprender de uma apropriação informal*. Porto. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2021. Dissertação de Mestrado.
[019] - Desenho da Autora.
[020] - Vista Aérea de Mafalala: https://bigslam.pt/blogs/victor-pinho/atletismo--roberto-chichorro-nambauane-de-victor-pinho/.
[021] - Vista Aérea de Mafalala: https://www.wiriko.org/artes-visuales/museo--mafalala/.
[022] - Rua na Cidade de Caniço: Imagem de Farah Nabil - https://unsplash.

com/@farahnabil1995.

[023] - Rua na Cidade de Caniço: Imagem de Farah Nabil - https://unsplash.com/@farahnabil1995.

[024] - Residência na Cidade de Caniço: https://theyogiwanderer.com/things-to--do-in-maputo-mozambique/.

[025] - Residência na Cidade de Caniço: Imagem de Alessandro Frigerio - https://www.alessandrofrigerio.com/wp-content/uploads/2020/04/IMG_0403-3-scaled-2000x1200.jpg.

[026] - Vista Aérea da Cidade de Cimento: https://www.civitatis.com/pt/maputo/free-tour-maputo/.

[027] - Vista Aérea da Cidade de Cimento: https://observador.pt/2021/02/04/covid-19-maputo-vai-abrir-morgue-so-para-vitimas-da-pandemia/.

[028] - Mercado Central em Maputo: Imagem de Antonio Klaus Kaarsberg - https://www.flickr.com/people/antonioklaus/.

[029] - Baixa de Maputo: Imagem de Antonio Klaus Kaarsberg - https://www.flickr.com/people/antonioklaus/.

[030] - Zona Residencial em Maputo - Imagem de Leandro Gonzaléz - GONZALÉZ, Leandro - *Maputo. O Interior do Quarteirão - Aprender de uma apropriação informal*. Porto. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2021. Dissertação de Mestrado.

[031] - Zona Residencial em Maputo : Imagem de Leandro Gonzaléz - GONZALÉZ, Leandro - *Maputo. O Interior do Quarteirão - Aprender de uma apropriação informal*. Porto. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2021. Dissertação de Mestrado.

[032] - Desenho da Autora.

[033] - Postal do antigo edifício da Fazenda, agora Biblioteca Nacional: https://housesofmaputo.blogspot.com/2020/12/fazenda-actual-biblioteca-nacional-na.html.

[034] - Biblioteca Nacional actualmente: https://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_Nacional_de_Mo%C3%A7ambique.

[035] - Núcleo de Artes: Imagem de Zug55 em https://www.flickr.com/photos/zug55/7805021350/in/photostream/.

[036] - Núcleo de Artes antigamente: https://www.africaserver.nl/nucleo/port/main.html.

[037] - Postal do antigo Hotel Club agora Centro Cultural Fraco-Americano:

https://delagoabayworld.wordpress.com/2021/07/27/o-hotel-club-em-lourenco-marques/.

[038] - Centro Cultural Franco-Americano actualmente: https://www.reunionnaisdumonde.com/magazine/portraits-interviews/lauriane-schulz-chargee-de-cooperation-culturelle-a-maputo/.

[039] - Fundação Fernando Leite Couto: https://en.wikipedia.org/wiki/Funda%C3%A7%C3%A3o_Fernando_Leite_Couto.

[040] - Museu de Mafalala: https://mbenga.co.mz/blog/2021/08/26/museu-mafalala-acolhe-creative-south-network/.

[041] - Desenho da Autora.

[042] - Desenho da Autora.

[043] - Vila Algarve em 1961. Fonte: Direção Nacional de História de Moçambique.

[044] - Vila Algarve em 1980. Fonte: Direção Nacional de História de Moçambique.

[045] - Vila Algarve em 1995. Fonte: Direção Nacional de História de Moçambique.

[046] - Vila Algarve em 2007. Fonte: Direção Nacional de História de Moçambique.

[047] - Vila Algarve em 2013. Fonte: Direção Nacional de História de Moçambique.

[048] - Vila Algarve em 2022. Fotografia da Autora.

[049] - Desenho da Autora.

[050] - Desenho da Autora.

[051] - Desenho da Autora.

[052] - Desenho da Autora.

[053] - Desenho da Autora.

[054] - Desenho da Autora.

[055] - Fotografia da Autora.

[056] - Fotografia da Autora.

[057] - Fotografia da Autora.

[058] - Fotografia da Autora.

[059] - Fotografia da Autora.

[060] - Fotografia da Autora.

[061] - Fotografia da Autora.

[062] - Fotografia da Autora.

[063] - Fotografia da Autora.

[064] - Fotografia da Autora.

[065] - Fotografia da Autora.

[066] - Fotografia de Amilton Neves.

[067] - Fotografia de Amilton Neves.
[068] - Fotografia de Amilton Neves.
[069] - Fotografia de Amilton Neves.
[070] - Fotografia de Amilton Neves.
[071] - Interior da Casa-Museu do Malangatana. Fonte: Mutxhini Ngwenya https://www.conexaolusofona.org/malangatana-o-pincel-que-se-calou-ha-cinco-anos/.
[072] - Interior da Casa-Museu do Malangatana. Fonte: Mutxhini Ngwenya https://www.conexaolusofona.org/malangatana-o-pincel-que-se-calou-ha-cinco-anos/.
[073] - Interior da Casa-Museu do Malangatana. Fonte: Mutxhini Ngwenya https://www.conexaolusofona.org/malangatana-o-pincel-que-se-calou-ha-cinco-anos/.
[074] - Escultura do Memorial às Vítimas do Massacre Judaico . https://portugaleos-judeus.wordpress.com/2008/05/08/reportagem-fotografica-da-inauguracao-do-memorial/.
[075] - Fotografia da Autora.
[076] - https://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio_Nacional_da_Pena.
[077] - https://www.civitatis.com/ar/lisboa/excursion-sintra-palacio-pena-monserrate/.
[078]-https://ikweli.co.mz/2022/02/01/nova-democracia-exige-encerramento-temporario-da-praca-dos-herois/.
[079] - https://mozambique.fes.de/temas/paz-e-seguranca.
[080] - Fotografia da Autora.
[081] - Fotografia da Autora.
[082] - https://en.wikipedia.org/wiki/Maximum_Security_Prison,_Robben_Island
[083] - Autor: Grant Durr. https://unsplash.com/photos/pl3kDdtHkjY.
[084] - https://blog.archtrends.com/museu-judaico-de-berlim-uma-experiencia-sensorial/.
[085] - https://www.meer.com/pt/22115-ausencia-e-permanencia-em-berlim.
[086] - https://www.meer.com/pt/22115-ausencia-e-permanencia-em-berlim.
[087] - Desenho da Autora.
[088] - Desenho da Autora.
[089] - Desenho da Autora.
[090] - Desenho da Autora.
[091] - Vila Algarve em 1970. Fonte: https://housesofmaputo.blogspot.com.
[092] - Corredor Casa Koshino. Fonte: https://ardetails.home.blog/2020/08/04/tadao-ando-master-of-light/.
[093] - Sala de Estar Casa Koshino. Fonte: https://www.themodernhouse.com/jour-

nal/house-of-the-day-koshino-house-by-tadao-ando/.
[094] - Corredor Casa Koshino. Fonte: https://ardetails.home.blog/2020/08/04/tadao-ando-master-of-light/.
[095] - Corredor Monologue Art Museum. Fonte: https://aasarchitecture.com/2022/08/monologue-art-museum-by-wutopia-lab/.
[096] - Corredor Monologue Art Museum. Fonte: https://amazingarchitecture.com/museum/monologue-art-museum-in-qinhuangdao-china-by-wutopia-lab.
[097] - Corredor Monologue Art Museum. Fonte: https://amazingarchitecture.com/museum/monologue-art-museum-in-qinhuangdao-china-by-wutopia-lab.
[098] - Cuandra San Cristóbal, México. Luis Barragán. Fonte: https://www.emanueledangelo.com/prints/luis-barragan-equestrian-house-mexico-city.
[099] - Casa Gilard, México. Luís Barragán. Fonte: https://www.admagazine.com/cultura/luis-barragan-esta-pelicula-explora-la-casa-gilardi-en-la-ciudad-de-mexico-20191127-6215-articulos.
[100] - Casa Gilard, México. Luís Barragán. Fonte: https://shop.designmiami.com/blogs/news/intoxicating-color.
[101] - Desenho da Autora.
[102] - Colagem da Autora.
[103] - Colagem da Autora.
[104] - Colagem da Autora.
[105] - Colagem da Autora.
[106] - Desenho da Autora.
[107] - Desenho da Autora.
[108] - Desenho da Autora.
[109] - Desenho da Autora.
[110] - Desenho da Autora.
[111] - Desenho da Autora.
[112] - Desenho da Autora.
[113] - Desenho da Autora.
[114] - Desenho da Autora.
[115] - Desenho da Autora.
[116] - Desenho da Autora.
[117] - Desenho da Autora.
[118] - Desenho da Autora.

[anexo a]

[cronologia] - Colagem da Autora. Fontes:
www.houseofmaputo.blogspot.com.
https://www.rtp.pt/programa/tv/p34875/e5.
https://www.dn.pt/portugal/antiga-sede-da-pide-em-maputo-transformada-em-museu-4460363.html.
https://edition.cnn.com/2015/07/07/world/gallery/cnnphotos-mozambique-children-streets/index.html.

[colagem] - Colagem da Autora. Fonte: www.houseofmaputo.blogspot.com.

[anexo b]

[reportagem fotográfica] - Fotografias da Autora.
[levantamento] - Desenhos da Autora.

[anexo c]

[desenhos à escala 1:200] - Desenhos da Autora.
[vermelhos e amarelos] - Desenhos da Autora.